



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História

**Uma história para a nova nação: George Wrong (1860-1948) e o
estabelecimento da história crítica no Canadá.**

Dissertação de mestrado

Linha de pesquisa Ideias, Historiografia e Teoria

Gabriel Araújo Feitosa

**Brasília
2018**

Sumário

Introdução:	3
Capítulo 1. Uma história para a nova nação	13
1.1. A formação: Wrong e o Canadá sob influência do imperialismo ...	13
1.2. A Universidade de Toronto guia o avanço da historiografia crítica	28
1.3. Sociedades e Redes	40
Capítulo 2. <i>British Nation</i>: a peça-chave	52
2.1. George Wrong e os sistemas escolares	52
2.2. A produção historiográfica	70
Conclusão	94
Referências	101
Bibliografia	101
Fontes	107

Introdução

Este trabalho é um estudo sobre o historiador George Mckinnon Wrong (1860-1948), e investiga a sua atuação para o processo de formação do Canadá pelos âmbitos da historiografia e da educação. Partindo do questionamento de como Wrong pensa e constrói uma história para a nação que se estabelece em seu tempo de vida, busca-se interpretar também como essas ideias se expressam em sua obra e em sua proposta para a educação, considerando a sua ampla atuação a favor da profissionalização e da institucionalização da história. Ele é uma figura central nos estudos históricos do Canadá, muito influente na história do pensamento político do país na primeira metade do século XX, e se relaciona intimamente com os sujeitos que dirigiam o processo de consolidação das estruturas nacionais. Wrong integra a primeira geração de historiadores profissionais no Canadá, que lança as bases ideológicas e institucionais da escrita da história na jovem nação, e que participa da construção dos sistemas públicos de ensino que são estabelecidos nas províncias do país. É um objetivo desta pesquisa perceber quais são os modelos de historiografia em que Wrong se inspira, em que grupos dedicados ao conhecimento histórico ele estava engajado, qual a importância de sua obra escrita para a historiografia do Canadá e quais os preceitos didáticos que defende.

O trabalho se orienta em torno de dois eixos problemáticos que dão origem aos capítulos da dissertação. O primeiro é propriamente relacionado à formação de George Wrong e do Canadá, e reflete sobre o panorama de ideias que orienta o processo de constituição da nação, e no qual Wrong estava inserido. Este eixo considera a rede de agentes que promovia o avanço da história nacional por meio de instituições de preservação e divulgação do conhecimento histórico, como o Arquivo Nacional, as revistas de crítica histórica e os grupos de debate imperialista, e interpreta as suas ações em relação a uma moldura ideológica e teórica que se expressa nas concepções acerca da história. Essas questões requerem também uma análise do processo de profissionalização da história no Canadá, que no pensamento de Wrong deve se orientar para o ensinamento moral e para questões sociais, em detrimento da cientificidade. O segundo eixo de questões reúne um estudo dos aspectos didáticos, bem como da produção historiográfica de George Wrong, buscando a percepção de como as ideias advindas daquele contexto se expressam e são ressignificadas em sua obra. Fazemos a interpretação de sua produção escrita para que possamos entender os temas que eram urgentes

no momento, os métodos utilizados, a circulação das obras e a sua função para aquele processo de formação nacional. Da mesma forma, analisamos documentos provenientes do sistema educacional canadense no período de vida de George Wrong, além de suas obras que tocam na questão do ensino, de forma que possamos interpretar as ideias investidas na educação para um projeto específico de país.

Esta dissertação também busca refletir sobre questões mais específicas que surgem para que possamos investigar os dois problemas gerais (o de como Wrong participa da construção de uma história para o Canadá, e o de como estas ideias se refletem em suas obras de historiografia e em seu projeto para o ensino de história). Entre os objetivos específicos relacionados à formação da nacionalidade canadense, devemos investigar os preceitos que orientam as instituições de interesse histórico fundadas no Canadá e a rede de indivíduos que se articula em torno delas, situar George Wrong dentre as ideias referentes à historiografia naquele momento, e interpretar o nacionalismo canadense em associação ao imperialismo que se expressava de forma dominante no cenário intelectual do país. Em seguida, em uma análise da produção de Wrong, devemos interpretar as relações entre o sistema público de ensino e a sociedade canadense, percebendo as ideias que se consolidam nas propostas de Wrong. Vamos conhecer os temas e métodos pelos quais se constrói a sua historiografia, analisando como ela se relaciona com o processo de identificação do Canadá, e por fim, vamos investigar a função que a visualidade tem em suas concepções para a teoria da história e para a didática, considerando-a na sua expressão textual e na forma de imagens, ambas muito presentes no pensamento de Wrong.

A obra que melhor articula os dois eixos é *The British Nation: A History* (1903), publicada no Canadá e nos Estados Unidos. Trata-se de um livro de história britânica para estudantes colegiais, um gênero de escrita que Wrong exerce raras vezes, apenas na primeira década do século, mas a exceção convida a maiores reflexões do que a regra. Esta é uma obra em que a preocupação didática molda a narrativa e organiza os eventos, os conceitos, os lugares e as imagens de uma nação de vários Estados, configurando um trabalho de quase setecentas páginas que representam toda a história britânica. O passado da nação ganha vida nas palavras de Wrong, mas para ele são as imagens escolhidas para acompanhá-las que representam e explicam os eventos recontados, são “*sobreviventes do passado*”,¹ necessárias para o ensino de história em uma nação que não possui prédios históricos ou monumentos,

¹ WRONG, George M. *Suggestions to Teachers*. Toronto: Morang & Co., 1905. pg. 5

“fontes valiosas de informação sobre o passado”.² A primeira ordem de questões que se impõem ao leitor é no sentido de compreender o que é a *British Nation* de George M. Wrong, quais os elementos de que se compõe, qual a história de sua formação e quais os valores que carrega. A ideia central que responde a estas indagações é de que a nação britânica é composta por todos os Estados que integravam o Império Britânico naquele momento, unidas pelo passado e pelo mar. O Canadá seria o filho pródigo da Inglaterra, o lugar onde os ideais que se construíram em milênios de “civilização” europeia podem gerar uma nova sociedade, livre, porém ainda ligada à mãe. O mar é o agente natural do desenvolvimento do Império,³ o espaço que se abre para um povo fadado à exploração, e que serve de arena para os confrontos da história. Os vencedores carregam o fardo da superioridade, e tem o dever de fazer ordem e segurança para um quarto do mundo, servindo de exemplo para todo ele.

A publicação desta obra atende uma demanda que George Wrong já havia identificado em 1898, no texto *History in Canadian Secondary Schools*, publicado no relatório da *American Historical Association* chamado *The Study of History in Schools*. Wrong aponta a falta de qualidade dos livros didáticos disponíveis no Canadá como uma das quatro urgências que devem ser supridas no ensino de história no país. Ele enfatiza a dificuldade em realizar esta tarefa:

To pick out the salient features of a nation's history and to describe them with both scientific precision and literary charm are tasks requiring rare gifts. Until our best minds turn to the unattractive but useful task of writing history textbooks, we shall not have what we need.⁴

Cinco anos depois, a útil e pouco atraente tarefa foi cumprida por ele mesmo, e a obra é publicada no Canadá sob a aprovação do Ministério de Educação da província de Ontario.⁵ O objetivo de reunir as características mais notáveis da história britânica está expresso logo no prefácio, mas o sucesso de tal proposta é ainda uma questão a ser elucidada. A narrativa de *The British Nation* é a da história inglesa, e aspectos como a evolução política e as características culturais dos outros Estados que compõem a Britânia de Wrong são deixados

² Ibidem. Pg. 4.

³ WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. pg. 2

⁴ WRONG, George M. *History in Canadian Secondary Schools*. In: *The Study of History in Schools*. American Historical Association, New York, 1898.

⁵ WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. pg. V

de fora da obra. Um único capítulo, o último, condensa a história de todos os *Dominions* sob o ponto de vista do conquistador, reunindo o passado e o destino das centenas de povos subjugados pelo Império Britânico. Esta valorização da origem britânica do Canadá é representativa da obra escrita de Wrong, e é também uma característica de suas atividades na sociedade canadense. Além de *The British Nation*, obras como *The Earl of Elgin* (1905) e *A Canadian Manor and Its Seigneurs, the story of a hundred years, 1761-1861* (1908), tomam como objeto a inserção do Canadá em uma rede imperial britânica para construir uma narrativa nacional que glorifica o país do extremo norte americano, enaltecendo a participação no desenvolvimento do sistema político britânico, o crescimento “pacífico” da nação e o pertencimento à maior potência econômica e militar do globo. No espaço das relações sociais, Wrong promove o imperialismo ao integrar o *Round Table Movement*, grupo de debate e publicação de textos acerca das questões concernentes ao império e que possui células e contribuidores em cinco continentes,⁶ além de moldar o seu departamento de história moderna na Universidade de Toronto com ideias e pessoal provenientes de Oxford, deliberadamente com o objetivo de formar uma elite intelectual à semelhança inglesa.⁷

George Mckinnon Wrong nasceu em uma vila rural no condado de Elgin, na atual província de Ontario, à época ainda chamada de Canadá Oeste, e que até 1841 se chamara *Upper Canada*. Wrong concluiu as primeiras etapas da educação formal em uma escola pública em Elgin, antes de viver uma temporada com parentes em Toledo, no estado americano de Ohio. De descendência inglesa e escocesa, a família de Wrong vivia em modestas condições, e após o término da educação básica, o jovem foi à capital da província para prosseguir os estudos. Ele se converte ao anglicanismo e é aprovado no *Wycliffe College*, uma escola de teologia que há poucos anos fora fundada em Toronto, onde passa a ter contato com a interpretação de textos históricos. Simultaneamente, Wrong se matricula no *University College* da Universidade de Toronto, onde estuda Filosofia Mental e Moral e Política Civil. Concluídas a graduação e a ordenação, George Wrong retorna ao *Wycliffe College* na condição de professor, e lá esteve por mais nove anos lecionando Apologética e História Eclesiástica. Na década de 1880, ele dividia a docência com a atuação social, seja pela organização de eventos de caridade, seja divulgando o conhecimento da cristandade através

⁶ The Round Table. *A Quarterly Review of the Politics of the British Empire*. Vol. I. November 1910 to August 1911. Arden Press, London, 1911.

⁷ WRIGHT, Donald. *The Professionalization of History in English Canada*. University of Toronto Press, Toronto, 2005. Pg. 36

da *Toronto Mission Union*, organização que promovia aulas e encontros de discussão bíblica.⁸ Em Wycliffe o seu trabalho recebeu a aclamação dos colegas, como do diretor da instituição, Reverendo James P. Sheraton: “*Sua carreira aqui foi marcada ano a ano por sua conscienciosa devoção ao trabalho, seu sempre crescente conhecimento de suas disciplinas, e sua habilidade e sucesso como professor*”.⁹

Nos últimos anos em Wycliffe, George Wrong passa a se aproximar de um próximo estágio profissional como historiador. Os meses passados em universidades europeias, a que Wrong chama de “*longas férias*”¹⁰, significaram efetivamente uma especialização na história crítica praticada nas principais academias do mundo. No verão de 1890 ele vai a Berlim para estudar história, e dois anos depois, vai a Oxford, onde conclui a sua primeira obra do gênero.¹¹ As temporadas em universidades germânicas, francesas ou inglesas eram pré-condições para a obtenção de autoridade como figura pertencente a uma história progressivamente mais profissional, e os pais fundadores de historiografias nacionais compartilhavam esta experiência transnacional, na maioria das vezes moldando os departamentos em suas universidades locais à imagem das instituições europeias.¹² Além do trabalho de pesquisa entre os imensos recursos de Oxford, a estadia serviu para que Wrong apreendesse o funcionamento institucional da universidade, o que seria no futuro a base da reformulação que comanda no departamento de história em Toronto.¹³ Neste período de transição para uma carreira exclusivamente como historiador, Wrong escreve uma obra que irá lhe propiciar o reconhecimento como pesquisador em história. *The Crusade of 1383, known as that of the Bishop of Norwich* (1892) é publicada em Oxford no mesmo ano em que foi escrita. Trata-se de um livreto que seria parte de um estudo mais completo sobre o século XIV, consistentemente apoiado em corpus documental listado ao final da obra. O trabalho de Wrong agrada historiadores atuantes em grandes universidades inglesas, como Oxford, Manchester e Cambridge, em elogios como “*escrito de uma forma genuinamente crítica*”,

⁸ BERGER, Carl. *The Writing of Canadian History: Aspects of English Canadian Historical Writing*. University of Toronto Press, Toronto. 1986. Pg. 8.

⁹ University of Toronto. *Application and Testimonials of George M. Wrong, B.A., for the post of Professor of History in the University of Toronto*. Toronto, 1984. Pg. 5.

¹⁰ University of Toronto. *Application and Testimonials of George M. Wrong, B.A., for the post of Professor of History in the University of Toronto*. Toronto, 1984. Pg. 2.

¹¹ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 29.

¹² BERGER, Stefan. “*Fathers’ and Their Fate in Modern European National Historiographies*”, *Storia della Storiografia* 59-60, 2011, Pg. 233-234

¹³ BERGER, Carl. 1986. Pg. 10.

“uma imagem viva e precisa do episódio” e “um relato detalhado e atento”.¹⁴ Jornais de grande circulação também ressaltam a “profunda pesquisa” e o “exame de todos os documentos originais com escrupuloso cuidado”,¹⁵ e de forma geral, pode-se afirmar que este trabalho foi a entrada bem sucedida de Wrong no campo da pesquisa e da crítica histórica.

A candidatura de George Wrong para uma vaga na Universidade de Toronto aconteceu em 1892, após a sua temporada em Oxford, quando um senso de missão¹⁶ o tomou após a notícia da morte do então professor Daniel Wilson. A ele faltava o título que atestasse um treinamento formal em história, e carregava apenas uma publicação de destaque em seu histórico, mas Wrong parecia agregar as habilidades necessárias para exercer o trabalho e conduzir o departamento. Ele ocupou o cargo provisoriamente por dois anos na condição de *lectureship*, aceitando um pagamento parcial enquanto demonstrava a sua competência. Em seguida, a universidade abre um processo seletivo para o qual Wrong compete, agora com o prospecto de uma contratação definitiva. Um documento publicado pela universidade em 1894 traz a candidatura de Wrong anexada aos depoimentos de figuras do meio educacional canadense que endossaram a admissão dele. No texto entregue por Wrong, ele demonstra os aspectos que o credenciam na prática da pesquisa histórica, bem como a concepção de história sobre a qual baseará o seu trabalho: longas temporadas em Berlim e Oxford; a devoção à arte de ensinar por sete anos; a experiência com a pesquisa histórica, especialmente a publicação de uma obra em Oxford que trata da vida medieval; a adoção do método de pesquisa que privilegia as *autoridades originais*, o qual busca implantar em Toronto; e a sua recente incursão pela história do Canadá, que será consolidada em uma obra ainda em andamento.¹⁷ O texto de candidatura conclui com a esperança de Wrong em expandir e aprimorar o curso de história na universidade, em confluência com aqueles tempos de “renascido interesse histórico”¹⁸ em que vive.

A contratação de George M. Wrong para o posto de professor de literatura inglesa, história e etnologia em substituição a seu antigo mestre, Sir Daniel Wilson, concretizada em

¹⁴ University of Toronto. *Application and Testimonials of George M. Wrong, B.A., for the post of Professor of History in the University of Toronto*. Toronto, 1984. Pg. 15.

¹⁵ *Idem*.

¹⁶ “Nesta noite, eu passei um tempo ajoelhado pedindo a orientação de Deus... Eu peço a Deus que me dê o que é melhor. Eu me curvo à sua vontade e Ele parece me dizer que o certo é fazer esta mudança”. WRONG, G. 1892. Apud. WRIGHT, Donald. *The Professionalization of History in English Canada*. University of Toronto Press, Toronto, 2005. Pg. 30.

¹⁷ University of Toronto. *Application and Testimonials of George M. Wrong, B.A., for the post of Professor of History in the University of Toronto*. Toronto, 1894. Pg. 1-3.

¹⁸ *Ibidem*. Pg. 2

1894, foi cercada de controvérsias em função de sua posição privilegiada adquirida pelo matrimônio com Sophia Blake, filha do eminente político e então Chanceler da Universidade Edward Blake. Apesar dos diversos depoimentos corroborando a adequação de Wrong para o cargo, tanto por sua experiência na área de educação, quanto pela atestada competência como historiador, Blake, seu sogro, foi acusado de favorecer e interceder a favor da contratação do genro, dando origem a uma greve estudantil a que se seguiu um comitê de inquérito do governo, concluído sem confirmar as acusações.¹⁹ Em relação a Daniel Wilson, seu antecessor, Wrong significava um passo em direção às ideias mais atuais da historiografia crítica e especializada, visto que Wilson possuía os traços de uma ampla formação humanista, carregando os conhecimentos de áreas de atuação tão diversas como a arqueologia, a etnologia, a geologia, a literatura e a pintura. Criado cavaleiro em 1888, Wilson desdobrava-se na cátedra que conjugava história, etnologia e literatura inglesa, além de ocupar o posto de presidente da universidade desde 1880 até a sua morte em 1892, o que fazia com que o fomento dos estudos históricos na universidade e a produção historiográfica ocupassem uma posição inferior entre seus esforços.²⁰ O próprio Wrong reconhece em sua aula inaugural o “*enorme fardo*”²¹ que Daniel Wilson carregava na universidade.

Nos trinta e três anos em que esteve na cátedra de história da Universidade de Toronto, Wrong foi a figura central na condução dos estudos históricos a nível nacional, estando envolvido em todos os grandes empreendimentos do campo por mais de três décadas. Ao final do século XIX, é sua a iniciativa de fundação de uma revista especializada em crítica histórica, a *Review of Historical Publications Relating to Canada*, que em 1920 se expande e é reformulada sob o título de *Canadian Historical Review*. A revista de crítica histórica foi a primeira a avaliar as publicações da área no país, contribuindo para a profissionalização da prática historiográfica ao impor critérios mínimos sobre o rigor dos textos e o compromisso com a pesquisa histórica, tornando-se o principal veículo de autoridade na definição do que poderia ou não ser considerado história.²² Ele é um dos articuladores de um grande projeto nacional de catalogação e publicação de fontes históricas canadenses, que parte do Arquivo

¹⁹ BERGER, Carl. 1986. Pg. 9.

²⁰ GRANT. *Sir Daniel Wilson*. In: 1911 Encyclopædia Britannica, Volume 28. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Wilson,_Sir_Daniel. Acesso em: 07/03/18.

²¹ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. pg. 4

²² WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 32.

Nacional sob direção de um próximo amigo de Wrong,²³ Arthur Doughty, e se expressa em entidades como a *Historical Manuscripts Commission*,²⁴ a *Champlain Society*²⁵ e a série *Canada and Its Provinces (1913-1918)*²⁶, iniciativas que colocam a pesquisa histórica no centro da proposta de criação de uma nova história canadense e pensam a renovação da historiografia por meio das fontes.²⁷ Em meio a esses empreendimentos, Wrong também integrou a *Ontario Educational Association*, o principal espaço pelo qual influencia a educação básica no país, contribuindo na elaboração das diretrizes para os sistemas públicos de ensino e pela produção de livros didáticos, privilegiando a história moderna, a historiografia pautada em fontes primárias e a introdução da história do Canadá desde os primeiros anos da escolarização.²⁸

O processo de formação de uma identidade canadense também passa pela oposição histórica aos Estados Unidos, resultado de tensões políticas e militares existentes desde a guerra de independência estadunidense no século XVIII, e que no tempo de vida de Wrong se acentuam por consequência de hipóteses anexionistas vindas do próprio Canadá,²⁹ e do assombroso crescimento econômico do vizinho do sul. Neste ponto a importância de George Wrong é destacada, tendo em vista as suas profundas relações com o meio acadêmico dos EUA – que resulta na publicação de diversos artigos em periódicos estadunidenses e na sua indicação honorária à *American Historical Association* – e os textos de sua autoria que refletem sobre os modelos políticos dos dois países e sobre suas características sociais. Vamos investigar qual o seu posicionamento em um cenário intelectual canadense em que coexistem a defesa do imperialismo, o anti-americanismo, e a proposta anexionista, considerando a influência da perspectiva histórica sobre a presença de tais ideias. O posicionamento do Canadá perante os Estados Unidos é um aspecto definidor da sua atuação no cenário das relações internacionais, principalmente após a Primeira Guerra Mundial, e a leitura das obras

²³ AVERILL, Harold. *George M. Wrong Family*. University of Toronto Archives, Toronto, 2005. Pg. 13.

²⁴ LACASSE, Danielle; LACHASSEUR, Antonio. *The National Archives of Canada (1872-1997)*. The Canadian Historical Association Historical Booklet n.58. Ottawa, 1997. Pg.7

²⁵ LAMB, W.K. *Champlain Society*. In: The Canadian Encyclopedia, 2014. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/champlain-society/> Acesso em: 07/03/2018

²⁶ SHORTT, A. DOUGHTY, A. eds, *Canada and Its Provinces*. 23 vols (Toronto: Publishers' Association of Canada, 1913): Vol. 1, ix

²⁷ LACASSE, Danielle; LACHASSEUR, Antonio. 1997. Pg.6.

²⁸ Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-second annual Convention*. Toronto, 1903.

²⁹ BELANGER, Damien-Claude. *Pride and Prejudice: Canadian intellectuals confront the United States, 1891-1945*. McGill University. Montreal, 2005. Pg. 3.

de Wrong acerca do tema nos permitirá perceber quais projetos se afirmam para uma identidade canadense que reivindica autonomia frente aos gigantes anglófonos.

Fundador da primeira revista de crítica histórica no Canadá, presidente da *Canadian Historical Association* nos anos de 1926 e 1927, autor de mais de uma dezena de livros, editor da imensa série *Canada and Its Provinces* (1914-1916), Wrong se aposenta da universidade em 1927 e vem a falecer em 1948. Para a produção desta dissertação foram analisadas as fontes disponíveis em arquivos digitais disponibilizados gratuitamente online por universidades do Canadá e dos Estados Unidos. Todos os livros foram considerados para o conhecimento geral de sua obra, e os artigos foram selecionados de acordo com a relevância de suas temáticas para a pesquisa. Quanto ao livro didático *The British Nation: a History*, foram encontradas reedições até o ano de 1922, mas focamos a análise em um exemplar de 1905 que é impresso em Toronto e utilizado nas escolas da província de Ontario, acompanhado por um livreto anexo que se destina aos professores. Os outros manuais didáticos atribuídos a Wrong foram estudados mas não figuram nesta dissertação, principalmente porque apresentam os elementos encontrados em *The British Nation* em menor escala e vigor. Alguns dos documentos mais relevantes para o trabalho foram publicados pela própria Universidade de Toronto logo nos anos seguintes aos eventos a que se referem, como o *Application and Testimonials of George M. Wrong, B.A., for the post of Professor of History in the University of Toronto* (1894) e a palestra inaugural *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture* (1895). Sempre que possível, foram utilizadas as versões digitais de documentos originais da fundação ou dos encontros de instituições como o *Round Table Movement*, a *Historical Manuscripts Commission* e a *Ontario Educational Association*, privilegiando a interpretação das ideias que veiculavam, e não apenas daquilo que a historiografia lhes atribui.

Utilizamos como referencial para uma leitura da história da historiografia conceitos como institucionalização e profissionalização, considerando a ocorrência destes processos no largo espaço dos estudos históricos do ocidente. A historiografia do Canadá possui um volume de informações expressivamente menor do que a dos Estados Unidos, e o seu estudo faz necessário que se considere o quadro continental de referência e as relações imperiais no desenvolvimento de tais processos. Por este motivo, buscamos fazer uma leitura da historiografia canadense que buscasse seus referenciais teóricos no mundo anglófono como

um todo, enfatizando-se a influência inglesa no país naquele momento.³⁰ A obra que lança as bases da história da historiografia no Canadá é *The Writing of Canadian History: Aspects of English Canadian Historical Writing*, escrita em 1971 por Carl Berger. O livro faz um exame do pensamento e da produção literária do Canadá anglófono desde a virada para o século XX, detendo-se sobre a obra dos autores mais significantes para a compreensão do passado canadense. Wrong é personagem do primeiro capítulo junto com Adam Shortt, sob o título de *The Founders of Critical History*. Ele é visto como a figura de transição da história amadora para uma disciplina baseada na universidade, e repousa no mesmo patamar que Edward Freeman, Herbert Baxter Adams e John Burgess entre os homens de língua inglesa que promoveram o espírito científico nos estudos históricos de seus países. Berger reconhece a moderação de Wrong em abraçar o projeto da história científica (enquanto Shortt aceita-o radicalmente)³¹, mas o define como um historiador que constrói o caminho para a crítica histórica baseando-se nos ideais educacionais de Oxford (Freeman, Stubbs e Lord Acton são as suas principais referências)³². Assim, Berger ressalta sua atuação no departamento de história da Universidade de Toronto, o qual dirige e amplia entre 1895 e 1927 seguindo os moldes de Oxford, e constrói entre as duas instituições uma ponte de intercâmbio de professores e estudantes. A atuação de Wrong na vida pública canadense é também destacada pela fundação e participação na *Royal Society*, no *Historical Club*, *Champlain Society*, *Canadian Historical Association* e na *Ontario Educational Association*.

Outra referência fundamental para uma investigação sobre a atuação de Wrong no âmbito da historiografia profissional é Donald Wright, que revisita a história da historiografia de seu país na busca pela profissionalização do ofício, em sua obra *The Professionalization of History in English Canada* (2005). Wrong é novamente visto como o principal agente a favor da história profissional de sua geração, em que se ressalta a fundação da *Review of Historical Publications Relating to Canada*, fundamental na aplicação de métodos de crítica interna e externa sobre textos de interesse histórico, reconhecendo a influência do “*modelo rankeano*” e da associação histórica dos Estados Unidos no pensamento de Wrong.³³ A história da historiografia negligencia a aplicação dos preceitos teóricos para a educação geral, e pouco informa sobre as relações entre os sistemas públicos de ensino e o projeto nacional e histórico

³⁰ A questão québécoise, a incorporação do Canadá Francês pela porção anglófona, perpassa a obra de George Wrong e também esta dissertação. Entretanto, uma análise da história da historiografia canadense em Francês merece um trabalho específico, e não figura entre os objetivos deste estudo.

³¹ BERGER, Carl. 1986. Pg. 31.

³² Ibidem, pg.7.

³³ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 32.

que se funda no Canadá, de forma que a nossa interpretação deverá buscar na história da educação e nos documentos das instituições educacionais as informações sobre esta questão.

Capítulo 1

Uma história para a nova nação.

1.1. A formação: Wrong e o Canadá sob influência do imperialismo.

O período de vida do historiador canadense George Mckinnon Wrong coincide com a formação de uma identidade nacional em seu país. Entre 1860 e 1948 as antigas colônias britânicas na América do Norte atravessaram um processo de unificação política que muda radicalmente o senso de reconhecimento da população local, partindo de um emaranhado de povos e culturas advindas dos quatro cantos do mundo, sob orientação e ordenação britânica, para uma unidade que acreditava fortemente no papel do país como uma nação independente nas relações internacionais.³⁴ Entre os eventos políticos locais mais importantes vivenciados por Wrong, podemos apontar dois que representam a evolução dos territórios setentrionais da América de uma condição colonial para a autonomia política,³⁵ e que foram questões centrais do seu trabalho literário: a Confederação do Canadá de 1864 a 1867; e o Estatuto de Westminster de 1931. A formação do Canadá é consequência de um processo que se inicia a partir de 1864, e que toma forma como *Dominion*, termo que significa a união das províncias britânicas remanescentes na América do Norte com um status de país que é colônia do Império Britânico, mas tem autonomia para governar a si mesmo.³⁶

As questões relativas ao processo de formação do Canadá e a constituição política da nação são os temas centrais da produção historiográfica de George Wrong, expressos em obras como *The Federation of Canada* (1917), *United States and Canada: A political study* (1921), e *Canada and the American Revolution: The disruption of the first British Empire*

³⁴ BUCKNER, Philip; FRANCIS, R. Douglas. Eds. *Introduction*. In: *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006. Pg.2.

³⁵ BELANGER, Damien-Claude. *The Statute of Westminster (1931)*. In: *Québec History*, 2001. Disponível em: <http://faculty.marianopolis.edu/c.belanger/quebechistory/federal/1931.html> . Acesso em: 12/12/2017.

³⁶ FORSEY, Eugene A. *Dominion of Canada*. *The Canadian Encyclopedia*, 2017. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/dominion/>. Acesso em: 15/12/2017.

(1935). Além disso, são questões que orientam a sua atuação nos meios político e educacional, pelos quais trabalhou por uma história para a nação recém constituída, e é importante conhecer as formas que elas tomam em seu trabalho e as respostas que ele propõe. Ele fez parte do grupo de homens que, ao final do século XIX, constituiu uma tradição imperialista, caracterizada pela defesa do estreitamento dos laços com o Império Britânico por meio da cooperação econômica e militar, e por mudanças políticas que dariam aos *dominions* a influência sobre a diplomacia imperial.³⁷ Isso significou também a reprodução de ideias advindas do ambiente intelectual britânico e a construção de instituições aos moldes daquelas existentes na Inglaterra por cidadãos canadenses em privilegiadas posições de sua sociedade.³⁸ Aos olhos de George Wrong, o grande triunfo do projeto nacional foi a adoção de um modelo político espelhado no Reino Unido, unificado pela “*sabedoria da monarquia*”³⁹, e “*organizado em um único Estado, em que as várias unidades possuem poderes prescritos*”⁴⁰.

Intimamente ligado às diretrizes imperiais estabelecidas na Era Vitoriana, o *British North America Act* de 1867 forneceu a estrutura política e constitucional para a Confederação, estabelecendo um governo federativo que unificava as províncias inglesas na América do Norte em um novo país chamado Canadá. A natureza imperialista deste acordo é expressa na página de abertura do documento, que declara como finalidade da união “*a promoção dos interesses do Império Britânico*”⁴¹, e não a emancipação política e social do país, e significou na prática um projeto político de expansão para o oeste e o fortalecimento da capacidade de auto-governo dos canadenses frente aos vizinhos dos Estados Unidos, com a manutenção da lealdade à coroa inglesa.⁴² O modelo federativo permitiu a coexistência de grupos distintos sob uma mesma constituição, e mesmo com a constante tensão entre o lado francês e a maioria anglófona, o Canadá evoluiu continuamente até alcançar o pleno domínio territorial do extremo norte do continente americano, da costa atlântica até o pacífico, já ao final do século XIX. A formação do espaço geográfico canadense se deu de forma rápida e relativamente pacífica, mas o desenvolvimento de uma sociedade nacional é um processo muito mais longo e conflituoso.

³⁷ BERGER, Carl. *The Sense of Power: Studies in the ideas of Canadian imperialism*. Toronto, University of Toronto Press, 1970. Pg. 3.

³⁸ Imperial Federation League in Canada: report of the first meetings of the League in Canada, held in Montreal, Saturday, 9th May, 1885. Pg. 1-7.

³⁹ WRONG, George. *The Creation of the Federal System in Canada*. In: Federation of Canada (1867-1917). Toronto, Oxford University Press, 1917. Pg. 21.

⁴⁰ Ibidem. Pg. 24

⁴¹ British North American Act, 1867. 30 & 31 Victoria, c.3 (U.K.) Pg.1.

⁴² RIENDEU, Roger. *A Brief History of Canada*. New York, Facts on File, 2007. Pg.187.

Em meados do século XIX a união entre as províncias britânicas na América do Norte vinha sendo planejada como uma solução para a sombra lançada pelo crescimento econômico e a ambição dos Estados Unidos.⁴³ Na costa leste do atual Canadá estavam os assentamentos urbanos mais desenvolvidos economicamente, em que prevaleciam as províncias do Québec e de Ontário. O leste havia sido ocupado pelos franceses, e após a Guerra dos Sete Anos, que culmina no Tratado de Paris (1763), foi cedido ao império britânico. O Québec nunca se desvencilhou plenamente dos laços com os franceses e, além do idioma, compartilha com eles a religião católica. Ontário se beneficia da proximidade com os Estados Unidos e se configura em uma região comercial e urbana, essencialmente inglesa, e atraiu um grande número de refugiados da Revolução Americana, lealistas britânicos em sua maioria, que integram a massa protestante residente ali. Terra Nova e Nova Escócia são as outras duas províncias do leste que compõem o primeiro arranjo político a que se chamou Canadá, e naquele momento eram antigas colônias que subsistiam da pesca e da agricultura. Do outro lado do continente havia a British Columbia, o resultado de uma esparsa ocupação britânica ao longo da costa pacífica. Pouco povoada e de urbanização incipiente, a província era valiosa para um futuro projeto transcontinental, que daria à poderosa marinha britânica a ligação terrestre entre os dois maiores oceanos do globo. No vasto interior, dominado por gelo e montanha, estavam áreas de possessão britânica, mas que efetivamente abrigavam centenas de povos nativos que mantinham diferentes níveis de relação com os europeus. Eram essas as peças a serem combinadas para a formação do Canadá, entregues nas mãos de uma elite econômica situada na costa leste que agiu utilizando-se das ferramentas do capitalismo para produzir uma nação. As medidas inaugurais tomadas pelo primeiro ministro Sir John A. Macdonald (1815-1891) para induzir uma nova nacionalidade foram a adoção de tarifas protecionistas, a construção da ferrovia transcontinental e o impulso para a ocupação do oeste, o que, no início do século seguinte, não se traduzia em coesão social, quando ainda era marcada a divisão entre opiniões em relação ao pertencimento à cultura britânica.⁴⁴

George Wrong acompanhou em sua mocidade os esforços dos canadenses para se organizarem como uma federação, e versou sobre isso em sua palestra de comemoração ao cinquentenário da Confederação na Universidade de Toronto (1917).⁴⁵ Apesar de elogiar a

⁴³ Ibidem. Pg. 156.

⁴⁴ BERGER, Carl. *The Sense of Power: Studies in the ideas of Canadian imperialism*. Toronto, University of Toronto Press, 1970. Pg. 4.

⁴⁵ WRONG, George. *The Creation of the Federal System in Canada*. In: *Federation of Canada (1867-1917)*. Toronto, Oxford University Press, 1917.

reprodução do modelo político vigente no Reino Unido, Wrong lamenta o veto imposto pelo parlamento inglês ao título de Reino do Canadá, tendo sido designado como *Dominion*, o que de início já significava uma relação de subalternidade entre as nações. Entretanto, cinquenta anos depois da consolidação da federação, sua impressão é de que o caminho tomado pelo país foi o melhor possível, opondo-se ao modelo adotado pelos Estados Unidos, que para ele fomentou a guerra e gerou desigualdades internas. Do ponto de vista econômico, o Canadá ainda tinha à frente um longo percurso de desenvolvimento. A ausência de grandes cidades, o primitivismo das artes, a falta de conhecimento agrícola, e principalmente a dependência da produção cultural importada da Inglaterra eram os problemas a superar para “*nutrir nossa força nacional*”⁴⁶, segundo um Wrong esperançoso com a formação de uma classe dominante promotora da industrialização e da modernidade. A crença no progresso material da sociedade e em sua capacidade de promover a liberdade e a emancipação de um povo estava fundada na tradição imperialista que ainda se destacava no cenário intelectual anglófono, produzindo uma leitura teleológica do passado. O historiador Carl Berger afirma em sua obra sobre o imperialismo no Canadá, *Sense of Power* (1970):

Imperialists contended that the history of the Dominion was essentially the story of material progress and the steady advance of liberty and self-government. For them, all Canadian history was ceaselessly moving toward one irrefragable conclusion – the acquisition of full national rights and freedom within an imperial federation.⁴⁷

Percebemos que a ideia de liberdade para Wrong é condicionada pelas ideias imperialistas, e que ele não relaciona a falta de uma “força nacional” à influência constante dos britânicos sobre a cultura e sobre a política canadense. Ele interpreta a lentidão do país em se constituir social e culturalmente como um problema de ordem material, e mesmo após a Primeira Guerra, não vê a influência externa sobre a nação como um entrave no caminho da formação da consciência nacional e da plena autonomia política.

A maior referência para investigar o que representava esta ideia de imperialismo que circulava no contexto em que estava inserido George Wrong, as formas como era ressignificada e os indivíduos que, assim como ele, faziam a sua defesa e trabalhavam pelo seu estabelecimento como parte integrante da nação é Carl Berger, pioneiro da história intelectual no Canadá com *The Writing of Canadian History* (1976), que publicou *The Sense*

⁴⁶ Ibidem. Pg. 33

⁴⁷ BERGER, Carl. 1970. Pg. 109.

of Power: Studies in the Ideas of Canadian Imperialism 1867-1914 (1970). Esta obra é também um marco nos estudos históricos canadenses, trazendo uma nova luz sobre o imperialismo e sobre o nacionalismo no país. Em sua edição de 2013, a apresentação escrita por Doug Owsram informa que a interpretação de Berger tornou-se o ponto de partida para os estudos sobre o tópico nos últimos quarenta anos, principalmente pela inovação que significou a ideia central de *The Sense of Power*, de que “o imperialismo foi uma forma de nacionalismo canadense”⁴⁸, porque até o lançamento do livro “a suposição predominante na historiografia canadense era de que imperialismo e nacionalismo eram divergentes, talvez até conceitos opostos”.⁴⁹ Berger trabalha o conceito central como uma rede que abrange múltiplos significados, atribuídos por homens e instituições que se agarravam à ideia de manter os laços entre Canadá e o Reino Unido segundo seus objetivos e temores particulares. Ao refletir sobre as expressões do imperialismo é fundamental manter no horizonte a certeza de que este não era uma ideia concorrencial ao nacionalismo, mas uma de suas facetas no meio intelectual canadense do período.

O imperialismo canadense surge como um desdobramento da Confederação de 1867, em um período de depressão econômica, de crescente discórdia entre o Canadá Francês e o Inglês, e do fortalecimento do continentalismo alimentado pelos Estados Unidos.⁵⁰ O contato com o Império vinha se tornando mais frágil pela necessidade interna de estabelecer uma força produtiva que fosse capaz de superar a crise da década de 1880 e despertar o potencial econômico do gigante recém-nascido, enquanto, externamente, a acelerada industrialização dos EUA após a Guerra Civil punha em risco a supremacia britânica no comércio da América do Norte. Em Londres, a criação da *Imperial Federation League* em 1884 foi uma resposta a este processo, um esforço organizado dos ingleses para fortalecer os laços com as colônias, e que encontra correspondência em Toronto para a fundação de um ramo canadense, consolidando a causa da unidade imperial em um movimento instituído.⁵¹ Os debates da liga no Canadá referiam-se aos habitantes do país como pertencentes ao povo britânico, e contavam com pessoas de elevado status na sociedade canadense, como senadores,

⁴⁸ OWRAM, Doug. *Introduction to the Second Edition*. In: BERGER, Carl. *The Sense of Power: Studies in the ideas of Canadian imperialism*. Toronto, University of Toronto Press, 2013. Pg. I

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ BERGER, Carl. 1970. Pg. 4-5.

⁵¹ Idem.

banqueiros, empresários, generais e bispos, todos empenhados em encontrar “*meios pelos quais a permanente união do Império seja mantida*”.⁵²

Berger admite a motivação econômica atribuída ao imperialismo pelos críticos ao longo do século vinte, mas adverte contra a generalização causada por esta leitura. Limitar o pensamento imperialista a objetivos financeiros e comerciais ignora toda uma congregação de indivíduos que de fato acreditava nesta ideia sob argumentos morais, culturais, históricos, religiosos, ou militares.⁵³ Aqueles que se ocupavam com a escrita da história, por exemplo, buscavam na conexão imperial o caminho para acessar um passado de grandes homens, gloriosas batalhas e conquistas monumentais, construindo uma história que exaltava o Canadá pela sua origem britânica enquanto cultivava uma identidade nacional.⁵⁴ Desde a primeira geração de autores que se lança na tarefa de contar a história da nação canadense, ainda pela via do amadorismo, chegando ao grupo influenciado pela história crítica, liderado por George Wrong e sua *Review of Historical Publications Relating to Canada*, existe a predominância “do padrão imperialista”.⁵⁵ Do ponto de vista cultural, a introdução do *Empire Day* nas escolas canadenses é emblemática da crença no imperialismo e na necessidade de estreitar os laços com a pátria-mãe. Clementina Trenholme é a grande responsável pela criação e divulgação da cerimônia realizada anualmente no dia de aniversário da Rainha Vitória pelas escolas de todo o Canadá. Trenholme foi uma prolífica autora e agitadora cultural em prol do imperialismo e contra a influência estadunidense em seu país, integrante da *Imperial Federation League* e da *Ontario Historical Association*, tendo publicado centenas de artigos em periódicos canadenses. A autora concebeu o dia comemorativo como uma combinação de imperialismo, patriotismo e educação, buscando despertar nas crianças o espírito britânico por meio dos símbolos, valores e textos que reforçavam o pertencimento do Canadá a uma comunidade fundada pela Inglaterra.⁵⁶

Ao final da década de 1900 surge mais um empreendimento em que Wrong tem participação direta, o ramo canadense do movimento *Round Table*. O grupo se dedicava ao

⁵² Imperial Federation League in Canada: report of the first meetings of the League in Canada, held in Montreal, Saturday, 9th May, 1885. Pg. 1-7.

⁵³ BERGER, Carl. 1970. Pg. 6-7.

⁵⁴ WRIGHT, Donald. *The Professionalization of History in English Canada*. University of Toronto Press, Toronto, 2005. Pg. 9.

⁵⁵ Ibidem. Pg. 12.

⁵⁶ UNGAR, Molly Pulver. “TRENHOLME, CLEMENTINA,” in: *Dictionary of Canadian Biography*, vol. 14, University of Toronto/Université Laval, 2003. Acesso em 08/01/2018. Disponível em: http://www.biographi.ca/en/bio/trenholme_clementina_14E.html.

estudo e discussão de questões imperiais, conectando representantes dos domínios ingleses em um jornal trimestral que circulava nos países anglófonos. Seguindo a tradição de intelectuais canadenses que preferiam as críticas em jornais acadêmicos e a associação em clubes restritos, em detrimento da participação ativa no meio político,⁵⁷ as mesas redondas promovidas pelo movimento davam origem a textos que expressavam os sentimentos de uma elite empenhada em manter os vínculos imperiais, mas que também buscava neste espaço a defesa da autonomia canadense. Originalmente idealizado pelo administrador colonial Lord Alfred Milner e concebido por Lionel Curtis, o periódico buscava aproximar as partes do império ao recolher relatos produzidos livremente, focando na discussão e solução de problemas considerados pertinentes a toda a comunidade britânica.⁵⁸ Os textos eram publicados anonimamente e selecionados por comissões locais que deveriam seguir apenas uma regra básica: a isenção de partidarismo político. A participação do Canadá, sob os cuidados de George Wrong entre os editores, se destaca entre os *dominions*, recebendo espaço semelhante à própria Inglaterra logo nas primeiras edições. Entre as questões apresentadas pelos membros canadenses, podemos ressaltar a necessidade de formação de uma marinha própria, a revisão dos acordos comerciais entre os britânicos, o projeto de expansão para o oeste, e as relações com os Estados Unidos.⁵⁹ A participação de Wrong é encerrada em 1916, provavelmente pelo conflito de ideias com a vertente inglesa do movimento representada por Curtis, que propunha, por exemplo, a formação de um parlamento centralizado que comandasse toda a política externa do império, o que ia na direção contrária ao imperialismo nacionalista defendido por Wrong.⁶⁰

Nos primeiros cinquenta anos após a confederação, o imperialismo foi também uma força a favor da percepção da própria identidade canadense, e George Wrong foi um de seus mais pesados vetores. A crença na unidade imperial produziu mitos para o imaginário nacional, estimulou a criação de instituições locais, e serviu de pano de fundo para a construção de narrativas que atribuem sentido à existência da nação. Wrong contribuiu com iniciativas como o movimento *Round Table*,⁶¹ e estabeleceu uma ponte de intercâmbio de técnicas de ensino e pessoal entre o seu departamento na Universidade de Toronto e a

⁵⁷ BELANGER, Damien-Claude. *Pride and Prejudice: Canadian intellectuals confront the United States, 1891-1945*. McGill University, Montreal, 2005. Pg. 8.

⁵⁸ The Round Table. *A Quarterly Review of the Politics of the British Empire*. Vol. I. November 1910 to August 1911. Arden Press, London, 1911. Pg.1

⁵⁹ Ibidem. Pg. 1- 389.

⁶⁰ BERGER, Carl. 1986. Pg. 12-13.

⁶¹ Idem.

Universidade de Oxford, que foi para ele um modelo.⁶² No que tange à educação básica, seu livro didático *The British Nation: a History* (1903) estabelece um passado comum a canadenses e ingleses, e foi amplamente utilizado nos sistemas públicos de ensino das províncias canadenses.⁶³ No debate historiográfico de seu tempo, Wrong transitava entre as duas escolas interpretativas que dominavam a produção intelectual do Canadá inglês: a primeira se estabeleceu em oposição à independência dos Estados Unidos, e definia o Canadá por sua lealdade aos britânicos, pela resistência e pela estabilidade demonstrados desde o início do século XIX; a segunda interpretação dominante era de que o país exercia um papel pioneiro na criação do Império moderno, constituindo-se em um exemplo bem sucedido de autonomia colonial e flexibilidade de governo, sendo a origem e o modelo aplicado para a formação da *Commonwealth*.⁶⁴ Apesar de enaltecer o experimento de liberdade e autonomia que significou o sistema político canadense,⁶⁵ a sua obra se distancia, por exemplo, de publicações de apologia lealista, como o jornal *The Anglo-Saxon*, publicado entre 1887 e 1900. Este é um exemplo concreto da disseminação dos ideais imperialistas em comunhão com a intolerância religiosa, com o racismo e com o conservadorismo. Produzidas em Ottawa, as edições circulavam pelos territórios britânicos, veiculando textos que idealizavam a etnia anglo-saxã com o fim de promover os interesses de grupos que a ela se associavam. O periódico de orientação protestante pregava a superioridade divina dos anglo-saxões e seus descendentes, sustentando assim a suposta predestinação da raça em levar o progresso para os povos menos desenvolvidos, o que se conforma na narrativa da missão civilizatória.⁶⁶

Na história da historiografia, Wrong é apontado como um dos pais fundadores da história crítica no Canadá e o seu posicionamento a favor do Império Britânico é enfatizado. A grande obra de história intelectual que lança as bases para a leitura da historiografia do Canadá é *The Writing of Canadian History: Aspects of English Canadian Historical Writing*, escrita em 1971 por Carl Berger. O livro faz um exame do pensamento e da produção literária do Canadá anglófilo desde a virada para o século XX, detendo-se sobre a obra dos autores mais significantes para a compreensão do passado canadense, com ênfase nos que se

⁶² BERGER, Carl. 1986. Pg. 10.

⁶³ WALLACE, W.S. *The Life and Work of George M. Wrong*. *The Canadian Historical Review*, Vol.29, n. 03. (1948). Pg. 235-236.

⁶⁴ OWRAM, Doug. *Canada and the Empire*. In: *The Oxford History of The British Empire – vol. V: Historiography*. New York, Oxford University Press, 1999. Pg. 146-150.

⁶⁵ WRONG, George. *The Growth of Nationalism in the British Empire*. In: *The American Historical Review*, Vol. 22, No. 1 (Oct., 1916). Pg. 45.

⁶⁶ HASTINGS. 2006. Pg. 92-107.

encontram na ponta criativa da escrita de história e quebram os padrões tradicionais de interpretação.⁶⁷ Wrong é visto como uma figura central para a historiografia canadense, favorável à união imperial, destacando-se a sua atitude que professava o serviço da história para as questões públicas, o dever de estabelecer balizas morais para a sociedade, e a liderança entre a comunidade intelectual. Suas obras são fortemente marcadas pela preocupação com a identidade canadense e com as instituições públicas do país, mas a base moral e ideológica de seus trabalhos reside em sua formação na Igreja Anglicana. Quanto à sua produção escrita, Berger considera ser pouco calcada em pesquisa original nos arquivos e mais em documentação já estabelecida, mas os seus méritos residem no estilo agradável, no apelo poético e na tentativa de imparcialidade. Este esforço de Wrong ameniza a tendência imperialista, o fervor religioso, a crítica ao Canadá francófono e facilita a sua aceitação nos Estados Unidos.

Philip Buckner e R. Douglas Francis escrevem no *Canada and the British World* que George Wrong fez parte da primeira geração de historiadores profissionais, percebendo entre eles uma mesma atitude em relação ao Império. A maioria dos autores canadenses de obras históricas do final do século XIX e início do século XX (independente da filiação profissional a alguma instituição) acreditava que o Canadá era uma “nação britânica”, carregando uma herança social, cultural, política e institucional que a identificava com as origens coloniais, e que lhe concedia destaque dentro do Império. À geração de Wrong é atribuído o crescente desejo de distinguir a identidade canadense enquanto nação britânica, o que se acentua após a Primeira Guerra.⁶⁸

No texto sobre a atuação de Cecil Rhodes, magnata, colonialista e imperialista britânico, David E. Torrance constroi um panorama da influência do imperialismo inglês sobre a sociedade canadense das primeiras décadas do século vinte. O texto analisa a questão das bolsas oferecidas pelo empresário britânico para a promoção dos estudos de jovens anglófilos nas universidades de Oxford e Cambridge, partindo do ambiente intelectual vigente nas universidades canadenses a partir de 1902.⁶⁹ Torrance percebe duas tendências definidas e opostas entre a comunidade acadêmica canadense naquele momento: a corrente minoritária é

⁶⁷ BERGER, Carl. *The Writing of Canadian History: Aspects of English Canadian Historical Writing*. Oxford University Press, Toronto. 1976. Pg. IX.

⁶⁸ BUCKNER, Philip; FRANCIS, R. Douglas. eds. *Introduction*. In: *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006. Pg. 1.

⁶⁹ TORRANCE, David E. *Instructor to Empire: Canada and the Rhodes Scholarship, 1902-39*. In: *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006. Pg. 250-269

marcada pela “doutrina da pesquisa”, de viés acentuadamente racionalista,⁷⁰ de influência das ideias educacionais germânicas e que menospreza o paternalismo britânico; a orientação dominante é a do idealismo humanista,⁷¹ descendente da teologia cristã, definido como um humanismo que prega a virtude moral e a unidade social como meios para a realização do indivíduo, e acredita no imperialismo como o caminho para a promoção desses ideais na sociedade. George M. Wrong se insere nesta vertente do idealismo humanista, e vê no homem branco o dever de converter outros povos para a unidade espiritual pautada nos critérios da moral cristã. Esta perspectiva que idealiza a cultura branca como uma missão social leva também a uma idealização da mentalidade britânica, e se expressa no imperialismo como um agente de civilização e unificação.⁷²

As ideias imperialistas contribuíram para a identidade canadense também pelas reações que provocavam, uma oposição vinda de grupos que estavam à margem do esquema interpretativo em que o imperialismo se apoiava, e, por meio da crítica, tensionavam o processo de construção de uma identidade local. As províncias marítimas – Nova Escócia, Nova Brunswick e Ilha do Príncipe Eduardo – relutaram em integrar-se à Confederação e mantiveram-se na oposição ao discurso imperialista, talvez pela presença predominante de escoceses e irlandeses, e certamente pela derrocada econômica que sofreram após a união, e que atribuíam às interferências do governo central de Ontário sobre o comércio com os Estados Unidos, segundo os interesses dos britânicos.⁷³ A porção francesa do país naturalmente constituía o antagonismo à identidade britânica do Canadá, partindo do ressentimento instaurado desde a Conquista em 1760,⁷⁴ passando pelo predomínio do grupo anglófono desde a Confederação de 1867, alcança um patamar crítico com as revoltas lideradas por Louis Riel (que por sua vez agregava diversos grupos minoritários do centro-oeste do país), e que torna-se insustentável com a participação canadense na Primeira Guerra.⁷⁵ O grupo francófono no Canadá pouco era considerado na construção de uma nacionalidade própria e dissonante dos interesses britânicos. Apesar do status de igualdade na

⁷⁰ Este grupo defendia “*que a missão das universidades [...] deveria ser a criação de conhecimento por meio de investigação e pesquisa científica racionalista*”. TORRANCE, 2006. Pg. 252

⁷¹ Por oposição, este grupo defendia que as universidades deveriam promover “*auto-realização, o desenvolvimento do caráter e da personalidade*”. TORRANCE, 2006. Pg. 253

⁷² TORRANCE, David E. *Instructor to Empire: Canada and the Rhodes Scholarship, 1902-39*. In: *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006. Pg. 250-255.

⁷³ RIENDEAU. 2007. Pg. 206-208.

⁷⁴ Op. Cit. Pg. 148

⁷⁵ RIENDEAU. 2007. Pg. 208-211

Confederação, os descendentes da França tinham sua ação limitada pelo poder imperial, o que se tornou emblemático nas rebeliões lideradas por Louis Riel em 1869 e 1885. Riel pertencia ao grupo dos *Métis*, nascidos das primeiras relações entre os povos nativos e os colonizadores franceses, e representava os interesses das sociedades que habitavam o interior do Canadá e se opunham aos avanços militares do Canadá britânico. Francófono e católico, Riel contava com o apoio das lideranças do Québec para uma solução pacífica para o conflito, mas foi massacrado em batalha e executado pelo exército canadense, que viu nas revoltas uma oportunidade para demonstrar sua eficácia em ocupar o interior do país.⁷⁶ A natureza britânica do Canadá era o argumento usado por Wrong em 1917 para justificar o isolamento da parte francesa (em detrimento de uma união que produzisse uma nova cultura propriamente canadense), mantendo a “*separação em respeito àquelas coisas nas quais as duas raças tinham ideais divergentes, tais como religião e educação*”,⁷⁷ e que o levava a perceber a presença dos francófonos como um “*problema*”⁷⁸. De forma geral, a influência francesa era percebida como uma ameaça republicana à estabilidade da monarquia, e o reforço da identidade britânica pode ser compreendido como uma oposição à cultura do Canadá francês.⁷⁹ As reações ao imperialismo acabam por fortalecer os sentimentos regionalistas no país, contribuindo cultural e politicamente para um projeto nacional que não pode ser limitado pelas aspirações dos defensores do Império.

O processo de identificação entre a sociedade do Canadá também deve ser pensado mantendo-se no horizonte as relações com os Estados Unidos, pois “*a dialética entre forças nacionais e continentais é um dos principais elementos estruturantes na história canadense*”.⁸⁰ Desde a Revolução Americana ao final do século dezoito, a história do Canadá foi construída sob esta tensão exercida pelo vizinho do sul. A ideia que toma forma pela alcunha de continentalismo esteve presente desde então no panorama intelectual do país, tornando-se uma retórica usada na definição de um projeto nacional, e atacada principalmente

⁷⁶ FLANAGAN, Thomas. *Riel and the Rebellion: 1885 reconsidered*. Toronto, University of Toronto Press, 2000. Pg. 1-5.

⁷⁷ WRONG. 1917. Pg. 14

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ HASTINGS, Paula. “*Our Glorious Anglo-Saxon Race Shall Ever Fill Earth’s Highest Place*”: *The Anglo-Saxon and the Construction of Identity in Late-Nineteenth-Century Canada*. In: BUCKNER, Philip; FRANCIS, R. Douglas. eds. *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006. Pg. 93.

⁸⁰ SMITH, Allan. *Canada: An American Nation? Essays on Continentalism, Identity, and the Canadian Frame of Mind*. Montreal, McGill – Queen’s Press, 1994. Pg. 6.

pelos imperialistas. “*Um dos momentos-chave da história intelectual canadense*”⁸¹ foi a publicação de *Canada and the Canadian Question*, em 1891, pelo autor britânico radicado no Canadá Goldwin Smith, que em uma visão pessimista da manutenção do domínio inglês, propõe a solução definitiva para a questão canadense: a sua incorporação pelos Estados Unidos. A proposta de Smith não era original, mas suscitou uma avalanche de críticas a que a historiografia classificou dentro do rótulo de anti-americanismo, porém, até a Segunda Guerra Mundial, muitos eram os defensores do continentalismo na metade setentrional da América do Norte.

Mais do que uma questão extrema relativa à anexação, a influência dos Estados Unidos sobre o Canadá produziu um “*quadro continental de referência*”⁸². Allan Smith demonstra que os dois países compartilhavam notícias, panfletos, livros, biografias, artigos científicos sobre biologia e geografia, mitos e lendas, manifestações artísticas, enfim, os aspectos definidores da experiência humana, que eram reproduzidos entre as duas nações, na sua maioria, vindos do sul em direção ao norte. A presença dos elementos produzidos pela cultura estadunidense na sociedade do Canadá leva à percepção de que os países não eram apenas ocupantes de uma mesma massa territorial, mas integrantes de um Novo Mundo de caráter distinto dos europeus.⁸³ Mesmo uma parcela dos imperialistas (a que Owrarn denominou como a vertente *Império-para-Commonwealth*)⁸⁴ abraçava a noção de que o Canadá representava a novidade dentro da concepção de Império e que a sua organização social e política própria, resultante da dinâmica norte-americana, havia levado à evolução para a *Commonwealth* – George Wrong certamente se posicionava entre esses que reconheciam uma natureza próxima entre as duas nações norte-americanas, sendo ele mesmo um dos agentes deste quadro continental de correspondência.⁸⁵ A maneira como os canadenses compreendiam seu ambiente político e social num sentido amplo era igualmente influenciada pelo Reino Unido e pelos Estados Unidos, mas quando tratavam-se de reformas e reivindicações por direitos específicos, o vocabulário, os projetos, e as críticas eram predominantemente inspirados pelos movimentos americanos.⁸⁶

⁸¹ BELANGER, 2005. Pg. 3.

⁸² SMITH, Allan. *The Continental Dimension in the Evolution of the English-Canadian Mind*. In: *International Journal*, Vol. 31, No. 3, 1976: The U.S. and Us (Summer, 1976). Pg. 445

⁸³ SMITH. 1976. Pg. 444-445.

⁸⁴ OWRAM. 1999. Pg. 152.

⁸⁵ WRONG, George. *Three Great Democracies—After Many Years*. In: *New York History*, Vol. 15, No. 1 (JANUARY 1934). Pg. 29.

⁸⁶ Op. Cit. Pg. 453.

O anti-americanismo não é um sinônimo de imperialismo, mas aquele sempre foi uma expressão da identidade do Canadá inglês, uma reação defensiva que era usada como um ponto de elaboração para preceitos religiosos, étnicos e políticos, servindo para a afirmação de diferenças ideológicas fundamentais entre as duas sociedades. O anti-americanismo foi uma arma dos conservadores canadenses para a consolidação de seu poder e influência, associando a ingerência americana à negação da pátria canadense.⁸⁷ Ao final do século XIX e início do século XX, o principal aspecto da experiência americana a que os críticos do Canadá dirigiam a sua reprimenda era o republicanismo, retratado com imagens de caos, terror e estúrdia. O objetivo era a manutenção da ordem estabelecida pela constituição britânica, considerada um instrumento efetivo para a promoção do progresso e da estabilidade social. “*Seus comentários implicavam uma interpretação não tanto sobre governo mas sobre sociedade e os motivos para o comportamento social*”.⁸⁸ A democracia americana intimidava a elite imperialista pelas guerras que haviam sido geradas em seu interior, principalmente a Guerra Civil da década de 1860 e as dezenas de conflitos com os povos nativos ao longo do século. A monarquia, por sua vez, era vista como um sinônimo de estabilidade e firmeza na condução da nação, contendo os conflitos antes mesmo que eclodissem. A motivação econômica do anti-americanismo é evidente até a Primeira Guerra mundial, quando a aproximação comercial entre os países geralmente significava a venda de recursos naturais pelos canadenses, enquanto os americanos forneciam bens manufaturados, ameaçando os planos de desenvolvimento da elite comercial do Canadá.⁸⁹

George Wrong não pode ser enquadrado em nenhum dos extremos do pensamento canadense sobre os Estados Unidos. Defensor do imperialismo durante toda sua carreira, Wrong certamente seria relutante em aceitar a anexação proposta por Goldwyn Smith, entretanto, não são raras suas colaborações com o meio acadêmico estadunidense, e nem os elogios e referências a pensadores daquele país. Wrong assume a influência da *American Historical Review* quando funda uma revista de crítica histórica própria para o Canadá,⁹⁰ tendo ele mesmo colaborado com diversos periódicos dos Estados Unidos e sido eleito

⁸⁷ BELANGER. 2005. Pg. 211.

⁸⁸ BERGER, Carl. 1970. 155.

⁸⁹ HEYKING, Amy von. *Talking about Americans: The Image of the United States in English-Canadian Schools (1900-1965)*. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 46, No. 3 (Fall, 2006). Pg. 384-385.

⁹⁰ WRIGHT, Donald. *The Professionalization of History in English Canada*. University of Toronto Press, Toronto, 2005. Pg. 32.

membro honorário da AHR em 1944, apenas a terceira pessoa a receber tal honra.⁹¹ São recorrentes em sua obra as aproximações entre os dois vizinhos, “*construídos por povos da mesma raça, e de mesma tradição política*”⁹², e a influência cultural dos Estados Unidos é reconhecida na história canadense pelo menos desde a Confederação. Wrong analisa e compara os dois sistemas políticos em diversos momentos de sua carreira, pelo menos em 1912,⁹³ em 1916,⁹⁴ e em 1934,⁹⁵ e em nenhum momento existe a condenação do republicanismo, e nem uma defesa cega do modelo canadense.

Na primeira ocasião, a impressão é de que a divisão absoluta entre os poderes legislativo e executivo nos Estados Unidos é menos eficiente para a aprovação de leis necessárias para a população. Todavia, a liberdade dada ao Presidente americano na escolha de seu gabinete pode significar a montagem de uma equipe qualificada para a administração, enquanto no Canadá o Primeiro Ministro deve se ater àqueles membros da classe política.⁹⁶ Em 1916, ao falar em Washington sobre o nacionalismo canadense, Wrong trata os dois sistemas de governo como experimentos políticos, equiparando-os em importância para a liberdade da humanidade,⁹⁷ mais preocupado em elevar o status de seu país perante os americanos do que em rebaixar a república que o recebe. Por fim, em 1934, em um texto chamado “*As Três Grandes Democracias*”, Wrong eleva ao nível máximo da organização política humana os Estados Unidos, a Inglaterra e a França. Aqui, Wrong faz a mais sólida aproximação com os vizinhos do sul, e escreve: “*Eu gosto de pensar que em um sentido mais amplo eu sou um americano, um norte-americano, tão verdadeiramente quanto os meus amigos dos Estados Unidos*”.⁹⁸ Mas ele segue o seu discurso em uma distinta união entre continentalismo, nacionalismo e imperialismo, exaltando o percurso construído pelos

⁹¹ AVERILL, Harold. *George Mckinnon Wrong Biographical Sketch*. In: George M. Wrong Family - University of Toronto Archives. Toronto, University of Toronto Archives & Records Management Services, 2005. Pg. 4.

⁹² WRONG, George. *The Relations of the Legislature to the Executive Power in Canada*. In: The American Political Science Review, Vol. 6, No. 1, Supplement: Proceedings of the American Political Science Association at Its Eighth Annual Meeting (Feb., 1912). Pg. 173.

⁹³ Idem.

⁹⁴ WRONG, George. *The Growth of Nationalism in the British Empire*. In: The American Historical Review, Vol. 22, No. 1 (Oct., 1916). Pg. 45.

⁹⁵ WRONG, George. *Three Great Democracies—After Many Years*. In: New York History, Vol. 15, No. 1 (JANUARY 1934). Pg. 29.

⁹⁶ WRONG, George. 1912. Pg. 173-179.

⁹⁷ WRONG, George. 1916. Pg. 45.

⁹⁸ WRONG, George. 1934. Pg. 29.

canadenses rumo à liberdade, ao mesmo tempo em que enaltece a “*ininterrupta tradição de Elizabeth até George V*”.⁹⁹

Retomando os eventos da história canadense, a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914 levou o Canadá a um impulso de desenvolvimento sem precedentes, motivado pela exportação de produtos agrícolas, de madeira e artigos navais, e principalmente pela expansão da indústria no país. Três novas redes de ferrovias transcontinentais foram construídas para o escoamento da produção, e a mineração também se tornou uma força motriz da economia.¹⁰⁰ Com a entrada automática do país no conflito internacional por conta de sua participação no Império, o aumento da intervenção do governo na economia foi necessário para conduzir o esforço de guerra e possibilitar uma estrutura para o rápido desenvolvimento econômico do país. Ao final do cataclismo em 1918, o Canadá emergiu como uma grande potência industrial e a sua máquina estatal havia provado sua eficiência.¹⁰¹ No panorama das relações internacionais, o país havia desempenhado um papel formidável no combate junto aos Aliados, e manteve a firmeza nas conferências pós-guerra. O temor pela anexação americana foi dissipado pela cooperação durante o conflito, e a união incondicional com os britânicos mostrou-se um perigo real. Nesse contexto, o nacionalismo entrou em estado de graça, trazendo a defesa pela autonomia do país e a percepção de que um novo ciclo de união com o Império Britânico havia sido inaugurado. A ideia de *Commonwealth* passa a prevalecer no meio intelectual canadense, conciliando os defensores do imperialismo e os partidários de um novo nacionalismo, que concebe o Canadá como uma nação independente nas relações políticas e econômicas internacionais, enquanto mantém na comunidade britânica o status de igualdade com a pátria-mãe e a afinidade cultural promovida pelo Império.¹⁰²

Passemos ao evento que representa uma mudança na percepção dos canadenses sobre o próprio país, o Estatuto de Westminster, de 1931. Até aqui a vida de George Wrong andou em paralelo com a formação do Estado canadense: enquanto o país passou de um punhado de colônias inglesas escassamente administradas para uma nação continental aparelhada com instituições próprias, Wrong saiu de uma vida provinciana em uma fazenda do interior para se tornar o mais influente historiador do país, com atuação determinante para a educação a nível nacional. Todavia, a Inglaterra ainda exercia enorme influência sobre o Canadá e sobre

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ RIENDEAU. 2007. Pg. 208-211

¹⁰¹ Ibidem. Pg. 238-241

¹⁰² OWRAM. 1999. Pg. 150-153.

Wrong, e as novas gerações almejavam uma ruptura concreta com o poder britânico. O Estatuto de Westminster pode não significar uma cisão absoluta, mas ele representa o sentimento de uma maioria canadense que passou a acreditar que o país havia conquistado o direito de ter a sua própria política externa, e a enfatizar o papel de uma comunidade norteamericana na identidade do Canadá, levando à aproximação com os Estados Unidos.¹⁰³ A historiografia têm diminuído a preponderância do período entreguerras na construção do nacionalismo canadense, sob a leitura de que o Canadá percebia a si mesmo como uma nação britânica também durante a Segunda Guerra,¹⁰⁴ mas as evidências indicam desde a década de 1920 a autonomia do governo canadense na definição de tratados comerciais diretamente com outros países, chegando ao estabelecimento de uma embaixada própria em Washington, práticas sancionadas pelo Estatuto em 1931.¹⁰⁵ São ações pequenas em relação à amplitude das relações internacionais, mas que possuem notável valor simbólico para a emancipação do Canadá e para a identificação de seu povo como nação.

1.2. A Universidade de Toronto guia o avanço da historiografia crítica.

Entre 1894 e 1927, George Wrong foi a figura central na condução da cátedra de história na Universidade de Toronto, aposentando-se como professor emérito ao final dos trinta e três anos de serviço. Do seu departamento ele conduziu uma transformação que ultrapassou os muros da universidade, incidindo na percepção do povo canadense sobre seu passado ao introduzir pioneiramente a história do Canadá no currículo de uma universidade.¹⁰⁶ A sua crença na capacidade da história em promover a liderança e o interesse intelectual como habilidades necessárias para a educação política¹⁰⁷ fazia do conhecimento histórico do Canadá uma condição básica para a formação dos futuros ocupantes das posições de influência na sociedade canadense. No início de sua carreira, Wrong observava um “*interesse patriótico difuso*” como consequência da falta do “*amor pelo passado de seu*

¹⁰³ BUCKNER, Philip; FRANCIS, R. Douglas. eds. *Introduction*. In: *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006. Pg. 2.

¹⁰⁴ A interpretação de Buckner e Francis, já discutida neste trabalho, situa o ponto de virada do nacionalismo no Canadá após a Segunda Guerra Mundial, em que a criação da cidadania canadense por meio do *Citizenship Act* de 1947 seria a mais forte expressão do sentimento nacional.

¹⁰⁵ HILLMER, Norman. *Statute of Westminster*. In: *The Canadian Encyclopedia*, 2006. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/statute-of-westminster/> . Acesso em: 04/01/2018.

¹⁰⁶ WALLACE, W.S. *The Life and Work of George M. Wrong*. *The Canadian Historical Review*, Vol.29, n. 03. (1948). Pg. 233.

¹⁰⁷ BERGER, Carl. 1986. Pg. 10-11.

país”¹⁰⁸, em comparação com os vizinhos dos Estados Unidos, por exemplo. No mesmo texto escrito para a *American Historical Association* apenas quatro anos após a sua posse definitiva em Toronto, Wrong celebra a mudança que ele mesmo introduzira na universidade, assim como seu colega Charles Colby fizera em McGill, alçando a história a “*um lugar respeitável*”¹⁰⁹, com um espaço satisfatório no currículo e um adequado treinamento no método histórico.

A ideia que orienta o trabalho de George Wrong é a crença na função da história como reduto de ensinamento moral. Há uma proximidade entre suas concepções históricas e religiosas, formando-se um filtro de interpretação da história que é composto por preocupações com a verdade espiritual, a natureza da experiência humana e o ordenamento moral da sociedade. Neste sentido, a sua defesa de uma historiografia crítica, especializada, e sustentada pela estrutura universitária, se justifica também pela garantia de uma produção mais imparcial, que investiga os mitos repetidos pelo povo e verifica os fatos do passado canadense,¹¹⁰ contribuindo com a luz da história para a moralização da sociedade. A tomada de consciência que a história proporcionaria ao estudante seria resultado do processo de questionar e responder aos anseios mais profundos da experiência humana, o que naquele momento, significava também refletir sobre a organização do trabalho na sociedade moderna, o acesso de grupos minoritários à democracia, a definição de uma identidade cultural e a extensão da educação universal. “*A história, então, era mais do que o passado político, e o historiador deveria engalfinhar-se com problemas que jamais poderiam ser resolvidos pela pesquisa arquivística*”.¹¹¹ É graças a esta forte orientação ao moralismo que a profissionalização do meio histórico promovida por Wrong não abraçou o cientificismo e a crença absoluta no método histórico, dirigindo-se, por outro lado, para o desenvolvimento de uma comunidade centrada em valores morais, no senso de dever e na liderança da vida pública da nação.

George Wrong é reconhecido na história da historiografia canadense como o principal agente a favor da profissionalização da história no Canadá, seja pela estruturação do

¹⁰⁸ WRONG, George M. *History in Canadian Secondary Schools*. In: *The Study of History in Schools*. American Historical Association, New York, 1898.

¹⁰⁹ Idem.

¹¹⁰ BERGER, Carl. *The Writing of Canadian History: Aspects of English Canadian Historical Writing*. University of Toronto Press, Toronto. 1986. Pg. 13

¹¹¹ Ibidem. Pg. 15.

departamento que comanda na Universidade de Toronto,¹¹² seja pela criação da *Review of Historical Publications Relating to Canada*.¹¹³ Na sua primeira década de atuação como professor de *Modern History*, a universidade viveu uma renovação no ensino da disciplina, aproximando-se das práticas correntes nas maiores universidades da Alemanha, Inglaterra, e dos Estados Unidos. De início, os estudantes passaram a aprender sob as convenções do método da história crítica, especificamente o uso de fontes primárias, a interpretação e avaliação das evidências, e a arte da escrita. Wrong privilegiava a produção de ensaios como método de aprendizagem,¹¹⁴ e essas etapas eram trabalhadas no currículo de história desde a introdução. Logo em seu discurso inaugural, ele adianta o tipo de ensino que conduzirá com seus alunos: “*nós vamos esperar que eles aprendam a questionar conclusões prontas, a investigar, a pesar as evidências, e expressar os resultados em forma literária*”.¹¹⁵ A criação da *Review of Historical Publications Relating to Canada* também é uma medida de atualização e avanço do ensino de história no âmbito da universidade, e de certa forma, posiciona o departamento de Toronto na vanguarda da historiografia no Canadá. A revista de crítica histórica foi a primeira a avaliar as publicações da área no país, contribuindo para a profissionalização da prática historiográfica ao impor critérios mínimos sobre o rigor dos textos e o compromisso com a pesquisa histórica. As edições da revista levavam a assinatura das publicações da universidade e aumentavam também o prestígio de sua biblioteca, representada pelo companheiro de Wrong nesta empreitada, o bibliotecário H.H. Langton.¹¹⁶

O *Historical Club* foi fundado em 1904 por George Wrong com o objetivo de aproximar os mais destacados estudantes universitários da vida pública que os esperava após a graduação. O clube era composto por vinte e cinco estudantes dos últimos anos da formação, que se reuniam com o professor na casa de cidadãos proeminentes de Toronto para a leitura de artigos e a discussão de questões históricas e de temas do presente.¹¹⁷ Entre as pautas do grupo estavam a política estadunidense, a nacionalização de ferrovias, reformas municipais, e

¹¹² Ibidem. Pg. 12-14.

¹¹³ WRIGHT, Donald. *The Professionalization of History in English Canada*. University of Toronto Press, Toronto, 2005. Pg. 29.

¹¹⁴ WRONG, George M. *Suggestions to Teachers*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 8.

¹¹⁵ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. Pg.12.

¹¹⁶ WRONG, G. LANGTON, H. eds. *Review of Historical Publications Relating to Canada*. Vol. 3. University of Toronto, Toronto, 1899.

¹¹⁷ WALLACE, W.S. The Life and Work of George M. Wrong. *The Canadian Historical Review*, Vol.29, n. 03. (1948). Pg. 233.

como era regra naquele momento, as relações imperialistas.¹¹⁸ O clube de história foi mais uma das medidas tomadas por Wrong para introduzir o modelo de Oxford em seu departamento em Toronto. Wrong inspirou-se em vários aspectos daquela universidade, o que muito informa sobre a sua concepção de história como honra, dever e ensinamento moral. Para a expansão do seu departamento, ele buscou em Oxford o material humano e intelectual, privilegiando a contratação de professores ingleses vindos desta universidade, ou canadenses que, assim como ele, fizeram parte da formação lá. Entre 1904 e 1918 o departamento de história fez quinze nomeações, das quais doze eram de docentes que passaram por Oxford.¹¹⁹ A cultura acadêmica em Toronto era ainda muito dependente da universidade inglesa, ao ponto em que, no ano de 1911, cinquenta e quatro dos setenta e dois professores ativos na maior universidade canadense eram graduados em Oxford.¹²⁰ Além dos profissionais contratados, o modelo educacional do método tutorial foi implantado, um dos passos tomados pensando na preparação dos jovens rapazes para os seus futuros papéis como líderes nacionais. Isso não significou a extinção das *lectures*, ou aulas coletivas na universidade, mas a implementação da tutoria significava uma orientação mais abrangente e menos cientificista do departamento.

É necessário então compreender as bases da historiografia na Universidade de Oxford nos tempos de George Wrong para interpretar suas ações em favor da expansão e da especialização dos estudos históricos na Universidade de Toronto e os preceitos teóricos que permeiam a sua obra literária. Oxford foi um centro de referência para a escrita de história no Canadá pelo menos desde John G. Bourinot, autor canadense que na década de 1880 já aplicava em suas pesquisas as interpretações de Edward Freeman sobre a evolução das formas de governo representativo da Inglaterra.¹²¹ Vamos analisar a história da disciplina na universidade britânica e os textos de alguns de seus historiadores mais eminentes para perceber os valores e ideias em que Wrong se inspirava na condução do departamento na Universidade de Toronto e na produção de suas obras.

Introduzido na Universidade na década de 1850, sob o nome de “*modern history*”, o estudo de história em Oxford refletia um consenso nacional sobre progresso e ordem social que baseava-se na integridade moral, na força de caráter e na evolução das instituições

¹¹⁸ BERGER, Carl. 1986. Pg. 11.

¹¹⁹ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 36.

¹²⁰ Op. Cit. Pg. 10.

¹²¹ BERGER, Carl. 1986. Pg. 7-8.

políticas, com o objetivo de produzir homens adequados para dirigir adiante a nação e seu império por um percurso gradual, pacífico e constitucional.¹²² Reba Soffer analisa o período do final do século XIX e início do XX da seguinte maneira:

In response to the almost exponential growth in opportunities for public careers in the late nineteenth and early twentieth centuries, the School of Modern History set out to prepare graduates to fill influential positions at home and abroad. The school retained an emphasis upon character and conduct as its essential purpose, but it promised additionally that a study of the past would explain ‘modern civilization’ and its ‘political and ethical problems’.¹²³

É importante perceber como o estudo da história era associado à função prática de criar um corpo de trabalho para as instituições do Estado, enquanto espera-se dela, adicionalmente, a habilidade filosófica de explicar a civilização, os problemas éticos e políticos. As aspas contêm expressões de F. M. Powicke, mais um expoente historiador nutrido em Oxford, uma geração após George Wrong, em sua aula *Historical Study in Oxford*.¹²⁴ Soffer aponta uma especificidade do ensino de história nesta universidade: a resistência ao processo de profissionalização do meio histórico por efeito do conflito entre os tutores dos *colleges* e os professores acadêmicos. Aqueles eram maioria e pensavam o ensino de história na universidade como uma forma de atender aos propósitos liberais e humanistas da educação superior, enquanto estes valorizavam o desenvolvimento da disciplina em termos de especialização, pesquisa e crítica.¹²⁵ – Notemos a divisão similar àquela observada no meio acadêmico canadense posteriormente por David Torrance, entre idealistas humanistas e os racionalistas.¹²⁶ – Isso significa que a maioria dos alunos do período em questão não recebiam treinamento em análise de fontes, e apenas seguiam o currículo que lhes era cobrado nos exames anuais até a obtenção de um diploma que garantisse o acesso a carreiras de destaque.¹²⁷ Entre os professores acadêmicos estão os nomes de peso da historiografia inglesa, como William Stubbs, Edward Freeman, Samuel Gardiner e James Froude, todos eles referências declaradas por George Wrong, reconhecidos como grandes acadêmicos que

¹²² SOFFER, Reba. *Nation, Duty, Character and Confidence: History at Oxford, 1850-1914*. In: *The Historical Journal*, Vol. 30, No. 1 (Mar., 1987), pg. 77-83.

¹²³ *Ibidem*. Pg. 78.

¹²⁴ POWICKE, F. M. *Historical study in Oxford, an inaugural lecture*. Oxford, 1929.

¹²⁵ SOFFER, Reba. *Nation, Duty, Character and Confidence: History at Oxford, 1850-1914*. In: *The Historical Journal*, Vol. 30, No. 1 (Mar., 1987), pg. 78.

¹²⁶ TORRANCE. 2006. Pg. 252-253.

¹²⁷ *Ibidem*. Pg. 86.

avançaram na investigação do passado britânico, mas que tiveram limitada influência na estrutura de ensino do departamento de história por conta do sistema de tutoria. Em Toronto, os dois sistemas de ensino passaram a coexistir pelo menos a partir de 1911, quando Wrong assume a adoção do método tutorial de Oxford.¹²⁸ Em seu discurso de posse na Universidade de Toronto em 1895, Wrong defende as *lectures* e indica a eficiência do método seminário,¹²⁹ mas o modelo de Oxford é gradualmente posto em proeminência porque “*preparava jovens homens para os seus papéis futuros como líderes nacionais*”¹³⁰, necessidade que, em sua concepção de ensino, é mais latente do que a de treinamento profissional em pesquisa histórica.

Ao olhar para as reflexões sobre o ensino de história vindas de Oxford no período contemporâneo às publicações de George Wrong, nós também encontramos entre elas uma forte correspondência de ideias. Já vimos que os historiadores pensavam a história como um reduto de ensinamento moral, uma fonte da qual deveriam beber os futuros líderes da nação para que pudessem conduzi-la propriamente, nutrindo também a capacidade de fornecer explicações para a acelerada e fragmentada modernidade. Vamos consultar os seus textos para perceber as formas e conteúdos propostos para o ensino de história, evidenciando as similaridades entre os projetos de Oxford e da Toronto de Wrong.

Começando por A.L. Smith, tido como um dos maiores defensores do sistema tutorial em Oxford,¹³¹ nota-se de início a semelhança entre o seu discurso e o de Wrong. Smith foi tutor do Balliol College, para onde os mais notáveis estudantes de Wrong ganhavam bolsas a fim de aprofundarem seus estudos,¹³² e começa o seu texto no *Essays on Secondary Education* (1898), publicado em Oxford, utilizando-se da metáfora dos “*ossos secos*” para referir-se à história ensinada priorizando datas, nomes e eventos.¹³³ Wrong havia utilizado esta metáfora antes, quando versa em seu discurso de posse sobre o vale de ossos secos que é a história sem o auxílio de um guia, seja uma testemunha do passado ou um bom mestre,¹³⁴ e a tutoria parece ser um caminho aprazível aos dois professores para a exploração do cemitério

¹²⁸ BERGER, Carl. 1986. Pg. 10

¹²⁹ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. Pg. 8.

¹³⁰ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 36

¹³¹ SOFFER. 1987. Pg. 99.

¹³² BERGER, Carl. 1986. Pg. 10

¹³³ SMITH, A.L. *The Teaching of Modern History*. In: COOKSON, Christopher, Ed. *Essays on Secondary Education*. Oxford Clarendon Press. Oxford, 1898. Pg. 178.

¹³⁴ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. Pg. 7.

do passado. Os textos dos autores compartilham uma outra preocupação inicial, a de que a história seja respeitada como uma disciplina específica e complexa, e não apenas como um gênero de leitura para entretenimento, e para isso a solução reside no método, e conseqüentemente em um professor que o compreenda adequadamente. Para Smith, o ensino deve passar pelas operações mentais de análise, crítica e rearranjo dos fatos históricos,¹³⁵ e de forma semelhante, Wrong fala em dúvida, interpretação e escrita como habilidades a serem desenvolvidas pelo ensino de história.¹³⁶

A necessidade do ensino do método histórico leva Smith a uma defesa mais declarada do treinamento profissional de historiadores, salientando que o professor deve ser um *expert* no conhecimento histórico, e também um conhecedor de pedagogia, para que as aulas tenham a força e a inspiração que só o discurso vivo pode fornecer.¹³⁷ Ele propõe ainda métodos de ensino, partindo da ideia de trabalhar “*do conhecido para o desconhecido*”¹³⁸, utilizando em sala de aula reproduções de objetos do passado, maquetes, mapas, modelos e fotografias, a fim de iniciar a discussão e conduzi-la para conceitos mais abstratos. A biografia é vista como a melhor maneira de despertar o interesse dos estudantes, e para os mais novos, não há problemas em introduzir histórias fantasiosas. Terminamos a análise do texto de Smith percebendo também a tendência a uma história mais abrangente e generalista, que permita aos pupilos a compreensão da continuidade da nação, a consciência da herança passada pelas gerações, e das ideias sobre as quais o mundo presente se construiu, elementos do “*equipamento moral de um homem civilizado*”.¹³⁹

O eminente e prolífico James Bryce é outro pensador do ensino de história com quem George Wrong possuía afinidades, orgulhando-se de manter uma próxima relação com o então Embaixador Britânico nos Estados Unidos.¹⁴⁰ Dentre uma longa e diversa produção intelectual, selecionamos o *Teaching of History in Schools* (1907) para expandir a análise historiográfica da influência do meio acadêmico de Oxford sobre o contexto em que se insere nosso autor canadense. Neste texto de Bryce, proferido como uma palestra a *The Historical Association*, vemos um experiente acadêmico compartilhando suas impressões sobre o ensino escolar nos últimos cinquenta anos. Ele percebe uma grande melhora na maneira como a

¹³⁵ Op. Cit. Pg. 179.

¹³⁶ Op. Cit. Pg. 7.

¹³⁷ SMITH. 1898. 187.

¹³⁸ Ibidem, Pg. 188.

¹³⁹ Ibidem. Pg. 180.

¹⁴⁰ BERGER, Carl. 1986. Pg. 9.

história é ensinada neste período,¹⁴¹ sendo cada vez mais adequada às necessidades dos jovens, o que se expressa principalmente nos livros didáticos utilizados. Mais adiante, Bryce é categórico: “*Para ensinar história, você deve ser um historiador*”¹⁴². Ele pensa que a maestria no conhecimento histórico leva o homem à percepção das mudanças e desenvolvimentos a que a sociedade atravessa constantemente, levando-o a conseguir ver o tempo presente com um olhar de quem está fora dele. O historiador na função de professor tem posição primordial no modelo proposto por Bryce, em que o estudante “*aprende ao seguir a mente de um homem que assimilou o método*”,¹⁴³ mas este método em si não é o objeto central.

Para o autor britânico nascido em 1838, o ensino de história nas escolas deve incluir a leitura de fontes históricas originais, permitindo ao estudante alcançar o sentido dos acontecimentos no tempo em que foram vividos. Há também a prevalência de uma história generalista, que gere uma visão compreensiva de toda a trajetória da humanidade, o que está ligado a uma habilidade fundamental em sua concepção, a percepção do tempo em perspectiva.¹⁴⁴ É como se olhássemos para o passado e pudéssemos distinguir as folhas das árvores mais próximas, víssemos apenas a copa daquelas à meia distância, e longe no tempo, as sombras e vultos daquelas remotas árvores seriam tudo o que poderíamos contemplar, em uma metáfora para os eventos históricos que representa visualmente o nosso conhecimento do passado. A visualidade é um ponto comum entre Bryce e Wrong para a interpretação do passado, e eles usam da mesma expressão, “*ver o passado com os olhos de quem o viveu*”,¹⁴⁵ para ilustrar o espírito transcendental que acreditam incorporar o historiador experiente.

O bispo William Stubbs ocupou a cátedra de *Professor Régio de História Moderna* na Universidade de Oxford por dezoito anos entre as décadas de 1860 e 1880, antes de dedicar-se exclusivamente às tarefas episcopais. Stubbs foi um dos fundadores da história constitucional inglesa e teve fundamental participação na elevação da história moderna sobre os clássicos em Oxford,¹⁴⁶ de acordo com a visão de que o estudo de períodos mais recentes apresentava resultados práticos sobre a vida do presente. Um par de suas *lectures* concedidas anualmente na Universidade de Oxford encerra a nossa análise do pensamento sobre o ensino de história,

¹⁴¹ BRYCE, James. *Teaching of History in Schools*. The Historical Association No. 4. University College. London, 1907. Pg. 1-2.

¹⁴² BRYCE, James. *Teaching of History in Schools*. The Historical Association No. 4. University College. London, 1907. Pg. 4

¹⁴³ Ibidem. Pg. 6

¹⁴⁴ Ibidem. Pg. 7

¹⁴⁵ Ibidem. Pg. 3.

¹⁴⁶ SOFFER. 1987. 82.

com títulos relacionados a *Methods of Historical Study*, os dois textos de 1877 apresentam ideias sobre pesquisa e ensino. Uma interpretação básica fornecida por Stubbs divide em três os objetivos do estudo de história:

It may be read for its own sake, it may be learned as a mental discipline, and it may be acquired as a piece of the furniture or apparatus of cultivated life.¹⁴⁷

Esta divisão abre espaço para que o historiador profissional, treinado e especializado, conviva com outros produtores de conhecimento histórico para o bem comum. No primeiro aspecto a história “*assume a dignidade de uma ciência*”¹⁴⁸, no segundo ela é um importante instrumento educacional, e no terceiro é uma parte fundamental da vida civilizada. Stubbs reconhece a necessidade de estimular os três âmbitos da história, mesmo que para construir uma base de apoio para a disciplina na universidade, ela tenha se fechado ao redor de um método de estudo próprio que produzisse o mais alto nível de conhecimento histórico, e é neste campo que se encontram as mais profundas explicações sobre a nação e sobre a modernidade. Entretanto, ele valoriza a ação de todos os que fornecem material para um propósito maior, como arqueólogos, antiquários e curiosos: “*são abelhas operárias na colméia do conhecimento histórico*”.¹⁴⁹

As fontes históricas são o foco principal da primeira palestra, principalmente porque Stubbs percebe em seu tempo uma devoção exacerbada ao registro e classificação de todo e qualquer fragmento do passado. A sua ressalva é de que as fontes em si constituem apenas uma massa de fatos, e que os historiadores devem dar um passo além, “*aumentando a soma do conhecimento humano não apenas pela acumulação de fatos mas seguindo-os e tornando-os uma parte da história*”.¹⁵⁰ As “*autoridades originais*” são tema de um longo raciocínio no segundo texto também, que segue a divisão em três usos da história na sociedade. Deixada a história em si mesma para trás, a preocupação de Stubbs passa a ser o uso educacional da disciplina, e ele constrói uma poderosa metáfora para que o ensino e a leitura de história sejam pensados em termos artísticos. Stubbs propõe uma analogia visual entre as artes e a historiografia, em que a educação em história pode ser pensada como: a) escultura; b) pintura;

¹⁴⁷ STUBBS, William. *Seventeen Lectures on the Study of Mediaeval and Modern History*. Oxford Clarendon Press, Oxford, 1900. Pg. 82

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ Ibidem, pg. 87.

¹⁵⁰ Ibidem, pg. 93.

c) drama (teatro).¹⁵¹ O estudante deve portar-se como um artista, preferencialmente buscando produzir uma escultura ou uma pintura, pois a produção de um drama histórico é tarefa para pouquíssimos, mesmo entre historiadores experientes. Na condição de escultor, o sujeito deve pensar nos materiais (as fontes), baseando-se em um modelo de objeto a ser reproduzido, para a partir dele trabalhar sua ideia, olhando-o sob todos os ângulos, buscando unidade e verossimilhança, agregando tudo o que sustenta a história do objeto representado, de forma a construir uma “*imagem perfeita*”.¹⁵² Este método seria especialmente adequado para o estudo de grandes homens e instituições de que se pode ter exatas dimensões. No outro pólo do fazer artístico do estudante de história está a pintura. O gênero é especialmente adequado para a reprodução de situações, cenas, eventos, e requer um cenário, a sobreposição de planos, perspectiva, unidade e simetria, termos da linguagem verbal das artes visuais aplicados à história. O pintor não precisa conceber a imagem pensando em distintos ângulos de observação, nem alcançar a completude dos objetos e personagens retratados, mas deve satisfazer-se ao criar uma cena verdadeira e consistente, não como ela realmente foi no passado, mas como “*uma representação adequada do que ela pareceu ser*”.¹⁵³

Ao final das leituras percebemos que os grandes nomes da historiografia em Oxford nas décadas a que se atribui a aceleração do processo de profissionalização da História defenderam a necessidade de especialização e do fortalecimento da disciplina na universidade. Nenhum deles pensava a história como uma ciência, mas por meio de “*um estado de espírito científico*”¹⁵⁴, buscavam refinar as práticas de estudo, fornecer respostas para os problemas da sociedade e consolidar o ensino de história em um âmbito mais abrangente, acreditando em sua capacidade de formar líderes para o futuro. Os autores buscavam na visualidade e nas artes instrumentos teóricos que ajudassem a pensar, escrever e ensinar história, e é possível inserir Wrong neste mesmo esforço. A proximidade entre os discursos vindos de Oxford e aquele produzido em Toronto no início do século XX torna evidente a recepção e interpretação de ideias por George Wrong, que de certa forma, as insere no meio acadêmico e escolar do Canadá sem muitas inovações e ressignificações.

Independentemente da assunção de um paradigma científico para a história, não podemos negar que a sua prática se estabelece como uma profissão no tempo de vida de

¹⁵¹ Ibidem, pg. 109-115

¹⁵² Ibidem, pg. 112.

¹⁵³ Ibidem, pg. 114.

¹⁵⁴ BERGER, Carl. 1986. Pg. 8

Wrong, e ele mesmo trabalha pelo fim do amadorismo no meio. A institucionalização e a profissionalização da história estão associadas ao estabelecimento de uma base metodológica própria para a ciência histórica como disciplina autônoma, que conquista sua distinção da teologia e da literatura pela crítica de fontes primárias.¹⁵⁵ Principalmente a partir da metade do século XIX, na Europa e na América do Norte, a criação e expansão de cátedras de história em universidades, faculdades e escolas superiores, revelam um crescente campo profissional de historiadores, que têm suporte material nessas grandes instituições e por causa delas passam a ocupar uma diferente função social. O método seminário traz significativas mudanças na estrutura das disciplinas universitárias, alterando formas de ensino, e principalmente introduzindo a pesquisa histórica como padrão de produção do conhecimento histórico¹⁵⁶. O aumento na quantidade de historiadores e professores está associado também ao estabelecimento da história como uma disciplina escolar, refletindo o grau de especificidade e autoridade que o campo conquista. Não apenas as universidades promovem este processo mútuo de institucionalização e profissionalização, mas também uma série de novas organizações institucionais demonstram esses avanços. Por exemplo, arquivos públicos se proliferam nos países ocidentais, e jornais e revistas históricos criam uma rede de identificação e comunicação entre historiadores, e de alguma forma revelam a existência de um público especializado.¹⁵⁷

No Canadá esses processos tornam-se visíveis na virada para o século XX, mesmo que ainda longe da completude. Em torno da geração liderada por George M. Wrong estão os fatores que confirmam a existência da historiografia profissional no Canadá, tais como a existência de departamentos exclusivos de história nas universidades, a circulação de uma revista crítica de história que condenava o amadorismo nas produções do meio¹⁵⁸ e a participação dos historiadores na elaboração de diretrizes e materiais para o sistema educacional público e especificamente para a disciplina histórica. A base teórica e metodológica que acompanha a história crítica – uso de fontes primárias, pesquisa original, especialização e a mentalidade científica – era presente na primeira geração de historiadores profissionais no Canadá, entretanto, a influência inglesa era determinante e a história e seu

¹⁵⁵ IGGERS, Georg. “*The Intellectual Foundations of Nineteenth-Century ‘Scientific’ History: The German Model*”. In: MACYNTIRE ed. *Oxford History of Historical Writing*: vol. 4. Oxford. 2012, pg. 42-43.

¹⁵⁶ LINGELBACH, Gabriele. “*The Institutionalization and Professionalization of History in Europe and US*”. In: MACYNTIRE ed. *Oxford History of Historical Writing*: vol. 4. Oxford. 2012, pg. 79.

¹⁵⁷ Ibidem. Pg. 84.

¹⁵⁸ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 29.

ensino mantiveram-se associados a um projeto moralista e patriótico.¹⁵⁹ Wrong defende o que ele define como “*pesquisa moderna*”¹⁶⁰, e coloca a crítica das fontes originais como a condição básica para o trabalho historiográfico,¹⁶¹ mas em sua visão, história não é ciência.¹⁶² A história de Wrong é ensinamento moral, construção do sentimento nacional, valorização de concepções políticas como a liberdade constitucional e o imperialismo, e a aprovação de práticas culturais do povo (não nos esqueçamos de que cada elemento exaltado tem um oposto que é oprimido ou silenciado). Por outro lado, uma dimensão fundamental do pensamento de Wrong sobre a história é a primazia da pesquisa pautada em documentos:

The first axiom of sound historical study is that it involves some, if necessarily a very limited, dealing with original authorities.¹⁶³

Desde o início de seu exercício na universidade George Wrong pensou a história a partir das fontes. Aproximando a história das ciências exatas, ele estabelece um axioma para os estudos históricos, o que poderia indicar a auto-evidência de sua afirmação, tornando-a pretensiosamente inquestionável, ou apenas um ponto de partida tomado como garantido. De uma forma ou de outra, a lógica de seu argumento se constrói sobre as “autoridades originais”. Esta premissa imediatamente exclui da categoria de “estudo histórico notável” toda escrita de história que não lida diretamente com as fontes. Ao pensarmos o contexto canadense do final do século XIX – no qual ainda não havia grandes arquivos públicos ou instituições dedicadas a edições de fontes, nem uma associação que mapeasse e cuidasse dos tão estimados monumentos históricos, e que, para Wrong, ainda dependia dos documentos britânicos para contar o próprio passado – a escrita da história era muito dependente das “autoridades secundárias”¹⁶⁴. Grandes autores que produziram obras emblemáticas sobre o passado inglês – Froude, Macauley e Freeman são alguns nomes citados – e eram lidos do lado oeste do Atlântico, são vistos por Wrong como necessários, mas certamente insuficientes.

¹⁵⁹ Idem.

¹⁶⁰ WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. VI.

¹⁶¹ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. Pg. 9

¹⁶² WRONG, George M. *President's address: The Historian's Problem*. Canadian Historical Association. Toronto, 1927. Pg. 3.

¹⁶³ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. , pg. 9.

¹⁶⁴ WRONG, George M. *Suggestions to Teachers*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 3.

Yet a peep into the workshop of History, by going to the authorities for a chosen period, is necessary if we are to understand a sound historical method, and to set our own minds working freely and intelligently upon these questions.¹⁶⁵

A consulta a tais autores, aqueles que tornam-se autoridades sobre determinados períodos históricos, significa uma visita à oficina da história, onde poderemos compreender o seu método apropriado. Ao observar o fazer da história, condicionamos a mente a trabalhar livremente e com inteligência sobre as questões do passado. É importante notar que Wrong se enxerga trabalhando na mesma oficina que aqueles historiadores. O seu axioma se impõe aos conterrâneos que meramente contentavam-se em repetir e copiar as narrativas daquelas autoridades. O problema é que a história produzida sem as fontes perde o âmago da sua existência:

We shall always miss in the modern narrative of past events many of the gleams of human nature that only a contemporary can give.¹⁶⁶

Se o homem do passado é o problema que se apresenta ao historiador, então a solução para esse problema, o caminho para aproximar-se à verdade, só pode ser encontrado no próprio homem do passado. Ao tentar produzir um estudo de história a partir de narrativas posteriores ao próprio assunto, perde-se o brilho de natureza humana que só os contemporâneos puderam observar. É no *Historical Study in the University* que Wrong se utiliza da metáfora do “vale de ossos secos”¹⁶⁷ para referir-se à história ausente de testemunhas. Este documento apresenta o projeto para a disciplina histórica que de fato foi estabelecido na Universidade de Toronto, e posteriormente consolidado pelo Estado canadense a nível nacional. Pensado sob o influxo da história crítica, em que as fontes ocupam o lugar central na produção de conhecimento histórico, o empreendimento ultrapassou a dimensão da ação individual de Wrong.

1.3. Sociedades e Redes.

¹⁶⁵ WRONG. Op. cit. Pg. 9

¹⁶⁶ Ibidem. Pg. 10.

¹⁶⁷ Idem.

Entre os anos de 1894 e 1927 George Wrong consolidou-se como um dos mais importantes personagens da profissionalização da história no Canadá, utilizando o departamento da Universidade de Toronto como um centro de produção de conhecimento histórico, “*garantindo o reconhecimento da história como uma disciplina distinta, criando um departamento independente, e estabelecendo o aparato crítico de uma nova história acadêmica*”.¹⁶⁸ Contudo, o seu envolvimento no processo de profissionalização e institucionalização da história transcende a sua atuação como chefe de departamento e professor universitário. Foram múltiplas as suas iniciativas para integrar a comunidade de produtores de conhecimento histórico, para aprimorar os estudos conduzidos no seu país, e para divulgá-los a um público mais amplo do que as academias, principalmente pela criação de sociedades ou associações que eram dedicadas aos estudos históricos. Ao considerarmos o protagonismo de Wrong nesses projetos, em sua maioria idealizados e levados à cabo por ele, podemos reconhecer a sua posição como figura de liderança na historiografia canadense a partir da última década do século XIX, dentro de um objetivo coletivo que se articula por uma rede de ações.

A associação entre esses homens significa uma base de ideias comum, o compartilhamento de noções sobre educação, sobre a história e sobre a nação canadense, principalmente. Além de uma evidente proximidade socioeconômica entre eles, a motivação para que os seus trabalhos convergissem é a idealização de um projeto coletivo para a sociedade canadense que passaria pelo conhecimento do passado para alcançar a construção da jovem nação. O meio para produzir este conhecimento e difundi-lo na sociedade foi inicialmente a pesquisa histórica pautada em fontes primárias. Podemos perceber um impulso para a busca, organização e edição de fontes, conduzido por iniciativas como a *Champlain Society* e a *Historical Manuscripts comission*, envolvendo o Arquivo Nacional canadense e a Biblioteca Pública de Toronto. Participe em ambas empreitadas, George Wrong teve uma fase de intensa atividade profissional nos anos que se seguiram à publicação de *The British Nation*. Junto com o *Historical Club* fundado em Toronto no ano de 1904 para promover os melhores estudantes de história e integrá-los à elite canadense, em 1905 é fundada a sociedade batizada de *Champlain Society*. Coordenada inicialmente por iniciativa de Byron Edmund Walker – presidente do *Canadian Bank of Commerce* e membro do senado, o empresário canadense financiou diversos projetos nos campos das artes e das ciências, tendo uma próxima relação com George Wrong, inclusive testemunhando a seu favor no processo de admissão pela

¹⁶⁸ BERGER, Carl. 1986. Pg. 9

Universidade de Toronto – a sociedade tinha como objetivo a publicação de registros históricos fundamentais para a nação canadense, promovendo o acesso popular a esses materiais.¹⁶⁹ A sociedade contava com a orientação de George Wrong, além do historiador Charles Colby, da Universidade McGill, e do diretor da Biblioteca Pública de Toronto, James Bain. Em seus primeiros anos o grupo priorizou raros documentos relativos ao período da Nova França, como os do explorador Samuel de Champlain, a quem se atribui os primeiros registros escritos da região dos Grandes Lagos e a fundação do Québec. A *Champlain Society* foi bem sucedida e permanece em plenas atividades até os dias de hoje, mantendo o modelo de subscrições individuais proposto por Wrong e Colby em 1905, em que uma contribuição anual fixa dá direito a dois volumes para cada assinante e possibilita a oferta dessas obras nas livrarias públicas, consideradas “*modelos de bela confecção de livros, assim como de edição erudita*”.¹⁷⁰

Ainda nas atividades de pesquisa, edição e publicação de fontes históricas, em 1907 Wrong e Colby passam a integrar a *Historical Manuscripts Commission*, um conselho de especialistas que auxiliava o trabalho do *Dominion Archivist*, cargo que comandava todo o trabalho arquivístico executado pelo Estado canadense, ocupado naquele momento por Arthur Doughty. A comissão prestava consultoria ao governo em relação ao trato dos arquivos no país, e foi importante para o estabelecimento de um programa de publicação de documentos sob iniciativa estatal.¹⁷¹ Para além das dezenas de publicações e documentos editados, a comissão foi um espaço de cooperação entre alguns dos mais importantes pensadores de história no contexto canadense do começo do século, notadamente Wrong, Doughty, Charles Colby e Adam Shortt, e foi uma experiência em que a história institucionalizada no Arquivo Nacional e nos departamentos universitários comandados por alguns deles recebeu o impulso do Estado e produziu resultados concretos, como a série *Documents Relating to the Constitutional History of Canada* (1907). Pode-se afirmar também que estes homens contribuíram para a consolidação dos ideais nacionais da Confederação do Canadá pelo trabalho de registro, publicação e centralização dos vestígios culturais do passado canadense.¹⁷²

¹⁶⁹ LAMB, W.K. *Champlain Society*. In: The Canadian Encyclopedia, 2014. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/champlain-society/> Acesso em: 07/03/2018

¹⁷⁰ BERGER, Carl. 1986. Pg. 14.

¹⁷¹ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 42.

¹⁷² LACASSE, Danielle; LACHASSEUR, Antonio. *The National Archives of Canada (1872-1997)*. The Canadian Historical Association Historical Booklet n.58. Ottawa, 1997. Pg.8.

Eles foram pioneiros no entendimento de que estes materiais deveriam estar preservados, organizados e classificados em uma instituição pública, colocados à disposição da população principalmente para que sirvam de base a novos estudos históricos, de forma a construir um acervo nacional, para uma história nacional. Outras iniciativas de objetivos semelhantes haviam sido tomadas no Canadá principalmente nas esferas provinciais, como a *Literary and Historical Society of Québec*, fundada em 1824, que apenas em 1872 conseguiu ampliar a sua atuação a nível federal, quando conseguiu aprovar no parlamento um fundo para o estabelecimento de arquivos públicos.¹⁷³ Entretanto, este projeto inicial não abrangia todas as províncias, e além de preterir muitos tipos de documentos, possuía caráter meramente acumulativo. Em contrapartida, vemos um projeto genuinamente nacional sendo realizado por Wrong, Shortt, Colby e Doughty quando estabelecem um Arquivo Nacional e a partir dele criam a *Historical Manuscripts Commission*, preocupada em democratizar o acesso às fontes históricas e em fundamentar nelas uma base historiográfica para o Canadá.

In order that the character of the records accumulated by the Archives department may be made known to the public, and that the advantages to be derived from an acquaintance with these materials may be equally shared by teachers, students and citizens of Canada generally, in all parts of the country, it has been considered advisable to select and publish in a connected form, a number of the more important and representative documents relating to specific features of Canadian national development.¹⁷⁴

A necessidade de fazer disponível o acervo documental canadense surge de uma preocupação com “*a futura estabilidade da vida nacional*”¹⁷⁵, seguindo a ideia compartilhada entre aqueles senhores de que o estudo do passado e o conhecimento da história das instituições do Canadá seriam condições indispensáveis para o estabelecimento e a condução da nação, em um contexto já reconhecido de amarras imperialistas e de sombra anexionista.

Conhecido pela eminente posição de Arquivista do Dominion e Guardião dos Registros Públicos, cargo federal que assumiu em 1904 e ocupou por trinta e um anos, Arthur Doughty também nasceu no ano de 1860, na Inglaterra. Estabeleceu-se no Canadá em 1886, trabalhando como crítico literário, editor e autor de obras dramáticas, históricas e poesia. No

¹⁷³ Ibidem. Pg. 5.

¹⁷⁴ CANADIAN ARCHIVES. *Documents Relating to the Constitutional History of Canada 1759-1791*. 2nd Edition. L. Taché Printer, Ottawa, 1918. Pg. XI

¹⁷⁵ Idem.

Québec, ingressou no serviço público em 1897 e tornou-se bibliotecário legislativo. A sua formação acontecera em escolas públicas da Inglaterra, e destaca-se a passagem pelo New Inn Hall, um dos *colleges* dedicados ao estudo de direito em Oxford. Sem formação específica nos estudos históricos ou em arquivística, seu talento literário e a boa rede de relacionamentos que construiu no Canadá garantiram-lhe a ascensão ao cargo mais importante no trato da documentação histórica no país.¹⁷⁶

Após a fase inicial de crítica dramática e poesia, veio a obra que tornou Doughty notável entre os estudiosos de história, principalmente aqueles que clamavam por uma leitura mais rigorosa e concreta do passado canadense: *The Probable Site of the Battle of the Plains of Abraham* (1899). O livreto integra a série da *Royal Society of Canada*, e responde uma querela entre as vertentes francesa e inglesa da historiografia canadense, chegando a uma resposta definitiva com base no estudo da documentação proveniente dos dois grupos idiomáticos, apoiando-se também em estudos arqueológicos e cartográficos. O trabalho foi bem recebido pela comunidade e levou à indicação de Doughty à *Royal Historical Society*, de forma que o gênero historiográfico se tornou uma prioridade em sua carreira. Destaca-se o livro *Under the Lily and the Rose* (1930), em dois volumes, e a monumental série editada em parceria com Adam Shortt, *Canada and Its Provinces*, lançada em 23 volumes e que envolve o trabalho de mais de cem autores ao longo de duas décadas, um dos elos centrais que liga os indivíduos desta rede de colaboração para uma historiografia nacional canadense. Estas duas obras são voltadas ao público geral (*Lily and the Rose* é um romance histórico pensado para crianças), em um esforço de comunicar os avanços feitos pelos estudos históricos para a sociedade, aproximando-a de um passado canadense em comum. O assunto de sua especialidade acabou se tornando a história do Québec, mesmo por que era ele o responsável pela organização da documentação de toda a província, desde o seu estudo publicado em 1899. É por esta razão também que Doughty editou dezenas de compilações de fontes históricas referentes à província do Québec, trabalho que o qualificou para estar à frente dos registros públicos a nível nacional.

A controvérsia em torno do local exato da batalha das Planícies de Abraão levou Doughty a mergulhar de fato nas profundezas da documentação histórica canadense, tornando-se um conhecedor dos arquivos e um especialista em sua organização. Assim, foi-

¹⁷⁶ WILSON, Ian. *Sir Arthur George Doughty*. The Canadian Encyclopedia. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/sir-arthur-george-doughty/>. Acesso em: 20/02/18.

lhe oferecido o cargo de Arquivista do Dominion em 1903, posição que declinou inicialmente, mas que assumiu em definitivo após um decreto do ano seguinte.¹⁷⁷ A historiografia exalta o projeto conduzido por Doughty à frente dos arquivos federais, iniciando pela transferência da documentação para um prédio próprio, planejado para esta função, a garantia de verbas para a continuação do trabalho e a criação de três equipes especializadas no trato com os arquivos.¹⁷⁸ Em 1905, um estudioso das línguas, H.P. Biggar, foi enviado a Londres e Paris para comandar um grupo canadense de copistas responsáveis pela obtenção de documentos relativos à descoberta e exploração do território norte-americano.¹⁷⁹ A principal virtude apontada por Carl Berger para o trabalho de Doughty é a paixão pelo colecionismo, que o levava a aventurar-se entre os círculos aristocráticos da Inglaterra e da França em busca de acervos particulares e por entre as instituições europeias na conquista de séries documentais. As suas habilidades sociais e um sincero apreço pelos vestígios materiais do passado confluíram na enorme expansão dos arquivos do Canadá durante as três décadas em que ocupou o cargo.¹⁸⁰ Nota-se a abertura dos arquivos canadenses para novas mídias desde a estréia de Doughty, como fotografias, gravuras, obras de arte e registros científicos, de acordo com o que posteriormente foi classificado sob o conceito de “arquivo total”.¹⁸¹ Outra medida considerada determinante para os arquivos canadenses foi a aproximação entre uma comissão chefiada por Arthur Doughty e os órgãos da administração pública, consolidando uma política nacional de produção, preservação e distribuição de documentos e fontes históricas.¹⁸²

A preocupação com o rigor e a veracidade dos fatos históricos orientou o trabalho de Doughty à frente dos arquivos canadenses desde os tempos de seu estudo sobre a Batalha das Planícies de Abraão, e os seus objetivos transcendiam a popularização da história ou a preservação de documentos, seguindo a crença de que o arquivo pode ser um instrumento de justiça, um atrativo para grandes mentes literárias e um suporte para o patriotismo.¹⁸³ A construção de bases para uma historiografia científica pode ser atribuída a Doughty,¹⁸⁴ e a ele

¹⁷⁷ SULTE, DAVID, FRYER. *History of Québec: Its resources and people*. The Canada History Company, Toronto and Montreal, 1908. Pg. 544.

¹⁷⁸ WRIGHT, Donald. 2005. Pg.42.

¹⁷⁹ BERGER, Carl. 1986. Pg. 26.

¹⁸⁰ Ibidem. Pg. 26-27.

¹⁸¹ LACASSE, Danielle; LACHASSEUR, Antonio. *The National Archives of Canada (1872-1997)*. The Canadian Historical Association Historical Booklet n.58. Ottawa, 1997. Pg.7.

¹⁸² Ibidem. Pg.7-8.

¹⁸³ BERGER, Carl. 1986. Pg. 27.

¹⁸⁴ WILSON, Ian. *Sir Arthur George Doughty*. In: The Canadian Encyclopedia. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/sir-arthur-george-doughty/> .Acesso em: 20/02/18.

foi designada a responsabilidade pela renovação da história do Canadá por meio das fontes, colocando a pesquisa histórica no centro do projeto dos Arquivos Nacionais, e promovendo a criação de uma historiografia canadense.¹⁸⁵ Em 1914 ele escreve:

A história não é mais considerada meramente um campo para o exercício das habilidades literárias; ela tem perdido em grande medida o seu caráter épico e assumido a forma rígida da ciência. Documentos originais, ou transcrições fiéis deles, devem ser consultados, e é manifestamente importante que estes estejam acessíveis, nas condições mais favoráveis possíveis a todos os estudantes. Existe no Canadá hoje uma crescente escola histórica; e é uma satisfação saber o enorme benefício que já foi derivado, particularmente por nossos autores mais jovens, dos recursos colocados à disposição pelos Arquivos Públicos.¹⁸⁶

Os objetivos profissionais perseguidos por Arthur Doughty na liderança dos arquivos públicos canadenses são essencialmente complementares aos que George M. Wrong almejava na Universidade de Toronto e nas diversas sociedades históricas e educacionais que integrava. Para além da parceria para o fomento à pesquisa histórica, as cartas enviadas por Wrong para sua esposa Sophia indicam uma próxima relação de amizade entre ele e Doughty, sendo este um tema recorrente das correspondências ao longo dos anos.¹⁸⁷

O quarto fio desta rede que parte da *Historical Manuscripts Commission* é Adam Shortt, notável na história intelectual canadense como uma figura de semelhante importância à de George M. Wrong. Nascido no Canadá em 1859, Shortt fez sua formação principalmente em disciplinas de filosofia, caminhando também entre as áreas de psicologia, botânica e química. Seu objetivo ao integrar a *Queen's University* era a preparação para o seminário presbiteriano, mas a carreira acadêmica tornou-se seu foco a partir de 1885, quando ingressa no corpo docente da Universidade.¹⁸⁸ Um período de três anos em academias escocesas o fez aproximar-se da economia, adotando perspectivas teóricas que conciliavam o seu conhecimento de filosofia com uma abordagem histórica. Foi na história econômica que ele construiu a sua base de leitura do passado canadense, e por meio da fundação do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da *Queen's University* que Shortt tornou-se

¹⁸⁵ LACASSE; LACHASSEUR. 1997. Pg. 6

¹⁸⁶ DOUGHTY, A.G. *Preface*. In: *A Guide to the Documents in the Manuscript Room at the Public Archives of Canada*. Vol.I. Government Printing Bureau, Ottawa, 1914. Pg. I.

¹⁸⁷ AVERILL, Harold. *George M. Wrong Family*. University of Toronto Archives, Toronto, 2005. Pg. 13.

¹⁸⁸ GORDON, Stanley. *Adam Shortt*. In: *The Canadian Encyclopedia*. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/adam-shortt/>. Acesso em: 22/02/2018.

uma das mais destacadas mentes pensando o estudo das humanidades no Canadá do começo do século XX.¹⁸⁹

Sua primeira obra de cunho historiográfico a ganhar reconhecimento no cenário canadense foi *The Early History of Canadian Banking: Canadian Currency and Exchange Under French Rule* (1898). O livro foi pioneiro na história econômica do Canadá, tornando Shortt a maior referência do país sobre questões financeiras, tendo seus conselhos solicitados por “governos, clubes canadenses, grupos reformistas, jornais e clérigos”¹⁹⁰. Entre outras obras concernentes à história econômica, Shortt publicou em colaboração com Arthur Doughty o *Documents Relating to the Constitutional History of Canada* (1907), compilação de fontes que indicava o domínio do acervo histórico canadense e a intenção de estimular a pesquisa no país. A questão do imperialismo havia sido atacada por ele em 1904, com o *Imperial Preferential Trade From a Canadian Point of View*, em que analisara o modelo capitalista do Império Britânico evidenciando o seu caráter “restritivo” e “mercenário”.¹⁹¹ A maior realização de Shortt para a história da historiografia canadense foi novamente em parceria com Doughty, na já mencionada série *Canada and Its Provinces*, publicada a partir de 1913. A série é considerada “um trabalho fundamental para compreender o Canadá pré-1918”,¹⁹² e agrega entre os mais de cem contribuintes aqueles autores que eram no momento as maiores autoridades na sociedade canadense, não só em questões históricas, mas acerca de diversos ramos do já avançado estágio de especialização do conhecimento no Canadá do começo do século XX.¹⁹³ “O alcance dos fatos é tão amplo e os tópicos tão variados e complexos que nenhum autor sozinho poderia possivelmente abarcá-los”.¹⁹⁴

A escrita de monumentais narrativas que explicassem toda a trajetória da nação desde suas origens era uma pré-condição para o estabelecimento de uma historiografia nacional, em que a capacidade do historiador em realizar com maestria esta empreitada significava o reconhecimento como uma figura fundadora de uma nova tradição nacional.¹⁹⁵ No Canadá, essas obras de dimensões épicas foram executadas coletivamente, com o destaque para duas

¹⁸⁹ BERGER, Carl. 1986. Pg. 21

¹⁹⁰ Ibidem. Pg. 22

¹⁹¹ SHORTT, Adam. *Imperial Preferential Trade From a Canadian Point of View*. Morang & Co. Toronto, 1904. Pg. I.

¹⁹² LACASSE, LACHASSEUR. 1997. Pg. 8.

¹⁹³ BERGER, Carl. 1986. Pg. 28.

¹⁹⁴ SHORTT, A. DOUGHTY, A. eds, *Canada and Its Provinces*. 23 vols (Toronto: Publishers' Association of Canada, 1913): Vol. 1, ix

¹⁹⁵ BERGER, Stefan. “‘Fathers’ and Their Fate in Modern European National Historiographies”, *Storia della Storiografia* 59-60, 2011. Pg. 230.

investidas partidas dos sujeitos em questão. A grandiosa operação historiográfica levada a público na forma de série como *Canada and It's Provinces* teve reconhecida importância para a historiografia canadense, como atestam os contemporâneos W.A. Makintosh¹⁹⁶ e Arthur Lower¹⁹⁷. Por outro lado, entre 1914 e 1916, George Wrong edita com o auxílio de H.H. Langton, o notável bibliotecário da Universidade de Toronto com quem já trabalhara na fundação da *Review of Historical Publications Relating to Canada*, a série *Chronicles of Canada*, publicada em 32 volumes. Com o aporte do editor Robert Glasgow, a série possuía uma inclinação assumidamente popular,¹⁹⁸ tendo alcançado a marca de trinta mil coleções completas vendidas até o falecimento de Wrong em 1948.¹⁹⁹

Uma das contribuições frequentemente atribuídas ao economista político Adam Shortt é a promoção de um senso de dever social dentro do ambiente educacional, principalmente pela Queen's University. Ele está inserido em uma tradição que pode ser denominada como “*idealismo filosófico canadense*”,²⁰⁰ defendida expressamente pelos professores de Shortt em Queen's, John Watson e George Grant. A base desta filosofia moral em sua expressão canadense seria uma concepção orgânica da sociedade, que enxerga os indivíduos como uma parte integrante de um todo heterogêneo, de maneira que suas reivindicações estejam de acordo com os interesses da comunidade e a favor dela. Na prática, este ponto de vista significou o direcionamento da universidade para a formação de líderes que se dedicassem ao serviço do Estado.²⁰¹ O próprio Shortt deixa a universidade em 1908 para ocupar o cargo de Comissário de Serviço Civil, após duas décadas de trabalho pela via docente.²⁰²

A importância de Shortt para a escrita da história no Canadá é equiparada à de Wrong por Carl Berger, exatamente pela evidente divergência entre suas concepções teóricas. Ambos são contemporâneos à chegada da história crítica na historiografia canadense, dirigiram e expandiram seus departamentos em duas das maiores universidades do país, e mantiveram ao

¹⁹⁶ MACKINTOSH, W. A. *Adam Shortt (1859-1931)*. In: *The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue canadienne d'Economie et de Science politique*, Vol. 4, No. 2 (May, 1938). Pg. 173.

¹⁹⁷ LOWER, A. ‘*Adam Shortt, Founder*,’ *Historic Kingston* 17 (January 1969): 6

¹⁹⁸ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 43.

¹⁹⁹ WALLACE, W.S. *The Life and Work of George M. Wrong*. *The Canadian Historical Review*, Vol. 29, n. 03. (1948). Pg. 236.

²⁰⁰ TORRANCE, D. E. *Instructor to Empire: Canada and the Rhodes Scholarship, 1902-39*. In: BUCKNER, Philip; FRANCIS, R. Douglas. eds. *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006. Pg. 252.

²⁰¹ BERGER, Carl. *The Sense of Power: Studies in the ideas of Canadian imperialism*. Toronto, University of Toronto Press, 1970. Pg. 209.

²⁰² Op. Cit. Pg. 253.

longo de suas carreiras um profundo comprometimento com a vida pública, o serviço social e a formação de um patriotismo canadense. Entretanto, Wrong nunca assumiu uma postura propriamente científica em relação à história, valorizando a intuição, a interpretação e a imaginação como habilidades do fazer histórico, enquanto Shortt abraçou o empiricismo e inspirou-se nos seminários germânicos e estadunidenses para propagar uma historiografia científica.²⁰³ Sabemos que eles estiveram juntos na comissão de história da *Ontario Educational Association*²⁰⁴, mas o espaço principal em que Shortt pôde desenvolver sua defesa dos fatos históricos foi à frente do conselho de publicações dos Arquivos Nacionais, em que, ao lado de Doughty, construiu uma enorme base de trabalho para a subsequente historiografia canadense.²⁰⁵

Wrong e Shortt se empenharam para alcançar o momento em que o estabelecimento de uma historiografia crítica e institucionalizada estava amadurecido, ao final da década de 1900, quando as principais universidades do Canadá já possuíam departamentos específicos de história ocupados por historiadores profissionais, trabalhando coletivamente sobre uma mesma base de ideias, com uma revista de crítica histórica bem estabelecida, e com um grande arquivo nacional em franca expansão. Neste momento em que o trabalho de fundação já estava avançado, eles passam a buscar um novo patamar, a comunicação dos resultados para a sociedade em geral. Primeiramente por meio do sistema educacional, veremos no capítulo três que a atuação de George Wrong e Adam Shortt na *Ontario Educational Association* foi importante para o estabelecimento de um *syllabus* atualizado, que privilegiava a história moderna, apoiado por uma bibliografia em conformidade com os critérios da historiografia acadêmica e, principalmente, que incluía a história do Canadá desde os primeiros anos. A escrita de *The British Nation* acontece para atender a esta demanda, e a sua difusão pelas escolas do país confirma a nacionalização de um projeto historiográfico.

A iniciativa que mais representou um salto para a história crítica fora a criação da *Review of Historical Publications Relating to Canada*. Um marco inaugural para o criticismo de textos históricos no Canadá por meio da “*investigação e do criticismo técnico de livros de história*”²⁰⁶, tornou-se o principal veículo de autoridade na definição do que era considerado

²⁰³ BERGER, Carl. 1986. Pg. 31.

²⁰⁴ Foram analisados os relatórios dos anos de 1900 a 1904.

²⁰⁵ MACKINTOSH, W. A. *Adam Shortt (1859-1931)*. In: *The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue canadienne d'Economie et de Science politique*, Vol. 4, No. 2 (May, 1938). Pg. 175-176.

²⁰⁶ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 32.

história e do que não podia mais ser julgado como tal. A preferência pela história profissionalizada afetou diretamente uma das comunidades de produção histórica mais ativas até o final dos mil e oitocentos, quando as mulheres estavam ativamente engajadas na preservação e publicação de documentos históricos, na escrita de gêneros textuais que interpretavam o passado, e na construção de um patriotismo fundado historicamente.²⁰⁷ A criação da *Woman's Canadian Historical Society of Toronto* em 1895, por exemplo, poderia ter significado uma ampliação ainda mais significativa das atividades da comunidade histórica no país, mas as relações com a *Review* de Wrong foram marcadas por um tom de exclusão. “Muito emotivo” e “mais histérico do que histórico”²⁰⁸ foram termos usados pela *Review* na avaliação de um dos primeiros textos submetidos pela sociedade feminina, da autoria de Mary FitzGibbon. De maneira geral, os autores da *Review* criticavam as publicações vindas das associações femininas tanto pelo gênero das autoras, como pela falta de adequação aos emergentes padrões profissionais.²⁰⁹ Assim, a publicação editada na Universidade de Toronto sob a orientação de George Wrong teve um duradouro efeito sob a historiografia canadense, impondo um padrão de escrita dos textos históricos que progressivamente rejeitava a produção amadora, até a sua evolução para *Canadian Historical Review* em 1920.

Donald Wright é um dos mais recentes historiadores canadenses a revisitar a história da historiografia de seu país na busca pela profissionalização do ofício, em sua obra *The Professionalization of History in English Canada* (2005). O autor engrossa o coro principiado por Carl Berger que entoa George Wrong como o principal agente a favor da história profissional nesta geração ativa nos primeiros anos dos mil e novecentos. Além da inegável influência inglesa, Wright vê no projeto de Wrong para a *Review of Historical Publications Relating to Canada* a herança do “modelo Rankeano”²¹⁰ e a orientação da *American Historical Association*, principalmente na aplicação de métodos de crítica interna e externa sobre documentos e livros de interesse histórico. A publicação teve êxito em “continuar uma conversa sobre o que era e o que não era história, e quem podia ser e quem não podia ser um historiador”²¹¹, tendo evoluído para a *Canadian Historical Review* no período entreguerras.

O processo de profissionalização e institucionalização da história que avançava por entre as sociedades históricas locais e as pequenas associações de orientação histórica e

²⁰⁷ The Woman's Canadian Historical Society of Toronto. *Constitution*. Toronto, 1895. Pg. 2.

²⁰⁸ Op. cit. Pg. 33.

²⁰⁹ Ibidem. Pg. 35.

²¹⁰ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 32.

²¹¹ Idem.

imperialista chega a uma fase madura e concreta com a fundação da *Canadian Historical Association* em 1922. Partindo da estrutura da decadente *Historical Landmarks Association*,²¹² o historiador Lawrence Burpee comandou a reorganização de uma associação que integrasse toda a comunidade histórica do Canadá, seguindo o exemplo da associação dos Estados Unidos. Burpee propôs uma união com a reformulada *Canadian Historical Review*, herdeira daquela *Review* criada por Wrong ainda em 1896, de forma que a CHA se tornasse um centro de convergência para a pesquisa histórica acadêmica, seguindo os objetivos: “encorajar a pesquisa e o interesse público em história; promover a preservação de sítios e construções históricos, documentos, relíquias e outras heranças do passado; [e] publicar estudos históricos e documentos como as circunstâncias permitirem.”²¹³ O próprio Wrong passa a ser integrante do conselho da associação, presidindo-a nos anos de 1926 e 1927. A *Canadian Historical Association* não pode ser considerada uma instituição puramente acadêmica em seus primeiros anos, e desde a proposta inicial de Burpee, ainda havia o discurso patriótico e moralista das décadas anteriores. Entretanto, a CHA foi efetiva em estimular a pesquisa em história no Canadá, tornando-se representativa da cultura historiográfica do entreguerras, em que a escrita pautada em fontes primárias torna-se a norma, e que os encontros anuais passam a ser emblemáticos de toda uma categoria profissional.²¹⁴

²¹² Associação fundada em 1907 para localizar, registrar, proteger e preservar os marcos históricos do Canadá.

²¹³ BURPEE, L. Apud. WRIGHT, D. *The Canadian Historical Association: A History*. Canadian Historical Association Booklet No. 62. Ottawa, 2003. Pg. 5.

²¹⁴ WRIGHT, Donald. 2005. Pg. 67-69.

Capítulo 2

British Nation: a peça-chave.

No primeiro capítulo nós reconhecemos a atuação de George Wrong para a consolidação de uma historiografia canadense sob o influxo da história crítica, em um contexto em que a formação do Canadá unificado acompanha os processos de institucionalização e profissionalização da história. Percebemos também a presença de uma comunidade de produtores de conhecimento histórico liderada por Wrong, que pela ação coletiva estabelece as bases para a historiografia canadense. Chega o momento de perceber como essa soma de fatores transparece e orienta o trabalho de Wrong como pensador da educação e como historiador, incidindo na sua atuação pelo ensino de história do Canadá a nível básico e superior, bem como na escrita de obras que respondam a esse contexto. *The British Nation* é o livro que conecta as duas esferas de atuação, sendo o resultado de uma convergência de interesses imperialistas para a educação dos jovens canadenses, bem como um produto historiográfico que condensa o espírito e as qualidades que George Wrong defendeu ao longo de sua carreira de historiador.

2.1. George Wrong e os sistemas escolares.

A história da educação pode ser uma ferramenta fundamental para a compreensão das transformações sociais, culturais, intelectuais e políticas que o Canadá atravessa desde a Confederação,²¹⁵ ao conectar os estudos de sistemas educacionais ao conhecimento produzido por outros campos do saber. Ela não se limita a interpretar o papel que a educação desempenha nas sociedades modernas, e pode ser um catalisador para a expansão das pesquisas históricas e para a revisão de questões já trabalhadas.²¹⁶ O conceito de sistema escolar considerado aqui será limitado ao modelo que surge em meados do século XIX, principalmente porque as formas de educação estabelecidas na América do Norte entre o século XVII e a primeira metade dos mil e oitocentos não seguiam a lógica de um sistema, por mais que existissem instituições escolares e diversas formas de organização para a

²¹⁵ KATZ, Michael. *The Origins of Public Education: A Reassessment*. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 16, No. 4 (Winter, 1976), pp. 381.

²¹⁶ Idem.

educação.²¹⁷ Os sistemas escolares que existiam nas grandes cidades do Canadá de George M. Wrong já contavam com uma cuidadosa organização interna, classificação dos alunos por idade, estruturas hierárquicas, eram compostos em sua maioria por escolas gratuitas e compulsórias, administradas por especialistas dedicados integralmente, e possuíam em seus quadros um número cada vez maior de professores treinados.²¹⁸ Podemos compreender suas origens como decorrência de processos que transformaram a América do Norte no século XIX, quais sejam: a industrialização e urbanização; a incorporação pelo Estado da responsabilidade de promover o bem-estar social; a concepção da institucionalização como solução para problemas sociais; e, por fim, a redefinição da família.²¹⁹

Na história da historiografia da educação no Canadá Anglófono, introduzida a nível nacional pela obra *The Development of Education in Canada* (1957), de Charles Phillips, a leitura é feita mantendo no horizonte duas tradições concorrentes na interpretação dos caminhos da educação no país. A primeira, onde Phillips se localiza, é de orientação liberal, “*Whig*” na tradição britânica, e promove os heróis da expansão educacional, associando-a ao progresso da nação. Os historiadores que seguem a trilha de Phillips aplaudem a extensão da educação gratuita, universal e compulsória, e classificam agentes e ações que apontavam para caminhos distintos como conservadores e vilões, associando-os à vertente dos “*Tories*”,²²⁰ tradicionalmente mais elitistas. Ao longo da década de 1970 a historiografia da educação absorve outros métodos e promove novas abordagens, como a história serial e a aproximação com a história intelectual, gerando trabalhos que superam o dualismo liberal/conservador (*whig/tory*) para produzir uma história de caráter social, que levanta problemas e utiliza ferramentas das ciências sociais.²²¹ A obra *Canadian Education: A History* (1970) é uma coletânea de ensaios que busca expôr estas novas concepções e revisar a história da educação sob novos olhares, editada por J. Donald Wilson, Robert Stamp e Louis-Phillipe Audet, a obra assume uma postura mais crítica e procura o compromisso sério com a pesquisa.²²² Entretanto, esta visão fortemente influenciada por acadêmicos americanos, pela sociologia

²¹⁷ GAFFIELD, Chad. *History of Education in Canada*. The Canadian Encyclopedia, 2015. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/history-of-education/>. Acesso em: 15/10/2017.

²¹⁸ Ibidem. Pg. 383.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ WILSON, J. Donald. Historical Perspectives on Canadian Educational History: a Review Essay. In: *The Journal of Educational Thought (JET) / Revue de la Pensée Éducative*, Vol.11, No. 1. (April, 1977). Pg. 51.

²²¹ Ibidem. Pg. 52.

²²² WILSON, STAMP, AUDET, eds., *Canadian Education: A History* (Toronto, 1970)

francesa e pelo marxismo inglês pode produzir resultados distorcidos, como aponta Patrick Harrigan, levando a um revisionismo exacerbado que tende a importar suas problematizações.²²³

Nos anos 1980 a historiografia da educação volta-se para grupos da sociedade que estavam ausentes na história educacional canadense, como as minorias étnicas, as mulheres e imigrantes, e para questões locais e regionais.²²⁴ Isso significou uma ampliação do arsenal de fontes históricas disponível aos historiadores da educação. O ponto que nos interessa aqui é a ênfase notada nesta década ao estudo do currículo escolar, em que a análise de sua evolução ilumina os interesses a que o conhecimento estava sujeito na sociedade canadense, e também, o estudo de livros didáticos, reanalisados sob novas perspectivas. O objetivo é saber o que era ensinado aos jovens, como era ensinado e quais ideias eram embutidas no processo (e quais eram silenciadas). Passando para a produção acadêmica contemporânea, a história da educação dentro da historiografia canadense é colocada diante de dois dilemas: o primeiro é sair do isolamento que é percebido desde a década de 1970,²²⁵ que mantém os seus resultados ocultos do panorama mais amplo dos estudos históricos, fechados em poucas publicações como a americana *History of Education Quarterly*; o segundo é permitir a educadores e estudiosos da educação em geral uma compreensão mais profunda do seu desenvolvimento e do contexto que a circunda, aproveitando-se de sua predisposição a criticar práticas e ideias dentro de um cenário histórico, em relação à mesma tarefa realizada sobre o presente.²²⁶ Theodore Christou apresenta cinco obras publicadas entre 2010 e 2014 para apresentar a ideia geral de que a historiografia da educação tem buscado construir pontes com outros campos da história, e que passa atualmente por um reavivado momento de florescência que a leva a incidir sobre aspectos fundamentais da identidade nacional. Infelizmente, ainda são raros os trabalhos recentes que superam os dilemas do isolamento e da especialização para refletir sobre o papel da historiografia da educação no estabelecimento do nacionalismo canadense e na relação da sociedade com o seu passado.

²²³ HARRIGAN, Patrick. *A Comparative Perspective on Recent Trends in the History of Education in Canada*. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 26, No. 1 (Spring, 1986). Pg. 7.

²²⁴ Ibidem. Pg. 11-12.

²²⁵ KATZ, Michael. *The Origins of Public Education: A Reassessment*. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 16, No. 4 (Winter, 1976). Pg. 381.

²²⁶ CHRISTOU, Theodore. *History of Education Crossing the Street: Exploring the Tenuous Place of Educational History in Canadian Historiography*. In: *Acadiensis*, Vol. 43, No. 2 (SUMMER/AUTUMN-ÉTÉ/AUTOMNE 2014). P.160.

Retomando o contexto em que se insere George Wrong, destaca-se o fato de que os jovens canadenses que cresceram na segunda metade do século XIX e início do XX recebiam em suas escolas uma formação diferente de acordo com sua província. A educação ainda não era vista como um fator que promove o crescimento econômico nacional, e razões culturais eram predominantes na definição de currículos e diretrizes.²²⁷ Divergências entre protestantes e católicos, anglófonos e francófonos, ocidentais, nativos e imigrantes, condicionavam os sistemas escolares que se estabeleceram desde 1867. O que era comum aos estudantes “de costa a costa” do país era a exaltação ao Império Britânico dirigida pelas escolas por meio de rituais patrióticos como a saudação à bandeira, cantos nacionalistas e leituras coletivas de poesias. O “*Empire Day*” é o símbolo maior deste fenômeno, comemorado no dia anterior ao aniversário da Rainha Vitória, foi instituído em Ontario em 1898, e se espalhou por todo o país.²²⁸ Essas práticas atendem a um dos propósitos iniciais dos sistemas escolares públicos, que surgem no início dos mil e oitocentos e se multiplicam ao longo do século no mesmo ritmo da industrialização e da urbanização. Michael Katz investiga as origens da educação pública no Canadá, nos Estados Unidos e na Inglaterra no século XIX, e afirma que ela representa uma hegemonia ideológica dos grupos dominantes, que se ancora em cinco sintomas da sociedade capitalista para ganhar aceitação da enorme maioria da população. Entre os defensores da educação pública naquele momento, os argumentos sobre ela são: (1) diminui o crime e a pobreza; (2) diminui a heterogeneidade cultural; (3) dá treinamento e disciplina para a força de trabalho urbana e industrial; (4) é uma solução para a crise da rápida expansão e ociosidade da juventude das cidades; (5) serve aos interesses das classes médias para o futuro de seus adolescentes.²²⁹

Wrong concluiu as primeiras etapas da educação formal em uma modesta *grammar school* em Elgin, na atual província de Ontario. As *grammar schools* eram um modelo de instituição educacional com origens que remontam à Idade Média britânica, quando o ensino limitava-se ao Latim. Na Era Moderna essas escolas passaram a incorporar novos conhecimentos, o Grego e o Inglês inicialmente, para depois abirem-se a outras línguas como o Francês e o Alemão, e finalmente à geometria e a aritmética. No Canadá do início do século XIX, o modelo das *grammar schools* que anteriormente atendia apenas às camadas mais privilegiadas da população foi disseminado como uma resposta à demanda popular por um

²²⁷ Ibidem. Pg. 136.

²²⁸ Idem.

²²⁹ KATZ, Michael. *The Origins of Public Education: A Reassessment*. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 16, No. 4 (Winter, 1976), pg. 392-398.

sistema público de ensino abrangente.²³⁰ Nota-se que a ampliação da educação escolar pública e o desenvolvimento de modos de organização hierárquicos e burocráticos para as escolas no Canadá, assim como na maior parte do mundo ocidental, acompanharam o surgimento e a evolução do estado moderno.²³¹ A sincronicidade destes processos se expressa no chamado *Grammar School Manual*, de 1866, documento que reúne e consolida as práticas referentes a este tipo de instituição escolar na província de Ontário desde o começo do século, e que após a Confederação do Canadá no ano seguinte, é aplicado em outras regiões do país.

O texto do manual revela a avançada estrutura burocrática do sistema escolar no *Upper Canada*, em que estão determinadas as condições de financiamento das escolas, o arranjo administrativo de toda a rede, os processos de contratação de funcionários, e as normas de funcionamento de todas as *grammar schools* da província. A exigência pela especialização profissional da gestão e do ensino aparece de forma incipiente, restrita aos diretores das escolas, entretanto, o sistema educacional funciona sob supervisão do Conselho de Instrução Pública, composto por diretores dos *colleges* da Universidade de Toronto.²³² A administração é feita em parceria com a comunidade, por meio da formação de comitês apontados pelos Conselhos Municipais, sendo um para cada escola, e com poderes equiparáveis aos do diretor. Quanto ao programa de estudos, há um direcionamento conduzido pela Universidade de Toronto para a preparação dos estudantes para os exames de admissão do próximo estágio da educação, a entrada nos *colleges*. O departamento para a instrução pública divide o “*ensino clássico*”²³³ em cinco anos, com seis disciplinas no primeiro ano, e oito no último, sendo elas: Latim; Grego; Francês; Inglês; Aritmética e Matemática; Geografia e História; Ciência Física; Miscelânea. Esta última corresponde a exercícios de desenho em todos os anos, com intercorrências de escrita, música vocal, escrituração, transações comerciais e telegrafia, de acordo com o interesse do aluno e a disponibilidade da escola.

²³⁰ MACKAY, B. FIRMIN, M. *The Historical Development of Private Education in Canada*. In: *Education Research and Perspectives*, Vol. 35, No. 2, 2008. Pg. 61

²³¹ DANYLEWYCZ, M. PRENTICE, A. *Teachers, Gender, and Bureaucratizing School Systems in Nineteenth Century Montreal and Toronto*. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 24, No. 1 (Spring, 1984), pg. 75-76

²³² *Grammar School Manual. The Consolidated Acts Relating to Grammar Schools in Upper Canada*. Department for Public Instruction for Upper Canada, Toronto, 1866. Pg. 11.

²³³ *Ibidem*. Pg. 35.

O documento é vago quanto à abordagem de aspectos morais no sistema escolar, limitando-se a uma menção ao ensino da “*moral cristã e dos Elementos do Governo Civil*”²³⁴ para as turmas de segundo ano. Além disso, há duas preces destinadas ao início e fim do dia letivo, com o objetivo de reforçar a importância dos deveres religiosos na escola. Todavia, a historiografia reconhece um forte teor moralista no trabalho de Egerton Ryerson, Superintendente Chefe de Educação do *Upper Canada* quando da elaboração do manual, e mentor do sistema público de ensino do Canadá após a Confederação.²³⁵ Pastor Metodista de formação, ele acreditava que “*a educação deveria ser cristã, o que significa que a verdade das escrituras e os princípios cristãos deveriam ser adotados nas salas de aula, e compulsória, para garantir educação gratuita para todas as crianças*”.²³⁶ George Wrong foi um aluno a quem o modelo de Ryerson atendeu absolutamente, vindo de uma “*pobreza gentil*”,²³⁷ Wrong abraçou a orientação cristã e ascendeu no sistema de ensino até o mais alto nível. O sistema adotado em Ontario e no resto do Canadá pouco tem de original, sendo baseado em estudos feitos pelo próprio Ryerson em países como o Reino Unido, Prússia, França, e no estado de Massachussetts, onde já estavam estabelecidos sistemas voltados para o desenvolvimento de um ensino cristão e que promovesse um avanço social pacífico e homogêneo.²³⁸ A bibliografia indicada para as *grammar schools* naquela época não deixa muitas certezas sobre o peso da história moral e da teologia no currículo sob o qual estudou Wrong. No livreto de instruções para a Escola Modelo do *Upper Canada*²³⁹, há uma predominância de obras da autoria de Leonhard Schmitz, acadêmico classicista prussiano que publicou no mundo anglófono uma dezena de obras educacionais, entre elas uma versão editada das *lectures* de Niebuhr, com quem estudara no seu doutoramento em Bonn. À parte esta historiografia centrada em grandes narrativas clássicas, não se pode ir além da constatação de que Wrong estava em contato com a mais influente concepção de escrita de história de seu tempo, o historicismo alemão, desde os primeiros anos da escolarização.

²³⁴ Ibidem. Pg. 37.

²³⁵ JOHNSON, H. *A brief history of Canadian education*. McGraw-Hill Company of Canada Limited, Toronto, 1968.

²³⁶ MACKAY, B. FIRMIN, M. 2008. Pg. 64.

²³⁷ WRIGHT, Donald. *The Professionalization of History in English Canada*. University of Toronto Press, Toronto, 2005. Pg. 29.

²³⁸ HOUSTON, S. PRENTICE, A. *Schooling and Scholars in Nineteenth-Century Ontario*. Toronto, University of Toronto Press, 1988. Pg. 114.

²³⁹ Council of Public Instruction for Upper Canada. *Course of Instruction in the Model Grammar School for Upper Canada*. Lovell and Gibson, Toronto, 1861. Pg. 10.

Após a infância no interior da província, Wrong vai para a capital Toronto para realizar o próximo nível de sua educação. Entre 1879 e 1883, ele concluiu os estudos em teologia no Wycliffe College e em filosofia moral e mental, e política civil, no University College. É nesta fase que começa a formação profissional do historiador, pastor anglicano, e servidor social, e é quando podemos ver as raízes de ideias que estão expressas em sua obra e em suas ações. Inicialmente, entre os corredores de tijolos de um massivo edifício de telhados pontiagudos, Wrong integra um grupo de meninos letrados da maior cidade ontariana, que investigava metodicamente pelos caminhos da religião para que pudesse conduzir a jovem nação adiante com a virtude da moral cristã. O Wycliffe College recebeu este nome quando foi inaugurado o seu edifício no ano de 1881, associou-se administrativamente à Universidade de Toronto em 1885, mas os seus alunos fizeram parte dos quadros desta universidade desde os primeiros anos como Escola Protestante, a partir de 1877. George Wrong ingressa na instituição em 1879 como aluno de teologia, aprovado no processo seletivo da universidade que exigia os conhecimentos de Clássicos, Matemática, Inglês, e História e Geografia. O conteúdo de história do exame de matrícula pode ser definido em três assuntos: história da Inglaterra; história de Roma; história da Grécia. Quando aprovados e matriculados, os alunos compunham uma turma que avançaria pelos três anos de formação, todos eles compostos das mesmas disciplinas: exegese bíblica; teologia sistemática; apologética; homilética e teologia pastoral; história eclesiástica; e Hebreu. Wrong teve desempenho destacado em sua turma, recebendo prêmio de honra em dogmática e Hebreu logo em seu primeiro ano.²⁴⁰ Um traço da vida profissional de Wrong que está em conformidade com o projeto declarado pelo colégio é o objetivo de avançar a educação pelo Canadá como um todo, fortalecendo uma identidade nacional que se nutre na religião, enquanto atende às necessidades espirituais da população. A formação teológica protestante certamente oferecia o aparato teórico e uma postura de observação do passado que favorecia o direcionamento intelectual para os estudos históricos no espaço britânico. William Stubbs, James Froude, Edward Freeman e J.R. Green, grandes historiadores britânicos dos mil e oitocentos e referências reconhecidas por George Wrong, todos eles tiveram formação teológica anglicana e depois voltaram-se para a historiografia. Não é possível estabelecer uma relação direta entre a atuação ministerial e o trabalho como historiador ou professor, mesmo porque, enquanto Stubbs seguiu o percurso religioso até o elevado patamar de Bispo, Froude, por outro lado, abandonou a formação religiosa incompleta após a publicação de panfletos críticos ao anglicanismo. Acima de tudo, a ideia

²⁴⁰ The Protestant Episcopal Divinity School of Toronto. *Calendar, Course of Study, and Rules and Regulations (1881-1882)*. Hunter, Rose & Co, Toronto, 1881. Pg. 21-22.

corrente era de que “*junto com a teologia, o estudo de história moderna era ‘o mais completo treinamento religioso que a mente pode receber’*”,²⁴¹ e as práticas de interpretação de textos históricos eram fomentadas nas instituições de ensino episcopais.

Enquanto Wrong recebia na escola teológica instrução em “*crítico textual*”, “*princípios de interpretação*”, “*evidências históricas*”, e “*exegese*”,²⁴² o futuro criador da primeira revista de crítica histórica do Canadá também avançava seus estudos no University College seguindo a trilha do conhecimento secular. O registro do aluno para Bacharel em artes era seguido da escolha de uma área de especialidade, em que Wrong optou por Filosofia Mental e Moral e Política Civil.²⁴³ O currículo básico do B.A. pode ser considerado uma extensão do ensino nas *grammar schools*, seguindo as mesmas disciplinas em maior profundidade. O maior nível de especialização leva a uma segmentação das ciências naturais em química e filosofia natural, e da mesma forma, a filosofia deixa de aparecer apenas nas lições de Clássicos para ser um dos pilares da formação, sendo propriamente organizada em lógica, metafísica e ética. Quanto à história moderna, no primeiro ano ela é esquecida, no segundo ano ela se limita à Idade Média, e no último ano, conjugada com a etnologia, compreende a história da Inglaterra até o século XVII. Nota-se que a história do Canadá não figura em nenhuma das ementas da educação formal analisadas para o período,²⁴⁴ nem mesmo na forma de uma indicação bibliográfica, e podemos afirmar que é a geração de Wrong que reivindica o seu ensino, como se expressa no contexto da *Ontario Educational Association*.

Até aqui, fizemos uma análise das instituições pelas quais George Wrong passou em sua formação, conhecendo os princípios educacionais que as permeavam, tendo também mapeado as disciplinas formais que compunham o arsenal de saberes que se esperava de um jovem que ingressava na vida pública canadense com o mais elevado nível de educação. Daqueles traços que viriam a ser o cerne da carreira de Wrong como historiador – a defesa da crítica histórica, o empenho em sua profissionalização, a promoção de uma historiografia nacional, o argumento a favor do ensino de história nas escolas, e a concepção da história como ensinamento moral e dever – pudemos ver sementes e raízes que ajudam a entender o seu percurso. A familiaridade com uma historiografia acadêmica, tal qual o contato com os seus métodos, foram resultado de um trabalho que se inicia nos primeiros anos da educação

²⁴¹ STUBBS, W. *Inaugural*. Pg. 16. Apud. SOFFER, Reba. *Nation, Duty, Character and Confidence: History at Oxford, 1850-1914*. In: *The Historical Journal*, Vol. 30, No. 1 (Mar., 1987), pg. 91.

²⁴² The Protestant Episcopal Divinity School of Toronto. *Calendar, Course of Study, and Rules and Regulations (1880-1881)*. Hunter, Rose & Co, Toronto, 1880. Pg. 11-15

²⁴³ O documento traz esta denominação, mas é comum a ocorrência de *Mental and Moral Sciences, and Civil Polity*.

²⁴⁴ Foram analisados os livretos do University College disponíveis entre os anos de 1869 e 1886.

formal, orientada por uma postura científica e filosófica, mesmo que apoiada pela educação religiosa. Por outro lado, a ausência da história do Canadá na formação dos jovens pode ser um dos fatores que explica o patriotismo fragmentado que vimos no país, assim como a permanência de uma identidade britânica que condiciona a percepção da sociedade como nação.

Já na condição de historiador profissional, conduzindo o departamento de história da maior universidade do país, Wrong passa a se preocupar com a consolidação de uma identidade nacional e a formação de um ambiente intelectual maduro e independente. Ele acreditava no ensino de história como um caminho para o desenvolvimento da vida pública aos moldes da que enxergava na Europa, principalmente na Inglaterra, a qual é atribuída a qualidade de favorecer a ação do homem que busca servir à esfera pública sem dela esperar riqueza.²⁴⁵ O Canadá teria duas desvantagens em sua formação a que Wrong buscar remediar por meio do estudo de história: a ausência dos monumentos históricos, que põem a população em contato com o passado; e um partidarismo materialista que é decorrente da ganância com que os homens olhavam para os organismos políticos do país.²⁴⁶ A escrita de livros didáticos é uma das ações tomadas na direção da construção deste ambiente intelectual maduro que abraça o conhecimento do passado da nação, e *The British Nation: a History* é um peça que resume os princípios de Wrong acerca do ensino de história.

O problema que leva à produção da obra é exposto pela primeira vez a seus colegas americanos da *American Historical Association* no estudo elaborado em 1896 e 1897 denominado *The Study of History in Schools*. Wrong estava preocupado em produzir uma obra que não fosse confusa para os jovens, que tivesse charme literário, e pudesse apontar as características notáveis da história nacional com precisão científica. O cuidado com a escolha de muitas e instrutivas imagens é também um ponto importante assinalado, e sob esses critérios ele executou a tarefa destinada a “*nossas melhores mentes*”.²⁴⁷ Para que possamos chegar às suas concepções didáticas é fundamental a análise do anexo remetido aos professores *Suggestions to Teachers*, que se organiza em uma nota introdutória de oito páginas, e mais um comentário para cada um dos 24 capítulos, todos eles aproximando-se de uma página de extensão. Os comentários apresentam o estado da arte sobre cada um dos

²⁴⁵ WRONG, George M. Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture. Toronto; The Bryant Press, 1895. Pg. 9

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ WRONG, George M. History in Canadian Secondary Schools. In: *The Study of History in Schools*. American Historical Association, New York, 1898.

temas, indicando as principais discussões sobre eles, a historiografia tida como referência e as fontes mais úteis para o uso didático. Dirigindo-se diretamente aos professores que utilizarão o manual em sala de aula, o texto inicia reforçando a importância do ensino da história britânica, primeiro porque ela representava a condição presente do Canadá, e em segundo lugar por que “o termo *British Nation* nos parece a melhor expressão da matéria de discussão da história”²⁴⁸. Esta afirmação ilumina toda a perspectiva de Wrong que compreende a nação britânica como uma conjunção de povos e territórios, abarcando um quarto da superfície da terra, e justifica assim o seu ensino no Canadá. Estudar sua história é estudar o que é a história, e ele ainda nomeia o ponto de destino desta trajetória, a formação dos governos representativos.

Passando para as ideias sobre os métodos e recursos de ensino e aprendizagem, percebemos que as fontes históricas são elementos fundamentais nas propostas de Wrong. Os materiais que produz visam possibilitar aos professores que também desenvolvam sua formação como estudantes e mestres de história, e a recomendação é sempre que busquem as autoridades originais. Por este motivo é que ele defende a necessidade de que as escolas obtenham obras de publicação de fontes, oferecendo um acervo básico para alunos e professores.²⁴⁹ Além disso, as fontes abrem-se para o desenvolvimento de outras habilidades do estudante, como a interpretação, o julgamento, investigação e a escrita, cabendo ao professor estimular os alunos e propor atividades. O exercício escolhido como a melhor maneira de aprendizado é a escrita de um ensaio, o que demanda a atenção do estudante e desperta seu interesse. Os pupilos devem explorar a obra pelo índice e pelo sumário, que têm de ser consultados em busca de tópicos que perpassam a história, buscando-os em diferentes momentos do manual e conectando o todo em um texto. Ele destaca a importância deste exercício em relação à arquitetura, e cita tópicos como os armamentos, estradas, desenvolvimento dos mosteiros, crescimento de cidades, e a agricultura, entre os assuntos que são mais propícios para tal atividade didática, deixando também a abertura para que os alunos escolham o que lhes interessa no manual. No seu *Historical Study in the University*, texto decorrente da palestra inaugural concedida na Universidade de Toronto, em 1895, Wrong havia ressaltado a importância das *lectures*. Elas seriam um recurso usado pelo professor para corresponder a seu dever “de despertar ou instruir este interesse

²⁴⁸ WRONG, George M. *Suggestions to Teachers*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 1.

²⁴⁹ *Ibidem*. Pg. 3

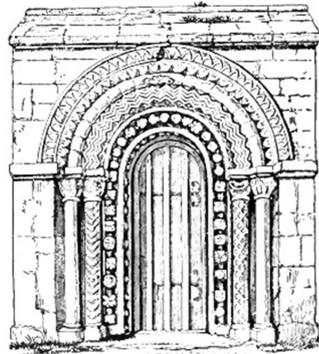
intellectual".²⁵⁰ Elas são pensadas como pontos de partida para que os estudantes se aproximem de temáticas históricas desconhecidas.

Figura 1 – As imagens arquiteturais em *The British Nation*.

152 THE BRITISH NATION

structures, often of wood, and soon the Norman castle rose everywhere, and Norman bishops and Norman abbots, who supplanted Englishmen, set about rebuilding their cathedrals and abbeys. Hundreds of new churches were built; the diocese of Oxford alone has to this day two hundred and forty churches begun within a hundred years of the Conquest. The Norman's buildings were massive. He used the round Roman arch, but his work was rougher, his walls were thicker, his pillars heavier than those of Rome. He could not make the Roman mortar that has in some cases outlasted the stones which it held together, his masonry was wide-jointed and bad, and at first his primitive carving was done with an axe. But the Norman work im-

The Norman architecture.

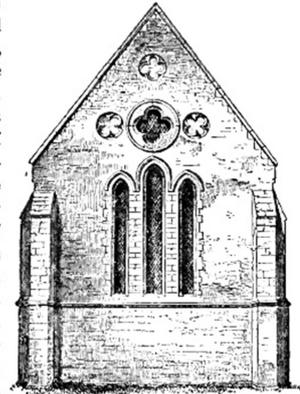


NORMAN DOORWAY, IFFLEY, ABOUT 1140.
Note the elaborate ornament.

proved rapidly. Taught, perhaps, by the returning crusaders, who had seen better architecture in other lands, the Norman builder soon matured his style to its fullest

CIVILIZATION IN THE THIRTEENTH CENTURY 153

beauty, and the lavish ornament, which he bestowed on even tiny country churches, surprises us still; in vast structures like Durham Cathedral and in small ones like Iffley Church, the same wealth of care and toil is to be found. We wonder how villages could bear the cost of the many beautiful parish churches; but the bishop had the power to order the erection of churches, and villagers must somehow obey. It was they who built the churches; probably not often did a great man or monastery furnish the means to erect a village church.



EARLY ENGLISH FRONT, STRIXTON, ABOUT 1220.

Note the narrow undecorated windows.

The devotion to the round-arched Norman architecture continued for a hundred years, but when in 1174 Canterbury Cathedral was partly destroyed by fire the architect who rebuilt it made great use of the pointed arch. The style was wholly new and was called in derision "Gothic," after the early barbarian conquerors of Italy. But the convenience and beauty of this style were quickly recognized, and from the reign of John the buildings in England for a hundred years are in this "Early English" style. New types of mouldings and ornaments, clustered shafts and delicately carved foliage, soon appeared. The high and pointed arches and long and narrow windows carried the eye upward, while

The beginning of Gothic architecture.

From about 1215.

Fonte: WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. pg. 152-153.

Wrong pensa a arquitetura como um meio para a aprendizagem de história, a mais valiosa fonte de informação sobre o passado. Nas sugestões aos professores, ele cita uma experiência educacional de Ernest Lavisse sobre a sociedade feudal, em que uma visita coletiva às almeias de um castelo produz uma discussão sobre as formas de combate, a tecnologia da época, as condições políticas que levavam a essas guerras e finalmente à vida dos camponeses, oprimidos pela servidão. Wrong reconhece este privilégio dos países europeus, que podem ter interessantes e informativas experiências de aprendizado ao visitar construções históricas. Ele demonstra o cuidado especial tomado com as características principais dos estilos arquitetônicos da história britânica no seu livro didático, um tipo de conhecimento que ele considera instrutivo, prazeroso e fácil de adquirir. As imagens ensinam mais sobre arquitetura, e por isso ele alega ter sido breve na descrição de estilos

²⁵⁰ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. Pg. 8.

características marcantes das construções. Nota-se que nos capítulos que abordam cultura e sociedade na história britânica carregam uma grande quantidade de imagens de prédios, demonstrando sempre uma evolução das formas de construção e do refinamento artístico da arquitetura britânica. Por exemplo, a Catedral da Cantuária é para ele o símbolo maior da Idade Média, informando melhor do que qualquer narrativa sobre o período. Esta valorização da arquitetura como recurso didático encontra apoio na visualidade que é presente no pensamento histórico de Wrong, reconhecendo em elementos formais, nos materiais, nas cores, nos objetos, e na relação do homem com tudo isso, a mais forte expressão do passado. É esta predominância de aspectos visuais que o leva a sugerir aos professores que carreguem para sala de aula a maior quantidade de fotografias que puderem, selecionando-as de acordo com o assunto, por exemplo, os estilos arquitetônicos de cada época. Ele sugere também que as escolas tenham em suas bibliotecas muitas obras ilustradas e enciclopédias. O objetivo do ensino de história deve ser também despertar o interesse em lugares, motivando os alunos a viajar e explorar o mundo, vendo “*cenas históricas*”²⁵¹ com os próprios olhos, novamente associando a boa educação de história à capacidade de inspirar-se pela visualidade.

Ao comentar sobre o professor que o ensinou 15 anos antes no Wycliffe College, Professor Young, Wrong destaca sua habilidade em lançar ideias que levassem ao sentido real dos movimentos históricos, o que ele chama de “*leading ideas*”.²⁵² Ele endossa as práticas de ensino de Young, como a repetição de tais ideias recorrentemente, ou o registro delas no quadro negro para suscitar o debate e a reflexão entre a turma. A justificativa é de que esta forma de ensino permite a criação de um espírito de urgência na mente dos alunos, que leva a uma leitura investigativa dos textos, motivados a encontrar respostas e verdades. Este método de ensino é descrito, mas não se encontra no texto de forma sistematizada nem sob alguma alcunha teórica. Wrong afirma que esses ensinamentos em poucos anos vão além de uma vida inteira de leitura ampla e reflexão paciente,²⁵³ e que as leituras feitas há anos tornam-se nebulosas, enquanto os ensinamentos não se apagam da memória. Um aspecto do ensino de história pensado por Wrong que possui um viés moral é o dever em estimular o raciocínio próprio e a crítica às opiniões alheias. O estudante de história não deve apenas receber e aceitar o que lhe é dito por aqueles que se dizem autoridades. Ao adquirir a capacidade de refletir por si só, o estudante passa a produzir conhecimento histórico também, e “lança uma

²⁵¹ WRONG, George M. *Suggestions to Teachers*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 3.

²⁵² WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. Pg. 9.

²⁵³ idem

nova luz sobre o passado”. A postura crítica é determinante para a formação de bons historiadores, mas também de indivíduos ativos e produtivos.

Nesta curta passagem da aula2 inaugural na Universidade de Toronto, vemos Wrong preocupado com a educação básica – quando afirma que não há disciplina tão mal-ensinada (*ill-taught*) nas escolas quanto a história – e com a formação do “homem comum”, refletindo sobre a importância do ensino de história no espaço mais amplo da sociedade canadense. São indicadas duas funções do professor de história que se aplicam a todo esse âmbito da educação básica, e uma delas, a de estimular a dúvida e a crítica, tem implicação direta sobre a historiografia e o que ele considera ser a postura intrínseca àquele que se aventura na escrita da história. A sua preocupação com a educação básica se desenvolve no texto para a *American Historical Association* de três anos depois, em que ele faz um diagnóstico da enfermidade do ensino de história no Canadá. Wrong enxerga negativamente a falta de unidade no sistema educacional canadense, afetando a criação de um projeto nacional de formação de professores. Além disso, a estrutura curricular é questionada por ele, clamando por mais espaço para a história. As soluções que ele oferece são exatamente um esforço nacional para a formação de professores especializados, a diminuição da presença dos Clássicos nos currículos, em detrimento da história do Canadá, e a produção de obras didáticas atualizadas e pensadas para o contexto canadense.²⁵⁴

Um espaço em que podemos ver Wrong agindo em favor de suas concepções didáticas e interagindo em uma comunidade de indivíduos em função da educação é a *Ontario Educational Association*. Ela foi fundada em 1861 como um conselho de especialistas que auxiliasse o Ministro da Educação da província no estabelecimento de diretrizes educacionais, criando um espaço de convívio e debate entre estudiosos da educação, professores de todos os níveis, empresários do ramo, e aqueles preocupados com os rumos da educação em Ontario. George Wrong é um dos membros da associação, integrante do comitê de História e uma das referências para a definição do currículo escolar, e não é difícil notar a sua participação nos documentos da primeira década do século XX.²⁵⁵ A associação cresce rapidamente, e em 1897 conta com milhares de membros que aprovam uma constituição para o funcionamento interno. Os objetivos declarados no encontro daquele ano são: “*eleva o caráter e avança os*

²⁵⁴ WRONG, George M. *History in Canadian Secondary Schools*. In: *The Study of History in Schools*. American Historical Association, New York, 1898.

²⁵⁵ Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-second annual Convention*. Toronto, 1903. Pg. 28

interesses da profissão de ensinar, promovendo a causa da educação em Ontario".²⁵⁶ Era dividida em seis departamentos: Departamento de *Colleges e High School*; Departamento de escolas públicas; Departamento de escolas de treinamento; Departamento de inspetores; Departamento de jardins de infância; Departamento de administradores (*trustees*) de escolas públicas e *High School*. A admissão era livre para qualquer pessoa ligada à área de educação, sob pagamento de anuidade. A principal atividade da associação era o encontro anual, em que debatiam-se questões propostas pelos membros, demandas eram postas pelo presidente da associação, aulas e palestras eram proferidas pelos membros mais notórios e materiais didáticos eram recomendados ao longo de uma semana de atividades. Havia seções de cada uma das disciplinas, que deveriam apresentar relatórios específicos que eram depois ajuntados em um extenso relatório anual. Os *Annual Reports* da associação são fontes inesgotáveis de informação sobre a educação na província, trazem textos dos intelectuais de destaque do país, professores das grandes universidades, mas também revelam pormenores do cotidiano escolar, as bases curriculares, e expõem os temas de debate e as preocupações entre os educadores canadenses. Para este trabalho analisamos três volumes dos relatórios, de 1902 a 1904, anos mais próximos à publicação do livro didático de Wrong sobre a nação britânica.

As entranhas do sistema educacional de Ontario na primeira década dos mil e novecentos estão expostas nas atas dos encontros realizados no Salão Público do departamento de educação em Toronto, e em uma rápida análise, podemos apontar características gerais da educação naquele cenário. Na lista dos diretores fica evidente o que Katz chamou de “*feminização*” da educação infantil na América do Norte, em que as três diretoras do *Kindergarten Department* são as únicas representantes femininas entre 24 nomes, em um processo que relega às mulheres as funções menos especializadas e pior remuneradas da educação.²⁵⁷ Entretanto, a participação da mulher não se restringia aos jardins de infância, ainda que de forma brutalmente desigual aos homens, elas estavam presentes entre os mais altos patamares de tomada de decisão, contando, por exemplo, com três professoras num conselho de história com treze membros em 1903, e mesmo uma presidenta nos anos 1900-1901, Ada M. Hughes.²⁵⁸ A indissociação entre religião e educação é um traço marcante do documento, as seções são iniciadas pela leitura de passagens bíblicas e orações, os quadros

²⁵⁶ Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-second annual Convention*. Toronto, 1903. Pg. 401.

²⁵⁷ KATZ, Michael. *The Origins of Public Education: A Reassessment*. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 16, No. 4 (Winter, 1976), pg. 389.

²⁵⁸ Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-second annual Convention*. Toronto, 1903. Pg 4.

professorais contém inúmeros clérigos, muitos indicados pelo título de Reverendo, e não são incomuns os argumentos religiosos para justificar preceitos didáticos. No relatório de 1902, um comitê sugere para o Departamento de Administradores o uso da Bíblia como um texto das aulas de literatura, com o objetivo de “*promover influências religiosas e morais nas escolas públicas e secundárias*”, sugestão para a qual é solicitado um estudo a ser entregue no ano seguinte, com a exclusão do termo “*religiosas*”.²⁵⁹ Nota-se que o sistema educacional apoiava-se em uma abordagem doutrinária para o trato de questões morais, e os membros da Igreja anglicana (como o próprio Wrong) utilizavam-se dele para criar uma base ideológica cristã.

Em uma passagem da ata de reunião dos Estudos Clássicos, a mesma preocupação com os desvios da moral entre os jovens é percebida, mas a discussão sai da esfera religiosa para enveredar-se pelas trilhas da epistemologia. Os Conselheiros desta disciplina iniciam “*uma longa e sugestiva discussão*” ao clamar pela educação da “*mente pública*” para o valor dos estudos liberais, requerendo mais tempo para as aulas de Latim e Grego, no que são apoiados pelo Rev. Dr. Milligan, que deplora a visão de que os estudos da humanidade são inúteis.²⁶⁰ A maioria dos professores de Clássicos compartilha a opinião de que o sistema escolar estava tornando-se bruto e materialista, valorizando excessivamente as ciências aplicadas e preparando os jovens para a entrada nas universidades apenas, negligenciando a formação humana e cultural que suas disciplinas promovem (o professor Hutton é o mais radical e sugere que o ensino de Ciências seja retirado das escolas)²⁶¹. Podemos interpretar o debate deste grupo de professores como uma preocupação com a formação moral dos jovens, em um contexto de crescimento urbano, avanço dos hábitos de consumo e distanciamento da cultura erudita. Todavia, não podemos ignorar que neste momento a educação servia a demandas básicas dos pais que pensavam na empregabilidade de seus filhos, como a aprendizagem de leitura, escrita e aritmética,²⁶² e que a frequência dos estudantes nas aulas de Grego e Latim caía rapidamente, também pela concorrência com a disciplina de História.

²⁵⁹ Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-first annual Convention*. Toronto, 1902. Pg. 48.

²⁶⁰ Ibidem. Pg. 22.

²⁶¹ Idem.

²⁶² GAFFIELD, Chad. *History of Education in Canada*. The Canadian Encyclopedia, 2015. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/history-of-education/>. Acesso em: 15/10/2017.

O ensino de história era pensado de forma interdisciplinar, e durante os encontros o comitê da disciplina se reunia com o de Estudos Clássicos e o de Línguas Modernas, em apresentações de temas de interesse comum, como a arte da Grécia Antiga, as concepções de liberdade na história e as relações entre literatura e pintura. O relatório de 1903 traz o resultado de uma solicitação do ano anterior para a definição de um *syllabus* para os cursos de história em todos os níveis. O chefe do comitê para esta tarefa foi o professor da Universidade de Toronto, George Mckinnon Wrong, e o texto solicitado inicia expressando a recomendação de que as escolas adquiram bons acervos de livros históricos, indicados no mesmo relatório, e conjuntos de ilustrações históricas, “*meios para a obtenção de conhecimento do passado e do presente de nosso povo, e para que um notável e vivo espírito nacional seja nutrido em cada criança*”.²⁶³

Analisando o currículo proposto, pode-se classificar o programa em quatro temas: História do Canadá, partindo dos povos nativos e esquimós até os últimos acontecimentos políticos do século XIX; História Britânica, desde os primeiros habitantes da Bretanha até a configuração imperial daquele momento; História do Mundo Antigo, o que inclui os povos da Antiguidade pré-clássica, acontecimentos bíblicos (como a trajetória dos Judeus), Grécia e Roma; Governo Civil, abrangendo os níveis municipal, provincial e do *Dominion*.²⁶⁴ Estes quatro eixos temáticos estão presentes em todas as faixas da educação, de forma progressivamente mais profunda, mas não organizados cronologicamente. No Ensino Médio, por exemplo, os jovens estudam Grécia e Roma no primeiro ano e as “origens da civilização” no segundo. O currículo prescinde de termos como “sociedade” e “cultura”, e é fortemente marcado pela história política, usando como referências eventos como a Revolução Inglesa, a Captura do Québec e o resultado de batalhas militares, atentando para a necessidade dos alunos conhecerem as biografias dos grandes personagens das histórias do Canadá, da Inglaterra e da Bíblia.²⁶⁵ A seção de Governo Civil revela o compromisso do ensino de história com a sociedade no presente, apresentando o modelo de governo representativo, o funcionamento da estrutura política do país e a posição do Canadá dentro do sistema imperial (incluindo “*o relacionamento entre o Canadá e a Terra-mãe*”).²⁶⁶ A recepção ao *syllabus* proposto está presente no relatório do ano seguinte, e contém apenas uma crítica, direcionada ao ensino da Idade Média. Feita a ressalva de que o conteúdo de história era muito extenso, a

²⁶³ Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-second annual Convention*. Toronto, 1903. pg. 29.

²⁶⁴ *Ibidem*. Pg. 29-33.

²⁶⁵ *Idem*.

²⁶⁶ *Ibidem*.Pg. 26-33

sugestão é de que a história medieval seja retirada do último ano do *High School* e institutos colegiais. Os motivos alegados são “a pouca atenção que a história vem recebendo em nossas escolas” e a “dificuldade na questão dos textos didáticos”.²⁶⁷

Esses problemas apontados na comunicação de abertura da conferência de 1904 sobre o ensino de história parecem estar no centro do debate entre aquele grupo de educadores nos primeiros anos da década. A questão do lugar do ensino de história no sistema escolar foi tema de exposição em dois dos três anos analisados, duas vezes na edição de 1902 com uma excelente palestra do Rev. J. O. Miller, diretor do Ridley College, chamada “*Methods in History*”, seguida pela comunicação de M.W. Matchett “*The present public school text-book in history*”. Em 1904, W. F. Moore, representante do Departamento de *Public Schools*, leu o texto “*History in Public Schools*”. Os três textos refletem sobre o método de ensino de história no sistema escolar da perspectiva de professores que sentem a demanda por uma organização didática que seja mais eficiente. Miller parte de uma reflexão mais profunda sobre a necessidade humana de contar histórias e sobre aspectos do conhecimento que são alimentados pela história, como a capacidade de narrar, o reconhecimento da alma humana, a capacidade de perceber a organização social, a participação em uma cultura científica e principalmente o aprendizado moral, para propôr um modelo de ensino de história pautado nas escolas alemãs mas originalmente adaptado ao contexto canadense. A proposta dele mudaria radicalmente o ensino de história, abolindo o livro didático das turmas até os quinze anos de idade e pautando-se apenas na história local, excluída a história britânica,²⁶⁸ dois aspectos aceitos como regra entre os docentes. Os professores teriam participação mais ativa no processo de ensino e aprendizagem por meio do estabelecimento de roteiros de estudos (o que inclui fontes históricas, textos, tabelas e imagens) adaptados aos interesses dos alunos e às condições regionais, enfatizando o componente oral do ensino, enquanto as atividades de produção de textos pelos jovens seriam a outra parte importante do processo, seguindo uma concepção que valoriza a imaginação e a criatividade em detrimento do rigor científico.

Os textos de Matchett e Moore depositam no livro didático a responsabilidade e a esperança de uma história escolar que desperte a atenção dos alunos enquanto garante a qualidade do ensino independentemente da capacitação dos professores. O primeiro aponta

²⁶⁷ Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-third annual Convention*. Toronto, 1904. Pg.11.

²⁶⁸ MILLER. *Methods in History*. In: Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-first annual Convention*. Toronto, 1902. Pg. 255-263.

onze critérios para a avaliação dos livros didáticos, criando uma metodologia para pautar as escolhas da associação de acordo com suas concepções sobre o ensino de história. Nota-se a reivindicação por mais espaço para a história canadense, limitando à história britânica apenas o necessário para compreender a sua influência sobre o presente do Canadá.²⁶⁹ O segundo, de 1904, traz uma visão romântica das aulas de história, pensadas em torno de um grande e colorido livro didático, mais próximo a um romance histórico ilustrado do que a uma obra científica, em que os personagens políticos estejam subordinados às grandes épocas e as datas e nomes estejam condensadas ao final. Moore menciona o relatório do comitê presidido por George Wrong no ano anterior, corroborando com suas propostas, principalmente no que se refere à separação da história do Canadá em um volume distinto da história britânica.²⁷⁰

George Wrong foi um dos historiadores que assumiu a responsabilidade de dar uma solução ao problema do livro didático, realizando a tarefa de forma consistente e definitiva. Ele é o autor da história britânica para *high schools* e institutos colegiais (o volume de história do Canadá é da autoria de um dos presidentes da cadeira de história da Associação, W. L. Grant) e dos dois tomos destinados às *public schools*, lançados nos anos que sucedem as reuniões da *Ontario Educational Association* analisadas. As obras foram bem recebidas pelas revistas críticas, e reeditadas diversas vezes nas duas décadas seguintes, o que confirma a qualidade dos trabalhos. Concentrando-nos no *The British Nation: a History*, podemos perceber que a sua constituição é uma resposta às necessidades colocadas pelos pares nas convenções anuais, excetuando-se a manutenção da história britânica como uma pedra basilar do ensino de história nas escolas. O manual está de acordo com Moore ao distinguir a história canadense da inglesa e trazer uma grande quantidade de imagens e as tabelas de datas e eventos-chave ao final dos capítulos. Ele incorpora um aspecto da proposta do Rev. Miller: o uso de atividades de escrita como instrumento de ensino, o que está explicitado no apêndice à obra que se dirige aos professores, o qual também indica a operação por meio de tópicos de estudo. Por fim, a obra incorpora os parâmetros elencados por Matchett, como a adequação da linguagem, a organização em tópicos, o sumário e o índice, muitas notas biográficas, a supervisão do Ministério da Educação, e a escrita por alguém ligado às escolas de Ontario.

²⁶⁹ MATCHETT, M. W. *The Present Public School Text-Book in History*. In: Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-first annual Convention*. Toronto, 1902. Pg. 264–269.

²⁷⁰ MOORE, W. F. *History in Public Schools*. In: Ontario Educational Association. *Proceedings of the forty-third annual Convention*. Toronto, 1904. Pg. 228-231

Podemos dizer que a didática da história de Wrong é herdeira da história crítica, levando para sala de aula as fontes históricas, o questionamento, os exercícios de interpretação e escrita. O seu trabalho carrega as marcas do contexto intelectual em que está inserido, onde a história é vista como o principal veículo para a promoção do senso de identificação como nação, mesmo que ela seja conformada por um passado britânico que ainda se prende ao presente do Canadá. Enquanto a defesa do ensino de história do Canadá desde o ensino básico representa uma ruptura proposta por esta geração da qual Wrong é um emblema, existe a manutenção da educação moral (e religiosa) como uma justificativa contínua para a inclusão da história nos currículos. A visualidade como ferramenta didática é um elemento que se sobressai nas propostas de Wrong e de alguns contemporâneos, como J. O. Miller e W. F. Moore, e podemos perceber o estabelecimento de uma relação entre o conhecimento histórico e as imagens, em um contexto de rápida expansão de técnicas e materiais de reprodução imagética, incorporando as habilidades de observação ao pensamento sobre o passado.

2.2. A produção historiográfica.

A historiografia produzida por George Wrong foi definida por aquelas ideias vindas do contexto social e político canadense em que ele era um agente. O processo político e cultural de formação da nação foi assunto de suas reflexões ao longo de toda a carreira, o que também implicou na análise das relações entre o seu país, o Império Britânico, e os Estados Unidos. A premissa de se escrever a história do Canadá partindo das fontes primárias, interpretando-as e expondo em forma narrativa o conhecimento histórico, está de acordo com as ações no Arquivo Nacional e na *Review of Historical Publications*, e se expressa com vigor em sua obra escrita. Podemos classificar a produção historiográfica de Wrong sob três categorias temáticas: as relações entre o Canadá e o Império Britânico; as relações dentro do continente norte-americano; e no que podemos chamar de questões internas do Canadá, o contato entre as porções anglófona e francófona do país. Carl Berger havia feito uma classificação que não considera a problemática dos Estados Unidos como um tópico de significância própria na obra de Wrong, priorizando os temas que julga fundamentais para a história canadense e que eram questões políticas proeminentes na época, quais sejam, o imperialismo e a identidade

nacional.²⁷¹ Porém, ao considerarmos a relevância de Wrong para os debates acerca das relações entre Canadá e Estados Unidos, como demonstrado por Damien-Claude Belanger em seu *Pride and Prejudice: Canadian Intellectuals Confront the United States* (2005)²⁷², não podemos deixar de analisar sua produção escrita sem notar a importância que o assunto nela possuía, e além disso, o espaço que a voz de Wrong ocupava nos dois países. Sua obra abrange dezenas de artigos publicados no Canadá, Estados Unidos e Inglaterra, quatro livros didáticos de sua autoria e mais uma adaptação comentada, doze obras historiográficas de maior fôlego, além da participação em séries como a *Canada and Its Provinces* e *Chronicles of American Series*.²⁷³

A primeira obra de Wrong foi aquela escrita em uma temporada em Oxford, pouco antes de seu ingresso em Toronto. *The Crusade of 1383, known as that of the Bishop of Norwich* (1892) é um livreto que narra os acontecimentos da Cruzada de Despensar, expedição militar à Flandres ocorrida no contexto do Grande Cisma do Ocidente, em decorrência da divisão política entre apoiadores do Papado de Avignon e aqueles que seguiam o Papa de Roma. A postura de George Wrong nesta obra é a de quem deve provar suas qualidades e sua identificação para com o lado mais rigoroso do debate, no caso, o debate sobre a escrita da história. No prefácio ele acaba por colocar num mesmo grupo os céticos, os partidários e os equivocados, aqueles a quem condena por fornecerem interpretações inverídicas do passado. De outro lado estão os que trabalham a partir de “registros dispersos que são fragmentos quebrados de um todo”,²⁷⁴ utilizando-se do “conhecimento da natureza humana que permaneceu inalterada”,²⁷⁵ para assim narrar com precisão e nitidez a vida de tempos passados. É evidente que Wrong queira ser incluído neste segundo grupo, e para isso, são abundantes as notas de rodapé com referências às fontes, “como garantia e prova das afirmações feitas”.²⁷⁶ Podemos atestar que a sua estreia foi muito bem-sucedida, tendo lhe garantido um punhado de boas avaliações, muitas delas elogiando justamente a fidelidade às

²⁷¹ BERGER, Carl. 1986. Pg. 17.

²⁷² BELANGER, Damien-Claude. *Pride and Prejudice: Canadian intellectuals confront the United States, 1891-1945*. McGill University. Montreal, 2005. 445 pgs.

²⁷³ WALLACE, W.S. *The Life and Work of George M. Wrong*. The Canadian Historical Review, Vol.29, n. 03. (1948). Pg. 238-239.

²⁷⁴ WRONG, G. Toronto. *The Crusade of 1383, known as that of the Bishop of Norwich*. James, Parker & Co., Oxford, 1892. Pg. V-VI

²⁷⁵ Idem.

²⁷⁶ Idem.

fontes,²⁷⁷ e é de se imaginar que a sua contratação pela Universidade de Toronto para a cátedra de história moderna tenha sido amparada pela qualidade deste trabalho historiográfico.

Em 1903 é publicado *The British Nation: a History*, o manual didático que se destina aos estudantes da província de Ontário e que depois se torna um sucesso editorial reeditado por pelo menos um quarto de século.²⁷⁸ Essa obra reúne os preceitos educacionais analisados no contexto canadense e nas publicações de Wrong, representa a historiografia crítica de orientação inglesa que era para ele uma referência, e acima de tudo, constói uma narrativa imperialista que associa o passado canadense às mais remotas ocupações das ilhas britânicas. Este tipo de grande narrativa nacional compõe um gênero que se tornou emblemático da produção historiográfica do século XIX.²⁷⁹ *The British Nation: a History* é uma história da Inglaterra escrita no século XX, e se insere numa vasta e antiga tradição,²⁸⁰ que é ainda amplificada pela já volumosa produção em língua inglesa proveniente do continente americano. Uma obra que se propõe a concorrer nesta tradição deve então apresentar aspectos originais para ser relevante, o que se confirma nas avaliações feitas por três autores contemporâneos a ela, todos escrevendo no meio acadêmico dos Estados Unidos, onde a obra foi publicada e conseqüentemente inserida em uma sólida rede de comunicação e crítica de trabalhos históricos.

A mais longa e detalhada resenha foi publicada em janeiro de 1904 no jornal da *American Historical Association*, *The American Historical Review*, com o qual George Wrong contribuiu diversas vezes. Naquele momento, a Associação Americana já era a maior sociedade histórica da América do Norte, e pautava o debate crítico sobre a produção historiográfica entre os maiores intelectuais da área, mesmo que menos de um terço de seus quadros fosse composto por historiadores treinados ou afiliados a universidades.²⁸¹ De autoria

²⁷⁷ University of Toronto. *Application and Testimonials of George M. Wrong, B.A., for the post of Professor of History in the University of Toronto*. Toronto, 1984. Pg. 13-14.

²⁷⁸ WALLACE, W.S. *The Life and Work of George M. Wrong*. *The Canadian Historical Review*, Vol.29, n. 03. (1948). Pg. 236.

²⁷⁹ BERGER, Stefan. “‘Fathers’ and Their Fate in Modern European National Historiographies”, *Storia della Storiografia* 59-60, 2011. Pg. 230.

²⁸⁰ Narrativas históricas sobre os povos britânicos podem ser encontradas pelo menos desde o século I a.C. entre autores Gregos e Romanos. Historiadores tidos por Wrong como referência, como Freeman, Green, Stubbs e Traill também produziram obras dentro desta tradição no século XIX. Ver: *Britons: Forging the Nation* (1994), de Linda Colley; *Modernizing England’s Past: English Historiography in the age of Modernism* (2005), de Michael Bentley.

²⁸¹ NOVICK, Peter. *That Noble Dream: the “objectivity question” and the American Historical Profession*. Cambridge University Press. New York, 1988. p.49

de Samuel B. Harding, a análise é totalmente positiva e considera a obra “*uma das melhores histórias escolares da Inglaterra que está no mercado*”²⁸², e a aclama novamente antes de apontar pequenos erros de datação e imprecisão: “*o livro é tão excelente em seu conjunto, que é desejável indicar algumas incompletudes*”. Harding elenca três aspectos presentes já no prefácio que considera “*novidades*” e que compreende permear em efetivamente toda a obra: a ideia de a nação britânica ser composta por vários Estados; a ênfase à chamada “*social life*”; e o peso do poder marítimo na história da formação da nação britânica.

A ênfase nos aspectos culturais e nas relações de trabalho a que a historiografia daquele momento chamava de “*vida social*” é de fato uma “*novidade*” que Wrong busca incorporar em sua obra, declarando a influência da obra pioneira de John Richard Green, *A Short History of the English People* (1874).²⁸³ Escrita trinta anos antes de *The British Nation*, a obra de Green de fato carrega a vocação social, e busca perceber “*o quanto de nossa história política é resultado de transformações sociais*”.²⁸⁴ Ambos os trabalhos diminuem o espaço das figuras convencionais da história política e militar para dar lugar aos artistas, filósofos, comerciantes e camponeses. Wrong dedica grande atenção à massa da sociedade que permanece fora dos registros da história política, principalmente no que diz respeito à força de trabalho ao longo da história. As relações de produção são analisadas, e as transformações da sociedade que mais afetam a vida do trabalhador são as que considera mais importante. Em uma reflexão sobre a natureza da história, ele traz esta gente para os holofotes:

If history were only the record of the work of governments, we should keep our eyes in this age on kings and barons only, for by them the state was ruled. But the condition of the thousands of labourers upon the manors is of vital interest to us.²⁸⁵

Ele se refere ao século XIII e o sistema feudal, e os descreve em função das formas de trabalho e da concentração de terras nas mãos da nobreza. A ênfase nas condições de vida da maior parte da sociedade não poderia deixar de ser notável no capítulo que se refere à “*vida moderna*”, a do século XIX. Wrong mantém a abordagem social e reconhece a oposição entre

²⁸² HARDING, Samuel B. *The British Nation: A History by George M. Wrong*, review. *The American Historical Review*, Vol.9, No. 2. (jan. 1904). p. 349.

²⁸³ WRONG. *The British Nation*. Pg V

²⁸⁴ GREEN, John R. *A Short History of The English People*. London, Macmillan & Co., 1874. Pg. VI

²⁸⁵ WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 138

as elites industriais e os operários, tentando manter-se imparcial em relação aos conflitos de classe, e reconhece o direito de “*livre organização das classes trabalhadoras em uniões comerciais*”.²⁸⁶

Podemos ir além e perceber as influências do espaço norte-americano sobre esta valorização dos aspectos sociais na obra de Wrong, reconhecendo a inserção de *The British Nation* em uma rede temática e um mercado editorial que são muito mais amplos do que no Canadá. Georg Iggers busca diferenciar o mundo anglófilo em relação ao historicismo que dominava o panorama das ciências humanas na Europa continental no período, reconhecendo naqueles países uma ideia de “sociedade civil” que era muito mais independente do Estado. Isso significou uma produção histórica que renunciava a grandes explicações pautadas apenas em eventos políticos, mesmo que mantivesse uma concepção histórica evolucionista, como no historicismo.²⁸⁷ Na prática, isso significou a abertura dos estudos históricos para as contribuições de ciências como a economia e a sociologia para fornecer explicações sobre a sociedade moderna, o que se formula concretamente entre os historiadores americanos da *New History* (ou *Progressive History*, como se denominavam).²⁸⁸ Lutz Raphael insere elementos do pano de fundo para esta abertura historiográfica, trazendo a modernização, a industrialização e o imperialismo como processos que motivam novos temas e abordagens para a grande narrativa da “Ascensão do Oeste”.²⁸⁹ Ele segue a interpretação de Iggers ao indicar a história econômica e social como respostas historiográficas à dinâmica do avanço industrial e os dilemas sociais criados por ela. Os historiadores influenciados por tais tendências produziam tipicamente uma combinação de investigação social, intervenção política e pesquisa histórica, e os americanos da *progressive history* estavam entre os que pensavam a escrita e o ensino como forma de engajamento civil em prol de reformas sociais e democratização da nação.²⁹⁰

A obra de George Wrong pode ser pensada em referência a esta moldura ideológica e teórica, não como um caso que ilustra um modelo explicativo, mas como uma construção historiográfica vinda de uma rede de ideias comum. Dessa forma, é natural que os avaliadores

²⁸⁶ Ibid. 561

²⁸⁷ IGGERS, Georg. *Historiography in the Twentieth Century: from Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*. Wesleyan University Press. Hanover and London, 1997. Pg. 41.

²⁸⁸ Idem.

²⁸⁹ RAPHAEL, Lutz. ‘Experiments in Modernization’: Social and Economic History in Europe and the United States, 1880-1940. In: MACYNTIRE, ed. *Oxford History of Historical Writing: vol. 4*. Oxford, 2012. Pg. 98.

²⁹⁰ Ibidem. Pg. 99.

americanos tenham elogiado a valorização da “*social life*” no livro de Wrong, como Harding, que enaltece a eficiência em condensar a narrativa política sempre que possível para assim abrir espaço para os tópicos sociais, alegadamente baseados nas pesquisas editadas por Traill na obra *Social England*.²⁹¹ Na breve resenha feita por W.H. Cushing para o *The School Review* da Universidade de Chicago,²⁹² o autor também ressalta os sete capítulos que descrevem a vida social, notando o auxílio didático que representam os resumos e sumários de datas.

As imagens são o único ponto comum aos três textos e recebem destaque positivo nas avaliações americanas, sob a denominação “*illustrations*” nas três resenhas analisadas e na própria obra. Harding avalia os mapas e ilustrações como “*numerosas e bem escolhidas*” além de “*bem executadas*”,²⁹³ e minuciosamente aponta as exceções em que as telas de meiotom precisam de retoques ou que as legendas estão trocadas. Ele ainda exalta as datas de nascimento e morte que acompanham os retratos, os pequenos textos explicatórios que aparecem quando necessário e a indicação da fonte das ilustrações na lista fixada no início da obra. Cushing considera o manual fraco em mapas, mas as ilustrações são prezadas por seu grande valor. As imagens que são destinadas a representar “*condutas e costumes, e cenas históricas*” ganham ainda mais importância com aqueles pequenos textos explicatórios mencionados na resenha da AHA, que chamam atenção “*ao fato específico a que a imagem ilustra*”.²⁹⁴ Neste texto publicado no *The School Review* vemos a crítica mais substancial, a que aponta falhas graves para um livro de história: a insuficiência de referências bibliográficas, consideradas poucas, generalistas e desacompanhadas de comentários críticos, além da ausência de menções a fontes disponíveis para uso escolar. Entretanto, Cushing tem opinião semelhante à de Wrong, e acredita que as imagens cumprem a função de suprir esta deficiência epistêmica. O *The Journal of Education*, publicado pela Universidade de Boston e a mais antiga publicação educacional dos Estados Unidos, traz uma sucinta e elogiosa nota sobre *The British Nation*, em que as imagens recebem destaque por terem sido retiradas de “*fontes contemporâneas*”.²⁹⁵

²⁹¹ WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. pg. V

²⁹² CUSHING. *The British Nation: A History by George M. Wrong*, review. *The School Review*, Vol. 13, No. 4 (Apr., 1905), pp. 356-357

²⁹³ HARDING, Samuel B. *The British Nation: A History by George M. Wrong*, review. *The American Historical Review*, Vol.9, No. 2. (jan. 1904). p. 349.

²⁹⁴ CUSHING. Op. Cit. pg. 357.

²⁹⁵ *The Journal of Education*, Vol. 59, No. 7 (1467) (February 18, 1904), p. 106

Apesar de reconhecer a própria superficialidade e concisão, a resenha do *The Journal of Education* tem o mérito de ser objetiva em sua avaliação: “Preciso, erudito, imparcial”; “Digno de uso frequente como uma conveniente e confiável autoridade”; “Para o estudante leigo e o leitor comum, assim como para o uso em sala de aula, ele merece calorosa recomendação”.²⁹⁶ O texto estabelece uma relação que certamente deixou Wrong orgulhoso, colocando o seu manual na mesma prateleira de *A Short History of the British People*, de John R. Green, a das obras que conseguem contar o surgimento e o desenvolvimento de um povo de forma satisfatória em apenas um volume. Wrong menciona a obra de Green logo no primeiro parágrafo de seu prefácio como o exemplo vitorioso de uma história nacional que coloca a vida social dentre os aspectos mais importantes de uma nação, e ele vê o seu trabalho como uma atualização das informações sobre a sociedade britânica à luz da pesquisa moderna. A resenha se refere à editora americana *Twentieth Century Text-books* com reverência, e ressalta o merecimento e o prestígio da publicação por esta companhia.

A resensão do *The School Review* é particularmente interessante por avaliar o livro de Wrong em comparação com duas histórias da Inglaterra lançadas no mesmo ano por historiadores americanos, a primeira da autoria do ainda jovem Charles M. Andrews (que viria a ser um destacado historiador, presidente da AHA), e outra de Edward P. Cheyney, publicadas em Boston. As três possuem as qualidades essenciais para livros escolares segundo o resenhista Cushing, sendo a autoria de um *expert*, a presença maciça de ilustrações originais, os mapas exclusivos e a bibliografia. A obra de Wrong se destacaria por dois fatores: o melhor uso das imagens como parte integrante do livro, e a perspectiva que pensa a *Britain* como a soma de vários Estados.

Em suas 666 páginas, *The British Nation* acompanha o desenvolvimento de um país, o que implica uma narrativa histórica que se detém sobre eventos políticos que viriam a influenciar sua configuração como tal. Organizados cronológica e sincronicamente, os capítulos sucedem-se de acordo com o comando político da Inglaterra, desde uma rápida descrição da era pré-histórica, passando pela dominação romana, percorrendo as vidas de todos os reis e rainhas que estiveram no trono britânico. O ponto de partida da narrativa são as ilhas britânicas, com o destaque natural para a Grã Bretanha, que é politicamente hegemônica no arquipélago separado do continente europeu pelo Canal da Mancha. Iniciando pela descrição geográfica do território, passamos gradualmente aos destinos dos povos que se assentam nesta porção de terra cercada de mar, e também daqueles que foram dominados por

²⁹⁶ Idem.

seus habitantes, sempre pela perspectiva da formação de um império global e que incorpora suas conquistas culturais ao longo do seu processo de formação. Os capítulos que carregam os conceitos “civilization” (V, VIII), “society” (XI, XIX) e “social changes” (XXII) no nome, são aqueles dedicados à cultura e às relações sociais dentro desta complicada trama a que Wrong denomina *Britain*. Se o desenvolvimento político está posto como motor da história britânica, as trocas culturais e a riqueza social da composição deste país de vários Estados são o combustível, impulsionando o sistema político para suas transformações e arranjos através dos séculos. O ponto de chegada naquele momento seria o sistema imperial vigente em 1905, que considerava o Canadá um *dominion* que optou pela fidelidade ao grande império.

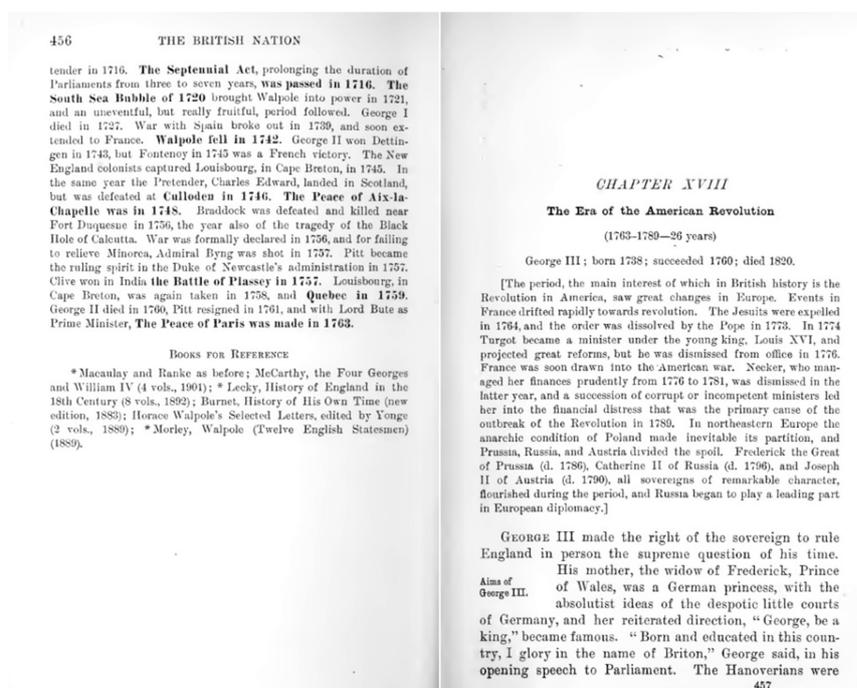
O uso do conceito de civilização é central para percebermos as visões de Wrong sobre o sentido da história, o prisma pelo qual ele enxerga o passado britânico. A sua ideia de civilização é associada ao progresso, ao desenvolvimento material e econômico das sociedades, em uma corrida predatória entre os povos para a imposição dos interesses do vencedor sobre os retardatários.²⁹⁷ O indicador mais comum para o desenvolvimento civilizacional na obra é a capacidade de edificação dos povos, consideradas as virtudes quantitativas e qualitativas da força de construção. Um governo que construiu estradas e levou urbanização para o interior da Inglaterra, como é dito sobre o tempo de dominação romana, é elogiado pelo progresso que traz, assim como aquele que possui a sofisticação cultural para erguer a mais bela catedral entre seus contemporâneos. Wrong também enaltece o progresso consequente do desenvolvimento do ordenamento jurídico, da criação de instituições voltadas ao conhecimento e do aprimoramento da capacidade de controle do estado, mas é realmente materializado em um luxuoso palácio ou nas docas de uma grande cidade portuária que o progresso se encontra na sua forma mais evidente.

Cada capítulo de natureza política traz bem definido o período que o compõe, com os anos de início e fim assinalados abaixo do título. Nota-se a vocação didática da obra, que a compele a explicar-se brevemente em um resumo inicial em cada capítulo e a mencionar fatos relacionados antes de prender o leitor propriamente em sua trama narrativa, e que convida aqueles interessados a um mergulho mais profundo na literatura sobre cada tema, orientado por Wrong. No texto anexo que se destina aos professores, ele considera que o *Index* e o

²⁹⁷ Uma passagem que ilustra esta ideia acontece quando narra-se o contato entre ingleses e romanos. Estes possuíam “*the elements of high civilization: fertile land [...] walled towns, country houses, roads, bridges, lighthouses, harbours [...]*”, aqueles eram “*rudes and uncivilized*” e “*must have found some use for some of these things*”. In: WRONG, 1903. Pg. 29.

Table of Contents devem ser usados como um “*working apparatus*”,²⁹⁸ servindo aos professores e alunos para a busca de tópicos através do tempo, tais como agricultura, o crescimento das cidades, vestimentas, e muitos outros que saltem aos olhos do leitor. Existem ainda os sumários de datas, pequenos resumos dos principais acontecimentos políticos dos capítulos elencados cronologicamente, com destaque em negrito para os mais emblemáticos. Podemos imaginar aqueles alunos que “ainda não despertaram o interesse para os estudos históricos”²⁹⁹ memorizando o resumo de um capítulo às vésperas de uma avaliação escrita, enquanto aqueles “*sound students*” levam a bibliografia indicada até os guichês das bibliotecas de suas escolas, ávidos pela conclusão de mais um artigo. Outros elementos constituintes da estrutura textual do livro são as inscrições destacadas no corpo do texto, “*book scripts*”, pequenos títulos que indicam o assunto tratado no parágrafo, impressos em fonte distinta e menor daquela utilizada no texto. Essas inscrições permitem a rápida localização de aspectos importantes da obra, além de organizarem visualmente as informações contidas no interior do texto, estabelecendo categorias que expõem a estrutura narrativa, tais como “*the character of the king*”, “*the course of the war*”, “*the death of*”, “*the results of the war*”.³⁰⁰

Figura 2 – Páginas de conclusão e início de capítulos: o texto é disposto visualmente para enfatizar o caráter didático da obra, organizando datas, eventos, personagens e destaques.



²⁹⁸ WRONG, George M. *Suggestions to Teachers*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 8.

²⁹⁹ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. pg. 8

³⁰⁰ Destaques retirados do capítulo XX, mas que se encontram em toda a obra.

O olho julgador de Wrong recai sobre todos os tipos de atores históricos, reconhecendo grandeza mesmo nos inimigos da Inglaterra, maldade entre os mais amados governantes e ganância entre os membros do clero que deveriam cuidar dos pobres. É de se notar que aqueles a que se atribui a capacidade de realizar mudanças na configuração social são geralmente definidos como grandes homens, as vezes fortes como gigantes.³⁰¹ Se a história para Wrong carrega o fardo da orientação moral,³⁰² principalmente em uma obra destinada à juventude anglo-canadense, não são poucos os exemplos de ações repreendidas por ele, e nem de elogios àqueles que agem com a conduta que considera apropriada. Sobre o século XIII, em que ele vê uma “*degradação moral das classes superiores*”, por exemplo, o comentário sobre a luta pelo poder é que “*as terríveis torturas e bárbaras mutilações das execuções por traição parecem à nossa época mais adequadas a selvagens Africanos do que a barões ingleses*”.³⁰³ Enquanto condena os barões ingleses do medievo, ele deixa suas orientações para a “nossa época” e ainda reforça o pensamento eurocêntrico que destila preconceito contra os povos africanos, isso tudo em duas linhas que deveriam remeter ao crescimento do poder da *House of Commons*. Ocasionalmente, Wrong escolhe personagens para exaltar, como Alfredo, o Grande, que sob a legenda de “*The Greatness of Alfred*” tem suas ações de governo categoricamente resumidas: “*Ele sempre trabalhou pelo bem de seu povo*”.³⁰⁴ Zelo e piedade podem ser atribuídos a guerreiros e ladrões, ambição e falsidade podem ser características de camponeses e artistas, mas não poderiam deixar de ser os reis os principais alvos das lições de moral dadas por Wrong.

A narrativa nos capítulos que acompanham o governo dos reis é marcada pela sucessão de eventos, de forma sincrônica e causal. As ações dos monarcas geram consequências na estrutura social, que ao se transformar e se adaptar, gera novos eventos e tensões políticas. Pelo menos dez capítulos carregam entre os primeiros parágrafos o destaque “*The Character of*” e o nome do rei que terá seu governo interpretado e narrado. Os personagens que são apresentados de forma mais íntima, tendo descritas as suas personalidades, origens e muitas vezes suas compleições, são aqueles que têm maior influência no “desenvolvimento político”, e assim afetam a vida do povo de maneira

³⁰¹ WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 51.

³⁰² BERGER, Carl. *The Writing of Canadian History: Aspects of English Canadian Historical Writing*. Oxford University Press, Toronto. 1976. pg. 13.

³⁰³ WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 171

³⁰⁴ *Ibidem*. pg.42

duradoura, geralmente membros da nobreza ou do clero. Os passos mais alargados em direção ao presente, aqueles que causam as maiores transformações na história da nação são os que envolvem algum dos seguintes aspectos: reformas sociais, participação em guerras e desenvolvimento do poder naval. Seguindo as premissas estabelecidas no prefácio da obra, Wrong busca nas ações e no discurso desta elite britânica suas contribuições para uma estrutura social que é para ele sinônimo de liberdade,³⁰⁵ e por isso lhe interessam as questões relativas ao regime de trabalho, conquista de direitos e ampliação da participação política. A guerra e o poder marítimo podem ser interpretados como elementos de uma identidade imperial britânica, da dita vocação que as ilhas possuem para a dominação global, e por isso são traços destacados da narrativa de Wrong. Podemos apontar os pontos altos da história da nação na obra, os momentos em que gasta-se mais tinta e tempo de pesquisa para recriar os eventos do passado, quais sejam: a invasão dos normandos na Batalha de Hastings; o contexto da Guerra dos Cem Anos (em que pesa as vitórias de Crécy e Poitiers, a revolta camponesa ao final da década de 1370, e o “*monumentous*” reinado de Ricardo II); o reino de Elizabeth; a grande guerra civil do século XVII; Revolução Inglesa de 1688; a Guerra dos Sete anos; a Era Moderna, que inclui a revolução francesa, a industrialização e as mudanças sociais causadas por elas ao longo do século XIX.³⁰⁶

Na maior parte da obra, seguimos Wrong acompanhando o caráter e os feitos dos monarcas ingleses, passando pelas tramas de poder que emaranhavam as nobres linhagens das notáveis famílias que detinham o poder nas ilhas britânicas. Teutões, Romanos, Vikings, Ingleses, Normandos e Franceses têm a sua vez no trono representativo do comando da nação britânica. Acompanhamos de perto os projetos de governo dessas personagens de destaque, e quando a documentação permite a Wrong, vamos juntos ao íntimo delas, vivendo suas angústias e vendo suas realidades.³⁰⁷ Wrong abuse de uma linguagem descritiva, e não poupa o leitor dos esguichos de sangue dos pescoços vitimados pela ganância da nobreza britânica, das feridas purulentas causadas pelo arco longo nos campos de batalha e de deparar-se com os membros esquartejados de um traidor da pátria nas praças centrais de Londres, York ou

³⁰⁵ Ibidem. pg.42

³⁰⁶ Os sete momentos foram percebidos por mim durante a leitura. É interessante notar que o próprio Wrong aponta os períodos da história britânica que considera especiais no *Suggestions to Teachers*, sendo eles: o século XIII, o período Tudor, o período de Oliver Cromwell e o século XIX.

³⁰⁷ Wrong constantemente utiliza a ideia de ver o passado, tanto em seus textos teóricos quanto na narrativa do *The British Nation*. Na *lecture* proferida na Universidade de Toronto ele afirma que através das fontes primárias temos a possibilidade de enxergar o passado com os olhos daquele que o testemunha e o relata.

Edinburgo. O recurso da visualidade narrativa aproxima o leitor de um texto que é muitas vezes focado na sucessão de eventos, e o apelo à violência faz-se ainda mais forte no pensamento histórico de Wrong principalmente acerca da Idade Média e da jovem modernidade. É desta forma que os eventos do passado ganham ares de drama, angústia, raiva e medo, sentimentos que Wrong não pode sempre atribuir às personagens, mas pode assim convidar-nos a sentir fisicamente a experiência do passado imaginado por ele, o que é ainda amplificado pelas imagens. A violência choca e desta forma reforça a crença de Wrong no avanço da civilização, relegando seus símbolos – a poça de sangue na calçada, o machado do carrasco, as cabeças em estacas – a um passado bárbaro e assustador.

Em *The British Nation* a visualidade possui grande importância para o cumprimento da função de servir como um manual introdutório de história britânica para jovens em idade escolar. A visualidade aqui é compreendida sob duas perspectivas, sendo a primeira e mais óbvia relacionada às imagens que compõem o livro,³⁰⁸ e a segunda que considera as imagens mediadas pela linguagem verbal empregada de fato no texto.³⁰⁹ Ambas inserem-se na tentativa de evocar o passado visualmente, de reconstruí-lo, transportando o leitor no tempo até ele para que veja com os próprios olhos a realidade dos homens e mulheres que fizeram a nação britânica. A ideia de compreender o passado pela visão, de vê-lo pelos olhos daqueles que o vivenciaram, é presente em toda a obra de George M. Wrong, e aqui no *The British Nation* ela encontra-se ainda mais forte materializada nas 315 imagens. Em sua palestra inaugural na Universidade de Toronto, Wrong já demonstrava sua preocupação com o apelo visual da história, necessário para despertar o interesse dos jovens e, principalmente, como um caminho para o conhecimento das formas de vida do passado.

We have before us no historical monuments relating to the events that we study.[...] An English boy who goes to Westminster has a condensed object-lesson in history that should teach him, in a few hours, more than our youth can learn in many days of laborious study.³¹⁰

³⁰⁸ O conceito de imagem aqui considerado refere-se ao conjunto formado no texto por “*illustrations*”, genealogias, mapas e esquemas gráficos. As “*illustrations*” contêm fotografias e reproduções em gravura.

³⁰⁹ Na descrição textual de construções e paisagens, ou quando Wrong atribui adjetivos a um indivíduo tomando seu retrato como referente, por exemplo.

³¹⁰ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. Pg 5.

O monumento histórico na condição de vestígio, uma parte do passado ainda acessível aos olhos no presente, é percebido como a melhor fonte para conhecer a história. Acima de qualquer texto, os monumentos “falam”, eles são “testemunhas” dos séculos, e ensinam a história por si mesmos. A preocupação de Wrong justifica-se pela ausência desses monumentos na América, e que de alguma forma deve ser suprida para os estudos históricos. Em sua concepção, as imagens servem para suplantar esta deficiência, aliando-se ao texto narrativo (às vezes precedendo-o) para informar o passado britânico. No anexo *The Teaching of British History*, Wrong demonstra concepções sobre aspectos visuais da história de forma detalhada, defendendo-os como meios de instrução e referindo-se às imagens como “sobreviventes do passado”.³¹¹ No texto, é feita uma classificação em cinco tipos de imagens presentes na obra, com comentários sobre as possibilidades didáticas de cada um deles, revelando também o pensamento de Wrong sobre os seus usos na historiografia. Os cinco tipos são: arquitetura, retratos, pinturas modernas imaginadas,³¹² pinturas contemporâneas aos eventos e mapas.

A arquitetura possui papel de destaque no pensamento histórico de George M. Wrong, considerada “uma fonte de informação sobre o passado muito valiosa”,³¹³ e pode ser usada como ponto de partida para a compreensão do modo de vida dos homens do passado. Como já analisamos, a condição de monumento histórico eleva a arquitetura a um patamar simbólico para Wrong, mas não esgota as possibilidades de interpretação quando analisada pelo que representa, mas também pelo que lhe compõe. A razão de existir dos edifícios, o modo como foram construídos, as formas que os integram, não apenas daqueles reconhecidos como monumentos, mas de qualquer apropriação humana do espaço físico, são elementos de que “podemos adquirir instrução e prazer”.³¹⁴ Os estilos arquitetônicos recebem muita atenção de Wrong no *The British History*, como no capítulo denominado “Civilização no século treze”, em que é notável o destaque dado para o desenvolvimento arquitetônico dirigido pelos normandos após a conquista da Inglaterra, dentro de uma tradição de arquitetura que se firmou com a denominação Gótica. “A mais impressionante mudança externa que os conquistadores normandos elaboraram foi na arquitetura”,³¹⁵ afirma Wrong após comentar sobre a execução de estradas por todo o reino. Uma série de imagens pretende mostrar como a

³¹¹ WRONG, George M. *Suggestions to Teachers*. Toronto: Morang & Co., 1905. pg. 5

³¹² O termo usado por Wrong é *modern imaginary pictures* para referir-se a desenhos e pinturas feitas em períodos posteriores aos acontecimentos.

³¹³ WRONG, George. Op. Cit. Pg. 4.

³¹⁴ Ibidem. Pg.5.

³¹⁵ WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 151.

arquitetura românica vai se tornando refinada e complexa, capaz de obras mais grandiosas com o passar do século, consequência do conhecimento trazido pelos cruzados após suas batalhas e pela melhoria na produção de machados usados no recorte de pedras. Certos conceitos dependem das imagens, e o texto depreende que o leitor buscará nelas a informação, como a diferença entre o arco ogival e o arco redondo. A linguagem visual da arquitetura é reconfigurada em esquemas ilustrativos que comunicam uma concepção histórica. Em comunhão com o conhecimento técnico de arquitetura, o autor demonstra sensibilidade estética e interpreta as construções ao dizer que “o olho é conduzido para cima e encontra o vidro brilhantemente pintado, um dos melhores produtos da época”³¹⁶, ao descrever a Catedral de Canterbury. A escrita torna-se o veículo principal do discurso ao comparar as construções dos nobres no século da ocupação normanda. As representações imagéticas dos castelos estão dispersas e sem o suporte de legendas, e não informam diretamente sobre o avanço em técnicas construtivas ou disposições volumétricas. É na linguagem descritiva de Wrong que o conhecimento de arquitetura se expressa:

The square Norman keep gave way in the reign of John to the round-tower, and by the time of Edward I we have what is called the Edwardian castle, an elaborate structure with a complicated system of defences. It was entered by an imposing gateway, itself a tower of defence, and sometimes there were two moats, and a second or third wall to pass before the inner courtyard was reached. Here were to be found at last not merely the hall and the few bed-chambers like cells of the earlier age, but a dwelling-house that in time became comfortable.³¹⁷

Notamos a tentativa de construir uma imagem deste tipo de construção através da descrição, na qual o leitor é convidado a percorrer a edificação na companhia do autor, dirigindo sua imaginação para o sistema de defesas ou para o conforto dos aposentos, refletindo sobre aspectos culturais e sociais através da visualidade evocada. Retomando as reflexões iniciais de seu *Historical Study in the University*, de 1895, a preocupação com a imagem como material para a história já estava presente: “Para nós [da América do Norte], a história é menos pitoresca”.³¹⁸ Novamente a visualidade da história é colocada como elemento preponderante para despertar o interesse dos estudantes, e principalmente como forma de

³¹⁶ Ibid. Pg. 154

³¹⁷ Ibid. Pg. 158.

³¹⁸ WRONG, George M. *Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture*. Toronto; The Bryant Press, 1895. Pg.6

obtenção de conhecimento. A utilização da ideia de pitoresco é muito expressiva da concepção histórica presente aqui. O termo originário do italiano é empregado no sentido de algo que possui as características de uma pintura, e é ressignificado na língua inglesa como um conceito estético relacionado ao belo e ao sublime. No dicionário de Samuel Johnson de 1818, a apropriação da palavra é notada, e aparece com o sentido de:

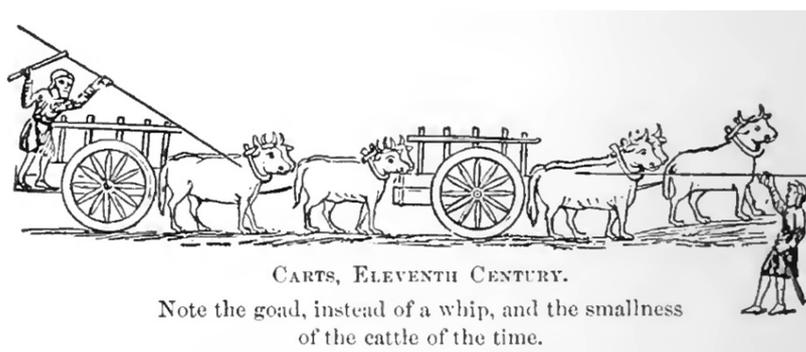
o tipo peculiar de beleza que é presente em uma imagem, natural ou artificial; atingir a mente com grande poder ou prazer na representação de objetos da visão; e pintar na imaginação qualquer circunstância ou evento tão claramente quanto em uma pintura.³¹⁹

Em um dicionário contemporâneo à publicação das obras de Wrong em estudo, o *Chambers's twentieth century dictionary of the English language*, de 1902, a definição de *picturesque* é:

adj. Como uma pintura; como se pudesse tornar-se uma boa ou impressionante pintura; que expressa a agradável beleza de uma imagem.³²⁰

Percebemos que a utilização da palavra *picturesque* para concluir uma reflexão tão importante para a concepção de história apresentada pelo autor é resultado também de uma apropriação de um termo das artes, propriamente da pintura, pelo meio acadêmico histórico para denominar uma característica ou qualidade sua. Segundo George M. Wrong esta característica não é uma marca ocasional, mas uma qualidade e um objetivo a ser seguido pela história e seu ensino.

Figura 3 – Imagens contemporâneas aos eventos representam a vida do povo.



Fonte: WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg.62.

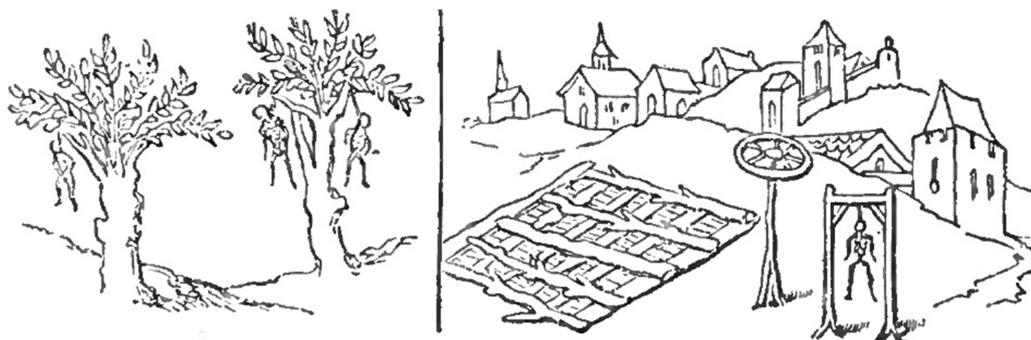
³¹⁹ JOHNSON, Samuel. *A Dictionary of the English language*. London: A. Strahan, 1818. Sem paginação.

³²⁰ DAVIDSON, Thomas. *Chambers's twentieth century dictionary of the English language*. London: Chambers, 1903. Pg. 693.

A imagem é equiparada à narrativa histórica como veículo ou campo de elaboração de sentido para a história quando tratam-se de pinturas contemporâneas aos eventos. Para fins didáticos são os tipos de imagem mais úteis aos estudantes, abrindo-se aos “*olhos críticos*”³²¹ para novas interpretações e novos sentidos. Quando comparadas às imagens modernas, Wrong as vê de forma crua e artisticamente incompletas quando têm origem em tempos remotos, mas como fontes despertam profundo interesse, pois representam o pensamento no passado e iluminam fatos sobre ele. Wrong cita exemplos, como na página 62 do *The British Nation*, na qual uma imagem retirada das iluminuras de um manuscrito do século XI serve como representação da vida rural da época, em que para ele destaca-se a miudeza do gado em comparação com os de seu tempo. Também na página 148, onde temos a gravura de uma rua medieval, usada como registro dos hábitos sanitários da população, que jogava o conteúdo de seus baldes diretamente nas estreitas ruas atingindo os transeuntes, inconveniência que não poupava ninguém, nem mesmo o santificado Luís IX da França. É importante perceber que para Wrong a imagem ilumina aspectos da vida social que não estariam contemplados nas fontes textuais, detalhes que nem mesmo o mais atento cronista seria capaz de transmitir, não por incompetência ou desatenção, mas pela natureza formal do texto escrito. A imagem é capaz de incorporar características da realidade que não estão acessíveis às ferramentas da linguagem, mas apenas às da visualidade, e quando reproduzidas (independente do suporte material), repassam-nas ao presente, ampliando a compreensão sobre o passado. É emblemático o uso das paisagens para expandir a compreensão dos tempos passados, como na página 145, em que temos dois pequenos desenhos retirados de um manuscrito medieval, sobre a legenda “*Ornaments of a Medieval Landscape*”, em que vemos corpos pendurados pelo pescoço em árvores no meio do campo na primeira imagem, e em uma forca em cenário urbano na segunda. O propósito destas imagens na obra é ampliar a ideia lançada no começo da página de que a morte era a pena até mesmo para o mais trivial crime, em um contexto em que a vida humana era pouco respeitada. Segue-se uma descrição gráfica e detalhada de outras penas de morte, não apenas por enforcamento, mas nenhuma menção à paisagem de fato. As imagens servem como prova a um modelo de explicação do funcionamento jurídico da sociedade medieval, e o exemplo singular que representam é compreendido como a regra para uma paisagem deste período da história inglesa.

³²¹ Idem.

Figura 4 – Ornamentos de uma paisagem medieval.

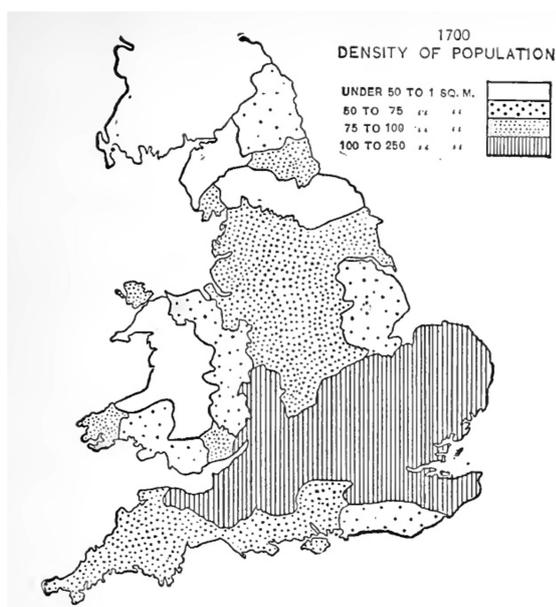


“ORNAMENTS OF A MEDIEVAL LANDSCAPE.”

Fonte: WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 145.

Os mapas possuem status elevado entre as imagens da obra: são o único tipo que recebe cor, e por isso são produzidos de forma distinta do restante do livro. São seis mapas de página inteira, coloridos e impressos separadamente das páginas em preto e branco. Não há um critério claro para sua seleção, sendo um mapa das ilhas britânicas, um mapa mundi em que está marcado o Império, a África do Sul, a Índia, a Inglaterra de Alfredo, e os mosteiros no tempo de Henrique VIII. Há outros dezessete mapas em preto e branco, posicionados ao longo da narrativa como as outras imagens. Este tipo de imagem é geralmente associada a eventos políticos, como algum reinado ou o resultado de um tratado, mas também veicula informações que necessitam de um suporte científico, como a distribuição étnica da população ou a presença dos recursos naturais nas ilhas britânicas.

Figura 5 – Mapa demográfico presente no primeiro capítulo do livro.



Fonte: WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg.7.

Vejamos como as imagens funcionam no primeiro capítulo, que trata de geografia e raça. A narrativa inicia com uma informação precisa do tamanho das ilhas britânicas em relação ao globo, seguida da afirmação de que apesar do tamanho modesto elas têm maior influência sobre a humanidade do que qualquer outro Estado. A análise feita neste capítulo segue o fio condutor da determinação geográfica, afirmando que a disposição insular teria sido o fator preponderante no avanço social e político dos britânicos, já que se beneficiaram da necessidade de navegar antes que outros povos. Um hemisfério terrestre com as ilhas situadas no centro é a primeira imagem, e suporta a ideia de que “*era natural que ela se tornasse o centro do comércio mundial*”³²², uma das poucas imagens a que o texto se refere diretamente. Este capítulo inicial apresenta um discurso histórico que se apoia nos dados estatísticos e nos esquemas comparativos de geografia e população: um mapa pluviométrico acompanha a assertiva de que as Ilhas Britânicas possuem grandes e densos pastos propícios para a criação de ovelhas, o que teria facilitado a entrada na “*corrida industrial*”; na página seguinte, um mapa das minas de carvão na Inglaterra está disposto junto ao texto que diz que “*quase todos os minérios de valor econômico são encontrados dentro de suas fronteiras*”³²³; dois mapas demográficos encerram a narrativa da destinação à indústria, mostrando a densidade populacional em 1700 e depois em 1900, “*antes e depois do desenvolvimento da indústria*”³²⁴, e que evidencia a concentração de habitantes próxima às minas de carvão. Essa série de imagens recebeu o mesmo tratamento gráfico, em que a representação territorial é acompanhada de escalas numéricas, padrões de preenchimento são associados a informações (hachuras verticais representam até 200 habitantes por milha quadrada, por exemplo), margens retangulares, e até o texto no interior das imagens é apresentado supostamente neutro, em tipografia de caixa alta e sem serifa. O tipo de representação visual relativo às informações geográficas e estatísticas difere completamente das imagens sobre os povos da pré-história, duas páginas adiante.

Figura 6 – Ilustração de uma ferramenta pré-histórica no primeiro capítulo.



Fonte: WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg.9.

³²² Ibid. Pg. 2

³²³ Ibid. Pg. 6

³²⁴ Ibid. Pg. 7

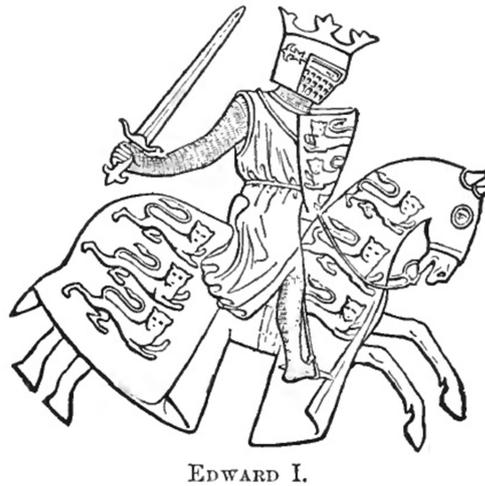
Trazendo para uma análise comparativa a obra de Charles Andrews, *A History of England* (1903), tratada em paralelo com a de Wrong desde a crítica no *The School Review*, podemos observar como a visualidade está inserida no projeto do livro. Mesmo que as imagens não sejam motivo de elaboração teórica escrita por parte de Andrews (em contraste com Wrong, que tenta justificá-las sob um ponto de vista epistemológico) e totalizem um terço da quantidade de *The British Nation*, elas trabalham de forma mais consciente na obra do historiador americano. Essa afirmação se sustenta na análise de imagens análogas entre as duas obras [figuras 7 e 8], por exemplo, no livro de Wrong, o selo real de Eduardo I é representado em uma cópia indireta, uma ilustração feita a partir do selo original, retirando a imagem do suporte material em que estava inserido no passado.³²⁵ Em *A History of England*, o selo de Eduardo III, neto daquele rei, é reproduzido em uma fotografia, representando o selo em sua totalidade,³²⁶ sem que seus elementos sejam decupados para a ilustração de determinados tópicos. Esse contraste é notado também em representações de tumbas reais, detalhes arquitetônicos, e da tapeçaria de Bayeux, tópicos comuns que estão reproduzidos de formas distintas nas duas obras. Mesmo os retratos de personagens eminentes (gênero mais comum no livro) aparecem em fotografias que abrangem suas molduras e suportes. Outro ponto que se destaca é a incorporação de fotografias e *facsimiles* de documentos históricos no manual de Charles Andrews, como a Magna Carta [figura 9],³²⁷ que tem trechos reproduzidos do original, legendados com a transcrição em latim e com a tradução para o inglês. O ponto enfatizado aqui é que as tradições iconográficas são parte da experiência educativa da obra, em que as imagens são apresentadas com o cuidado para que seus contextos de origem não desapareçam e sejam parte significativa da interpretação de seus sentidos. Não é só a imagem de Ricardo III que importa para a história da Inglaterra, mas também a forma e o meio em que era representado no seu tempo. Em relação às premissas historiográficas que orientam a obra, podemos notar uma grande afinidade com a história escrita por Wrong. As duas concebem a nação britânica como um conglomerado de povos unidos pelo Império, entretanto, contam apenas a história da Inglaterra, da perspectiva da ilha europeia, submetendo a ela o passado de todos as outras gentes. A ênfase na vida social do passado é outra característica que as duas obras buscam compartilhar, dividindo seus espaços narrativos entre os eventos da história política e as transformações sociais e econômicas do passado.

³²⁵ WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 121

³²⁶ ANDREWS, Charles. *A History of England*. Allyn and Bacon. New York and Chicago, 1903. Pg. 164

³²⁷ Idem. Pg. 118.

Figura 7 – Ilustração feita a partir do selo de Eduardo I, presente em *The British Nation*.



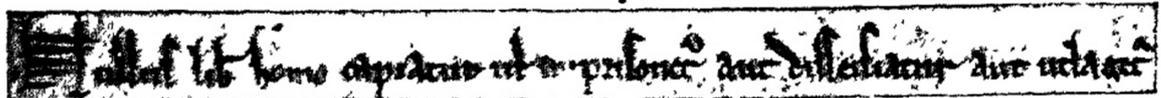
Fonte: WRONG, George M. *The British Nation: A History*. Toronto: Morang & Co., 1905. Pg. 121.

Figura 8 – Fotocópia do selo de Eduardo III, na obra *A History of England*.

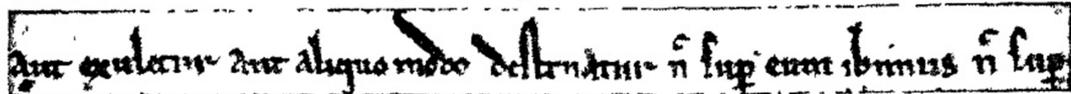


Fonte: ANDREWS, Charles. *A History of England*. Allyn and Bacon. New York and Chicago, 1903. Pg. 164.

Figura 9 – Trechos da Magna Carta reproduzidos e transcritos no livro de Andrews.



Nullus liber homo capiatur, vel imprisonetur, aut dissaisiatur, aut utlagetur,
No free man shall be taken, or imprisoned, or dispossessed, or outlawed,



aut exuletur, aut aliquo modo destruaturs, nec super eum ibimus nec super
or banished, or in any way destroyed, nor will we go upon him nor upon

Fonte: ANDREWS, Charles. *A History of England*. Allyn and Bacon. New York and Chicago, 1903. Pg. 118.

A contradição entre a concepção de uma plural nação britânica e a narrativa centrada na história inglesa é expressa de forma mais problemática no capítulo XXIII de *The British Nation*, aquele que reúne o destino dos *British Dominions* e condensa a perspectiva imperialista de forma mais clara. O texto começa aclamando a coragem e o espírito civilizatório dos ingleses, que ocuparam e uniram todas essas terras antes abandonadas. Wrong divide os Estados em três classes: territórios que já continham povos e que agora estão submetidos ao Império, a Índia é o melhor exemplo; territórios que devido à colonização são ocupados pela “*British race*”, o Canadá representa esse modelo; e as estações que cumprem função estratégica ao Império, ilhas e postos litorâneos. Em seguida vamos a uma breve história de cada um dos Estados que Wrong considera os mais importantes, naturalmente iniciando pelo Canadá. É fácil perceber que todos os povos nativos dos territórios ocupados pelos britânicos são simplesmente ignorados sob a alcunha de selvagens, e Wrong chega a dizer que a Austrália estava desocupada, à espera da energia britânica. A exceção é a Índia, que possuía mais de duzentas línguas e diferentes estágios civilizacionais, mas que aguardava pela dominação de um povo capaz de impôr a ordem como os britânicos fizeram, um dever que caiu sobre o Império para garantir o funcionamento do comércio com os europeus. A cultura e a organização social de todos esses povos são sumariamente excluídas da narrativa, e eles não são considerados partícipes da formação e desenvolvimento dos *Dominions*. Suas histórias começam quando os ingleses chegam e se desenvolvem com suas ações. Sobre o Canadá, Wrong pensa ser o melhor modelo para as outras nações por que conquistou a sua independência de forma pacífica e agora possui um sistema político representativo. Percebemos que a nação britânica de Wrong é de fato aquela que é imposta pelos ingleses, e que se ela se formou sob a influência de vários povos e incorporou suas culturas na antiguidade e na Idade Média, na modernidade ela se fecha e elimina qualquer força contrária à civilização, ao humanismo e ao comércio.³²⁸

Outros trabalhos historiográficos de Wrong demonstram a força das questões relativas à formação nacional e às relações entre Canadá, Estados Unidos e Inglaterra em sua obra intelectual, bem como informam sobre os critérios historiográficos que seguia na prática. Já escrevendo de seu departamento em Toronto, a primeira grande obra de Wrong que se aproxima de uma temática propriamente canadense é *The Earl of Elgin* (1905), sobre a vida de James Bruce, imperialista britânico que, na condição de Governador Geral do Canadá, teria avançado o sistema político na direção do governo responsável. Agora já reconhecido como

³²⁸ WRONG, 1905. 605-631

historiador, a preocupação de Wrong em revelar suas fontes primárias e utilizar as notas de rodapé é quase inexistente, e vemos aqui um produto editorial mais elaborado, em que podemos reconhecer o padrão de uso da visualidade que identificamos em *The British Nation*, com a predominância de retratos e imagens de arquitetura, de forma ilustrativa. A narrativa segue a vida do Conde cronologicamente, representando-o como um homem do mundo, um “estadista de princípios liberais claramente definidos, e de caráter resoluto”³²⁹, que leva o desenvolvimento e a modernidade para as diversas regiões do império para onde é enviado. Carl Berger indica que a historiografia canadense desta primeira geração profissional foi estreitamente associada a uma proposta imperialista, em que são notáveis as explicações teleológicas que culminam na liberdade do Canadá e em sua união definitiva pela Confederação,³³⁰ e o Conde de Elgin serve perfeitamente a esta literatura como um herói, uma figura de ligação entre Canadá e Inglaterra, representando a estabilidade e a capacidade de adaptação atribuídas pelos imperialistas ao sistema de governo instituído no *dominion*.

Outra obra que demanda muita atenção é *A Canadian Manor and Its Seigneurs, the story of a hundred years, 1761-1861* (1908). Escolhido por Berger como o melhor trabalho de Wrong,³³¹ o livro representa a categoria que analisa as relações entre o Canadá Francês e o lado Inglês, contando a história de uma família de proprietários de terras em Murray Bay (hoje chamada La Malbaie), no Québec. Aqui, o autor medita sobre a percepção do passado no presente, buscando os sinais da vida humana em um lugar de natureza estonteante, onde encontram-se vale, montanha e rio, e onde a história parece não alcançar. Em um dos períodos de férias passados ali, sua diligência o levou a vasculhar a região e a encontrar um caderno de cartas copiadas em um dos poucos casarões antigos ainda de pé. O achado permitiu a Wrong um mergulho no passado de uma família imigrante da Escócia, que se estabeleceu ali ainda nos tempos da Conquista, e que, sem herdeiros, estava fadada ao esquecimento. A riqueza dos registros deixados pelo último patriarca encanta Wrong: “Tão íntimas eram as cartas que se poderia experimentar novamente os anseios e medos de mais de um século atrás. Com o tempo, de dentro da escuridão na qual tudo isto estava envolto, a história de Murray Bay tornou-se clara”³³². A obra segue a trajetória da família Nairne, mas o grande mérito é em analisar como as transformações políticas no cenário da América do Norte nos séculos XVIII

³²⁹ WRONG, G. *The Earl of Elgin*. George Morang & Co, Toronto, 1906. Pg. 41.

³³⁰ BERGER, Carl. 1986. Pg. 33.

³³¹ Ibidem. Pg. 15.

³³² WRONG, G. *A Canadian Manor and Its Seigneurs, the story of a hundred years, 1761-1861*. The Bryant Press, Toronto, 1908. Pg. VI.

e XIX alcançam a isolada região de Murray Bay e alteram a dinâmica social no vilarejo. Além disso, pelo fruto de suas pesquisas nos arquivos de Québec, Wrong consegue situar o senhorio dentro de uma rede imperial, que nos leva a acompanhar os membros do clã dos Nairne à Índia, à Gibraltar, ou às linhas de infantaria na Guerra de 1812. *A Canadian Manor and Its Seigneurs* reconhece a essência francesa do Québec, mas acima de tudo, constrói uma história para esta vila canadense que só possui sentido pelo entrelaçamento entre as culturas que aportam no país.

Entre os trabalhos de Wrong que tratam das relações entre o seu país e os Estados Unidos, vamos analisar *The United States and Canada: a political Study* (1921). Fruto de uma série de palestras concedidas à Wesleyan University, em Connecticut, o livro é um sinal de prestígio da “alta erudição como historiador do Professor Wrong”³³³, convidado como um exemplo de cidadão canadense que acredita na cooperação entre os povos de língua inglesa. Nesta obra podemos ver um dos poucos momentos em que Wrong prosa sobre a Primeira Guerra Mundial abertamente, como um bom historiador que busca explicar os motivos, e como um bom homem público, apresentando propostas para o presente. Ele abre suas palestras demonstrando a preocupação com os indícios de uma anexação do Canadá pelos Estados Unidos, agravados pela dívida contraída pelos Ingleses durante a guerra. A sua interpretação é de que os países anglófonos poderiam ter impedido ou encerrado o conflito se estivessem de fato cooperando, e que naquele momento, em 1920, a colaboração entre eles poderia levar a uma longa fase de estabilidade e crescimento econômico mundial. Ali em Middletown, Connecticut, Wrong se dirige aos americanos para lhes demonstrar as vantagens em conhecer e se aproximar do Canadá (e do Império Britânico), reconhecendo a inferioridade do seu país frente aos Estados Unidos. Admitir o Canadá como um vizinho soberano, suficientemente próximo pela língua, com a benção do Rei, seria para os estadunidenses a redenção por terem se desgarrado com a Revolução Americana, recomenda Wrong. Lembremo-nos que Wrong é um lealista britânico e defende a estabilidade constitucional, e naturalmente era crítico da Revolução Americana³³⁴, da qual os Canadenses haviam sido salvos “pela prudente liderança de Sir Guy Carleton”³³⁵. Na sexta e última aula que integra o livro, chamada *O Futuro*, Wrong clama para que o resultado de todo o processo

³³³ WRONG, G. *Introduction*. In: *The United States and Canada: a political Study*. Wesleyan University, Middletown, 1921. Pg. 8.

³³⁴ BELANGER, Damien-Claude. 2005. Pg.72.

³³⁵ WRONG, G. *Canada History*. In: *Encyclopedia Britannica*, 1911. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Canada Acesso em: 20/03/2018

histórico elaborado no restante dos capítulos seja o reconhecimento da nação canadense e a tomada de liderança de uma comunidade anglófona na nova ordem mundial. A guerra é para ele o ponto de inflexão, quando o nacionalismo canadense pôde emancipar o país para que agisse de intermediário, atendendo aos interesses de Inglaterra e Estados Unidos:

Neither of them has any ambitions which menace the other. They speak the same language and can understand each other's thought. They are both great trading and industrial nations. Both know perfectly well that peace is their highest interest. If they stand together for human well-being, they can at least make the world safe from the menace of great wars.³³⁶

Percebemos então a participação de George Wrong em uma mudança de mentalidade que é própria do período entreguerras, quando Estados Unidos e Inglaterra deixam de ser “*entidades antitéticas*”³³⁷ para os canadenses, e o discurso pela autonomia do país e sua participação nas relações internacionais alcança a produção historiográfica. Wrong já havia almejado exercer funções diplomáticas na Conferência de Paz de Paris, em 1919, quando fora recusado pelo comitê inglês,³³⁸ e agora atuava pela esfera em que sua autoridade se impunha, o meio acadêmico. Por fim, ressaltamos que esta nova mentalidade que se expressa na palestra de Wrong será confirmada em menos de uma década pelo estabelecimento da embaixada canadense em Washington, onde Humphrey Hume Wrong, filho de George, ocupará o mais alto posto entre 1946 e 1956.

³³⁶ WRONG, G. *The United States and Canada: a political Study*. Wesleyan University, Middletown, 1921. Pg. 175.

³³⁷ BELANGER, Damien-Claude. 2005. Pg. 267.

³³⁸ BERGER, Carl. 1986. 12-13.

Conclusão

Este estudo é uma investigação sobre o processo de formação de uma identidade canadense, sobre as bases da historiografia profissional produzida no país e sobre os preceitos didáticos que influenciaram o estabelecimento dos sistemas públicos de ensino na nação que se forma com a Confederação de 1867, com o ponto focal fixado no historiador George Mckinnon Wrong. Partindo do problema de pesquisa que reflete sobre como Wrong (e a rede em que se insere) pensa e constrói uma história para a nação canadense, seguido pela investigação de como essas ideias se expressam em sua obra escrita e em sua proposta didática, concentramos as análises em dois eixos de pesquisa que originam os capítulos desta dissertação. O primeiro eixo reflete sobre o quadro teórico de referência em que Wrong está inserido, e considera a profissionalização e a institucionalização como formas de responder à questão do estabelecimento de uma história nacional, em associação ao Estado e a um modelo social que é fortemente influenciado pelo panorama imperial Britânico. O segundo eixo aborda o sistema público de ensino canadense no tempo de vida de Wrong, e avança em uma interpretação de sua produção historiográfica, com especial atenção para *The British Nation: a History*, manual didático que conecta os preceitos da historiografia acadêmica seguida por Wrong às concepções dele acerca da educação geral e do ensino de história, de forma que pudemos perceber como estes elementos são constitutivos da identidade nacional e também expressam um modelo social definido pela elite intelectual do país.

Cada um dos eixos atendeu a objetivos específicos necessários para a compreensão dos problemas gerais a que o trabalho buscou responder, e que abrem portas para a interpretação do contexto que influenciava o Canadá do final do século XIX e início do século XX. No primeiro eixo buscamos como objetivos interpretar o nacionalismo canadense frente às ideias imperialistas que se destacavam no cenário intelectual canadense, situar Wrong no debate historiográfico de seu tempo, e perceber como os processos se desenvolvem coletivamente, envolvendo várias instituições ligadas ao conhecimento e preservação do passado. No capítulo que analisa a produção historiográfica de Wrong e os seus escritos diretamente ligados à educação, houve o esforço em definir os temas e os métodos centrais da produção escrita de Wrong, investigar como a visualidade se relaciona ao conhecimento histórico e à didática da história em sua obra, e pela análise dos sistemas públicos de ensino em que Wrong estuda e depois participa do planejamento, identificar as diretrizes que influenciam a sociedade canadense e são influenciadas por ela

Concluimos que de fato é a história crítica institucionalizada em associações históricas, na revista de crítica historiográfica, nos departamentos universitários e em entidades ligadas ao estado, que prevalece no Canadá no tempo de vida de Wrong, e a sua ação em todos esses espaços foi determinante. Por estes caminhos, o Canadá viu uma renovação dos estudos históricos, em que a pesquisa original pautada em fontes históricas se tornou o modo predominante de interpretação do passado para a reflexão sobre aspectos definidores da identidade nacional. No seu tempo de vida a historiografia profissional não pode ser considerada uma regra, mas é evidente que o seu trabalho na Universidade de Toronto foi fundamental para o estabelecimento de uma classe profissional de historiadores, fortalecida também pela atuação de colegas de outros centros universitários, como Charles Colby na Universidade de McGill, e Adam Shortt na *Queen's University*. A longo prazo, a associação destes homens construiu uma base material e intelectual para a historiografia canadense, e as ideias que colocaram em prática no começo dos anos mil e novecentos constituem hoje patrimônios da escrita de história acadêmica na América do Norte, considerando a *Canadian Historical Review* e o Arquivo Nacional reformulado por Arthur Doughty. A revista, especialmente, se afirmou como o principal veículo de historiografia no Canadá e passou a pautar o debate em um momento de transição para a história crítica. Wrong nunca reconhece a escrita de história como uma ciência, concebendo a pesquisa pautada em fontes, a construção narrativa e mesmo a crítica entre pares como elementos necessários para uma história que é ensinamento moral, uma dimensão da vida humana a ser estimulada para o desenvolvimento de uma sociedade estável, ordenada e que valoriza a tradição.

A história construída pela geração liderada por Wrong é assumidamente britânica, e assim define a nacionalidade canadense a partir de um passado em comum com os ingleses. O imperialismo dominava o cenário intelectual do país, e George Wrong foi um de seus defensores. Entretanto, a postura de Wrong é sobretudo uma defesa do Canadá, em uma concepção que valoriza a autonomia do país e a sua configuração política, aliados à herança cultural britânica. O seu tom comedido se expressa principalmente nos textos e colaborações acadêmicas relativas aos Estados Unidos, fugindo ao padrão imperialista que enxergava os estadunidenses como inimigos do império. Principalmente no período entreguerras, a sociedade canadense manifesta um novo comportamento frente aos britânicos, reivindicando

uma voz própria para a jovem nação e se aproximando da cultura dos Estados Unidos, e aqui George Wrong é incluído notoriamente, pois ele mesmo havia construído antes da guerra pontes para esta aproximação que se acentua na década de 1910. A influência britânica se revela principalmente no meio acadêmico canadense, para o qual a Universidade de Oxford se torna um modelo institucional e uma nascente que abastece os quadros docentes. Wrong assume e deseja esta influência, pondo-a como base para a reformulação de seu departamento na Universidade de Toronto, e busca na mais antiga universidade inglesa também as referências para a sua produção historiográfica. O departamento de história moderna da Universidade de Toronto torna-se o propulsor da história crítica no Canadá, essencialmente porque a ele está ligada a *Review of Historical Publications*, pela renovação do ensino segundo as práticas correntes nas maiores universidades europeias, porque ele introduz a história canadense no currículo pioneiramente, e porque ele faz parte da formação de uma elite de Ontário que ocupará os principais cargos dirigentes da nação.

A investigação sobre os sistemas públicos de ensino do Canadá no tempo de vida de George Wrong nos permitiu observar como a educação estava inserida naquele contexto social e como se relacionava com as ideias principais em circulação ali. Um ponto importante que incide sobre a nacionalidade canadense é a fragmentação do sistema de ensino de acordo com as províncias, que em associação com a ausência da história do Canadá na educação básica, certamente dificultou o avanço de um projeto de unidade cultural. O imperialismo se mostrou novamente uma força que agia sobre todos os espaços intelectuais, e a partir da geração de Wrong, passa a significar também o fortalecimento do nacionalismo canadense, coexistindo no espaço educacional com a história do Canadá. Esta primeira geração de historiadores profissionais que busca reconfigurar a história do país sobre novas bases, também tem participação decisiva sobre a definição do currículo e da bibliografia utilizada no ensino de história. Além da introdução da história do Canadá, o currículo abre espaço para a história moderna e diminui a importância dos clássicos, e também passa a incorporar atividades como a leitura de fontes, a interpretação de textos históricos e a escrita de narrativas. Wrong é uma figura central também nesta seara, identificando as necessidades a serem supridas pela reformulação e liderando a definição do novo *syllabus* para a província de Ontário, aquela que é referência para o resto do país. A escrita de *The British Nation* possui intenções para além do ensino da história das ilhas britânicas, e representa um projeto nacional mais amplo que se materializa na história. A construção de um passado britânico para o Canadá faz parte deste projeto, mas Wrong acredita que o ensino de história que ele

propõe para as escolas do país vai mais adiante, promovendo uma moralização da sociedade, o engajamento na vida pública e um senso de dever entre os jovens.

A obra escrita de Wrong no gênero historiográfico representa muito da sua atuação na sociedade canadense, conjugando temas e objetivos que estiveram presentes nas instituições das quais participou ou fundou. O imperialismo era um aspecto esperado para um autor que se reconhece como pertencente à nação britânica, e que tem a idade média inglesa como o seu primeiro tema de pesquisa. Ao longo de sua obra vimos uma ressignificação deste imperialismo, marcada principalmente pelo fortalecimento da defesa da autonomia canadense, conformando uma visão do império em que o Canadá é equiparado à condição da Inglaterra. É também notável a sua proposta de aproximação com os Estados Unidos, motivada por um reconhecimento de integração dos países anglófonos, e notadamente, norte-americanos. A obra *The British Nation* foi a peça central do mosaico que representa o trabalho de Wrong, conectando os seus princípios educacionais, as perspectivas imperialistas e nacionalistas, a apologia à pesquisa histórica e à história crítica, e a valorização da visualidade como caminho para o conhecimento histórico e para a didática. Encontramos um destaque dado por Wrong no manual de história britânica para o que ele denomina “*social life*”, e que se refere aos aspectos sociais, às condições de trabalho, e aos hábitos culturais dos povos do passado, minimizando os eventos políticos na narrativa. Pudemos relacionar este destaque à historiografia daquele momento, reconhecendo no mundo anglófilo uma tendência de abertura para estes aspectos a partir das últimas décadas do século XIX, o que se confirma também em outros manuais didáticos contemporâneos a *The British Nation*.

O que nós denominamos visualidade da história não se expressa apenas no manual e é uma parte constitutiva do pensamento teórico de Wrong para a história. Muitas vezes em comparação às fontes históricas escritas, para ele as imagens são vestígios que representam e informam sobre o passado, e podem iluminar tópicos que o texto não é capaz de expressar. Em suas concepções para a didática da história, a visualidade então ocupa lugar central, sendo uma necessidade para o ensino que se configura naquele começo de século XX. No que tange a história do Canadá, a falta de monumentos históricos é um problema a ser resolvido utilizando-se dos adventos da era da reprodutibilidade técnica, introduzindo no ambiente escolar as fotografias, mapas, gráficos e qualquer outro tipo de imagem que possibilite a visualização do passado. Com a análise das imagens de *The British Nation* em comparação com outros livros didáticos de história do mesmo período, concluímos que, apesar da

valorização da visualidade nas concepções de Wrong, o manual segue um padrão em que a imagem apenas ilustra o texto, e são raros os momentos em que elas são o ponto de partida para a reflexão histórica.

Os resultados produzidos pela pesquisa podem ser considerados relevantes dentro do panorama da história da historiografia, principalmente acerca do momento de afirmação da história crítica no ocidente até a Segunda Guerra Mundial. A primeira contribuição é a percepção de duas correntes de historiografia, e que de certa forma se relacionam à própria natureza do conhecimento científico, que são definidas, de um lado, por uma prevalência da ciência como um fim em si mesma, pautada por objetivos puramente racionais e de influência do espaço acadêmico germânico principalmente, e de outro, por uma valorização da função moral da história e da ciência, que pensa o conhecimento acadêmico em função de seus usos para a vida pública. Para o Canadá e para George Wrong, a história crítica foi estabelecida por uma preocupação com o lado social e com a moral, servindo também como força motriz da formação nacional. É importante analisar as estruturas do meio acadêmico canadense, e principalmente da sua historiografia, para refletir também sobre o ensino de história em perspectiva histórica, construindo articulações entre a história, seu ensino e a sociedade canadense que se desenvolve com estas estruturas, e também, relacionando estes elementos a um contexto mais amplo de modernidade, de construção da sociedade contemporânea e das relações políticas capitaneadas pelos países anglófonos desde aquele momento. Por mais que exista o foco em Wrong, este trabalho foi efetivo em representar a atuação de outros indivíduos que usualmente aparecem apenas nas notas de rodapé das obras de história de historiografia, ou são apenas mencionados de passagem, e nós pudemos acompanhar a atuação de Wrong em função de empreendimentos liderados por estes outros sujeitos, como Arthur Doughty e Adam Shortt. A institucionalização da historiografia tornou-se visível por diversas empreitadas, correspondendo a uma tendência de percepção do passado que se expressa no ocidente em associação ao estabelecimento do Estado e à industrialização.

Esta pesquisa conjugou a história da educação com a história da historiografia, analisando como os dois campos haviam construído suas interpretações sobre um período em que ocorre o surgimento da história moderna nas universidades canadenses, a reformulação do sistema público de ensino e em que aumenta o envolvimento dos historiadores profissionais na definição das diretrizes educacionais. Como a pesquisa demonstrou, os dois campos pouco tem cooperado entre si, e os estudos sobre o ensino de história acontecem mais por uma

perspectiva que analisa a universidade, deixando à margem o ensino básico. Entretanto, ressaltamos a necessidade de investigar a didática da história em perspectiva historiográfica, levando também em consideração as relações existentes entre as formulações teóricas sobre o ensino de história e os sistemas educacionais que respondem à sociedade. Esta colaboração entre os dois campos se justifica pela necessidade de se questionar o papel do historiador na sociedade, usualmente interpelado pela historiografia acadêmica apenas pelas escolhas metodológicas e teóricas, enquanto as questões referentes à relevância do conhecimento histórico para a educação dos jovens e às propostas didáticas oferecidas para a difusão deste conhecimento se mantêm secundárias na reflexão sobre a própria profissão. Esta postura de cientificação e extremado racionalismo exclui do alcance da disciplina histórica as dimensões do pensamento histórico que são indissociáveis da vida prática, limitando os propósitos e objetivos da disciplina.³³⁹ Para a história da educação é enriquecedor reinterpretar o próprio passado, buscando nele problemas de natureza historiográfica, iluminando a zona de contato entre o ensino básico e os processos que ocorriam nas universidades, e pela análise das formulações teóricas que orientavam o estabelecimento dos sistemas de ensino.

Por fim, esta pesquisa deixa abertas portas para novos estudos, destacando aspectos que não puderam ser investigados a fundo e que tocam o tema central tangencialmente. A Primeira Guerra Mundial é um evento determinante no espaço de tempo que este trabalho compreende, e poderia receber mais espaço ou uma pesquisa própria. O posicionamento de Wrong no debate gerado pela guerra é um tema que possui sólida base documental, e incide diretamente sobre a sua produção historiográfica e sobre sua vida pessoal, no que pesa a perda do filho Harold durante a Batalha de Somme, em 1916. O conflito foi determinante para a formação da nacionalidade canadense, altera o posicionamento do país nas relações exteriores, marca um momento de abertura para a influência cultural dos Estados Unidos, e pode ser investigado em seus efeitos sobre a produção historiográfica do período e sobre os sistemas educacionais. Outro aspecto que merece estudos mais profundos é a questão da visualidade, em investigações que podem se relacionar aos diversos objetivos deste trabalho. A sua presença nos debates historiográficos naquele momento, ao menos no mundo anglófono, pode ser melhor dimensionada e posta em referência às formulações de Wrong, de forma que possamos interpretá-la como um elemento da teoria da história. Os seus usos como um recurso didático abrem-se a múltiplas reflexões, e a questão da reprodutibilidade técnica

³³⁹ RÜSEN, Jörn. *The Didactics of History in West Germany: Towards a New Self-Awareness of Historical Studies*. In: *History and Theory*, Vol. 26, No. 3 (Oct., 1987). Pg. 276.

das imagens possui estreita sincronia com o estabelecimento dos sistemas escolares. A apresentação visual do conhecimento histórico, a utilização de fontes imagéticas para a produção de reflexões sobre o passado e para o ensino de história são características da obra de Wrong, e é importante conhecer a que referências isto se articula na história intelectual, revelando aspectos da visualidade da história na cultura visual daquele período. Enfim, ressaltamos a necessidade de estreitar os laços entre a história da educação e a história da historiografia, refletindo sobre a presença dos historiadores nas instituições escolares, sobre as suas propostas didáticas, e sobre as relações entre o conhecimento histórico e a sociedade propostas por eles. A disciplina histórica nas escolas ainda é uma das mais privilegiadas formas de reflexão sobre o passado, e o seu constante desenvolvimento exige a prática de análise de sua história sob os prismas da teoria e da didática, sempre em associação ao contexto em que estão inseridas.

Referências

Bibliografia

ACHESON, Katherine. “Gesner, Topsell, and the Purposes of Pictures in Early Modern Natural Histories”, in: HUNTER, Michael (Ed.). *Printed Images in Early Modern Britain. Essays in Interpretation*. Farnham: Ashgate, 2010. 127-144

ASSIS, Arthur Alfaix & MATA, Sérgio da. “Prefácio – O conceito de história e o lugar dos Geschichtliche Grundbegriffe na história da história dos conceitos”, in: Koselleck et al. *O conceito de história*, Belo Horizonte: Autêntica, 2013, 9-34

AVERILL, Harold. *George M. Wrong Family - University of Toronto Archives*. Toronto, University of Toronto Archives & Records Management Services, 2005.

BELANGER, Damien-Claude. *The Statute of Westminster (1931)*. In: Québec History, 2001. Disponível em: <http://faculty.marianopolis.edu/c.belanger/quebechistory/federal/1931.html>. Acesso em: 12/12/2017.

BELANGER, Damien-Claude. *Pride and Prejudice: Canadian intellectuals confront the United States, 1891-1945*. McGill University, Montreal, 2005.

BENTLEY, Michael (org.) (2006). *A Companion to Historiography*, London: Routledge.

BENTLEY, Michael. “The Turn towards ‘Science’: Historians Delivering Untheorized Truth”, in: *The SAGE Handbook of Historical Theory* (org. Nancy Partner & Sarah Foot), London: SAGE, 2013, 10-22

BERGER, Carl. *The Sense of Power: Studies in the ideas of Canadian imperialism*. Toronto, University of Toronto Press, 1970.

BERGER, Carl. *The Writing of Canadian History: Aspects of English Canadian Historical Writing*. University of Toronto Press, Toronto. 1986.

BERGER, Stefan. “‘Fathers’ and Their Fate in Modern European National Historiographies”, *Storia della Storiografia* 59-60, 2011, Pg. 228-247.

BERNHEIM, Ernest. *Lehrbuch der Historischen Methode*. Leipzig: Verlag von Dunker & Humblod, 1889.

BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 27-64.

BUCKNER, Philip; FRANCIS, R. Douglas. Eds.: *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006.

CHRISTOU, Theodore. History of Education Crossing the Street: Exploring the Tenuous Place of Educational History in Canadian Historiography. In: *Acadiensis*, Vol. 43, No. 2 (SUMMER/AUTUMN-ÉTÉ/AUTOMNE 2014).

DANYLEWYCZ, M. PRENTICE, A. Teachers, Gender, and Bureaucratizing School Systems in Nineteenth Century Montreal and Toronto. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 24, No. 1 (Spring, 1984).

DROYSEN, Gustav. *Outline of the principles of history*. Boston, Ginn & Company, 1893.

FLANAGAN, Thomas. *Riel and the Rebellion: 1885 reconsidered*. Toronto, University of Toronto Press, 2000.

FORSEY, Eugene A. Dominion of Canada. *The Canadian Encyclopedia*, 2017. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/dominion/>. Acesso em: 15/12/2017.

GAFFIELD, Chad. History of Education in Canada. *The Canadian Encyclopedia*, 2015. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/history-of-education/>. Acesso em: 15/10/2017.

GORDON, Stanley. Adam Shortt. In. *The Canadian Encyclopedia*. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/adam-shortt/>. Acesso em: 22/02/2018.

HARRIGAN, Patrick. A Comparative Perspective on Recent Trends in the History of Education in Canada. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 26, No. 1 (Spring, 1986).

HASTINGS, Paula. "Our Glorious Anglo-Saxon Race Shall Ever Fill Earth's Highest Place": The Anglo-Saxon and the Construction of Identity in Late-Nineteenth-Century Canada. In:

BUCKNER, Philip; FRANCIS, R. Douglas. eds. *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006.

HEYKING, Amy von. Talking about Americans: The Image of the United States in English-Canadian Schools (1900-1965). In: *History of Education Quarterly*, Vol. 46, No. 3 (Fall, 2006).

HILLMER, Norman. Statute of Westminster. In: *The Canadian Encyclopedia*, 2006. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/statute-of-westminster/> . Acesso em: 04/01/2018.

HOUSTON, S. PRENTICE, A. *Schooling and Scholars in Nineteenth-Century Ontario*. Toronto, University of Toronto Press, 1988.

IGGERS, Georg. "The Intellectual Foundations of Nineteenth-Century 'Scientific' History: The German Model". In: MACYNTIRE ed. *Oxford History of Historical Writing: vol. 4*. Oxford. 2012.

IGGERS, Georg. *Historiography in the Twentieth Century: from Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*. Wesleyan University Press. Hanover and London, 1997.

JOHNSON, H. *A brief history of Canadian education*. McGraw-Hill Company of Canada Limited, Toronto, 1968. .

KATZ, Michael. The Origins of Public Education: A Reassessment. In: *History of Education Quarterly*, Vol. 16, No. 4 (Winter, 1976).

KEARNS, Gerry. *Geopolitics and Empire: the legacy of Halford Mackinder*. Oxford University Press, New York, 2009. Pg. 9.

KELLY, Duncan (Ed.). *Lineages of empire: The historical roots of British imperial thought*. British Academy, London, 2009.

KOSELLECK, Reinhart (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro: Contraponto.

KOSELLECK, Reinhart. “A configuração do moderno conceito de História”; “História como conceito-mestre moderno”, in: Koselleck et al. *O conceito de história*, Belo Horizonte: Autêntica, 2013, 119-225

LACASSE, Danielle; LACHASSEUR, Antonio. *The National Archives of Canada (1872-1997)*. The Canadian Historical Association Historical Booklet n.58. Ottawa, 1997.

LAMB, W.K. Champlain Society. In: *The Canadian Encyclopedia*, 2014. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/champlain-society/> Acesso em: 07/03/2018

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introduction aux études historiques*. Paris: Kimé, 1992. (Versão facsimilar da primeira edição – 1898).

LINGELBACH, Gabriele. “The Institutionalization and Professionalization of History in Europe and US.”. In: MACYNTIRE ed. *Oxford History of Historical Writing*: vol. 4. Oxford. 2012.

LOWER, A. ‘Adam Shortt, Founder,’ *Historic Kingston* 17 (January 1969): 6.

MACKAY, B. FIRMIN, M. *The Historical Development of Private Education in Canada*. In: *Education Research and Perspectives*, Vol. 35, No. 2, 2008.

MACKINTOSH, W. A. Adam Shortt (1859-1931). In: *The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue canadienne d'Economie et de Science politique*, Vol. 4, No. 2 (May, 1938).

MARTINS, Estevão. “Historicismo: o útil e o desagradável”; in: Araujo et al. *A dinâmica do Historicismo*, Belo Horizonte, Argumentum, 2008

MARTINS, Estevão. *História e teoria na era dos extremos*. *Fênix - Revista de Estudos Culturais*. V. 2, n. 2, p. 1-19, abr./mai. 2006. Disponível em: www.revistafenix.pro.br.
Capturado em 10 maio 2017

MAURER, Kathrin. *Visualizing the Past. The Power of Image in the German Historicism*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2013, p. 1-25; 115-171; 217-223.

NOVICK, Peter. *That Noble Dream: the "objectivity question" and the American Historical Profession*. Cambridge University Press. New York, 1988.

OWRAM, Doug. Canada and the Empire. In: *The Oxford History of The British Empire – vol. V: Historiography*. New York, Oxford University Press, 1999. Pg. 146-150.

OWRAM, Doug. Introduction to the Second Edition. In: BERGER, Carl. *The Sense of Power: Studies in the ideas of Canadian imperialism*. Toronto, University of Toronto Press, 2013.

PARTNER, Nancy & FOOT, Sarah (orgs.) (2013). *The SAGE Handbook of Historical Theory*, London: SAGE.

RAPHAEL, Lutz. 'Experiments in Modernization': Social and Economic History in Europe and the United States, 1880-1940. In: MACYNTIRE, ed. *Oxford History of Historical Writing: vol. 4*. Oxford, 2012. Pg. 98.

RIENDEU, Roger. *A Brief History of Canada*. New York, Facts on File, 2007. Pg.187.

RÜSEN, Jörn (2001). *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*, Brasília: Ed. UnB.

RÜSEN, Jörn (2007). *História viva. Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico*, Brasília: Ed. UnB.

RÜSEN, Jörn (2007). *Reconstrução do passado. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica*, Brasília: Ed. UnB.

RÜSEN, Jörn. *The Didactics of History in West Germany: Towards a New Self-Awareness of Historical Studies*. In: *History and Theory*, Vol. 26, No. 3 (Oct., 1987). Pg. 276.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- SKINNER, Quentin. *Visions of politics. Vol. 1 – Regarding Method*. New York: Cambridge University Press, 2002.
- SMITH, Allan. *Canada: An American Nation? Essays on Continentalism, Identity, and the Canadian Frame of Mind*. Montreal, McGill – Queen’s Press, 1994. Pg. 6.
- SMITH, Allan. *The Continental Dimension in the Evolution of the English-Canadian Mind*. In: *International Journal*, Vol. 31, No. 3, 1776: *The U.S. and Us* (Summer, 1976). Pg. 445
- SOFFER, Reba. *Nation, Duty, Character and Confidence: History at Oxford, 1850-1914*. In: *The Historical Journal*, Vol. 30, No. 1 (Mar., 1987), pg. 77-83.
- SOFFER, Reba. *Nation, Duty, Character and Confidence: History at Oxford, 1850-1914*. In: *The Historical Journal*, Vol. 30, No. 1 (Mar., 1987), pg. 78..
- TORRANCE, D. E. *Instructor to Empire: Canada and the Rhodes Scholarship, 1902-39*. In: BUCKNER, Philip; FRANCIS, R. Douglas. eds. *Canada and the British World: culture, migration and identity*. Vancouver, UCB Press, 2006.
- UNGAR, Molly Pulver. “TRENHOLME, CLEMENTINA,” in: *Dictionary of Canadian Biography*, vol. 14, University of Toronto/Université Laval, 2003. Acesso em 08/01/2018. Disponível em: http://www.biographi.ca/en/bio/trenholme_clementina_14E.html.
- WALLACE, W.S. *The Life and Work of George M. Wrong*. *The Canadian Historical Review*, Vol.29, n. 03. (1948). Pg. 235-236.
- WILSON, Ian. *Sir Arthur George Doughty*. In: *The Canadian Encyclopedia*. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/sir-arthur-george-doughty/> .Acesso em: 20/02/18.
- WILSON, J. Donald. *Historical Perspectives on Canadian Educational History: a Review Essay*. In: *The Journal of Educational Thought (JET) / Revue de la Pensée Éducative*, Vol.11, No. 1. (April, 1977). Pg. 51.
- WILSON, STAMP, AUDET, eds., *Canadian Education: A History* (Toronto, 1970)
- WINEBURG, Sam. *Historical Thinking and other unnatural acts: charting the future of teaching the past*. Philadelphia: Temple university Press, 2001.

WRIGHT, D. The Canadian Historical Association: A History. Canadian Historical Association Booklet No. 62. Ottawa, 2003.

WRIGHT, Donald. The Professionalization of History in English Canada. University of Toronto Press, Toronto, 2005.

Fontes

ANDREWS, Charles. A History of England. Allyn and Bacon. New York and Chicago, 1903.

British North American Act, 1867. 30 & 31 Victoria, c.3 (U.K.)

BRYCE, James. Teaching of History in Schools. The Historical Association No. 4. University College. London, 1907. Pg. 1-2.

CANADIAN ARCHIVES. Documents Relating to the Constitutional History of Canada 1759-1791. 2nd Edition. L. Taché Printer, Ottawa, 1918.

Council of Public Instruction for Upper Canada. Course of Instruction in the Model Grammar School for Upper Canada. Lovell and Gibson, Toronto, 1861.

CUSHING. The British Nation: A History by George M. Wrong, review. The School Review, Vol. 13, No. 4 (Apr., 1905), pp. 356-357

DAVIDSON, Thomas. Chambers's twentieth century dictionary of the English language. London: Chambers, 1903. Pg. 693.

DOUGHTY, A.G. Preface. In: A Guide to the Documents in the Manuscript Room at the Public Archives of Canada. Vol.I. Government Printing Bureau, Ottawa, 1914. Pg. I.

Grammar School Manual. The Consolidated Acts Relating to Grammar Schools in Upper Canada. Department for Public Instruction for Upper Canada, Toronto, 1866. Pg. 11.

GRANT. Sir Daniel Wilson. In: 1911 Encyclopædia Britannica, Volume 28. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Wilson,_Sir_Daniel. Acesso em: 07/03/18.

GREEN, John R. A Short History of The English People. London, Macmillan & Co., 1874.
Pg. VI

HARDING, Samuel B. The British Nation: A History by George M. Wrong, review. The American Historical Review, Vol.9, No. 2. (jan. 1904)

Imperial Federation League in Canada: report of the first meetings of the League in Canada, held in Montreal, Saturday, 9th May, 1885.

JOHNSON, Samuel. A Dictionary of the English language. London: A. Strahan, 1818.

MATCHETT, M. W. The Present Public School Text-Book in History. In: Ontario Educational Association. Proceedings of the forty-first annual Convention. Toronto, 1902. Pg. 264–269.

MILLER. Methods in History. In: Ontario Educational Association. Proceedings of the forty-first annual Convention. Toronto, 1902. Pg. 255-263.

MOORE, W. F. History in Public Schools. In: Ontario Educational Association. Proceedings of the forty-third annual Convention. Toronto, 1904. Pg. 228-231

Ontario Educational Association. Proceedings of the forty-second annual Convention. Toronto, 1902.

Ontario Educational Association. Proceedings of the forty-second annual Convention. Toronto, 1903.

Ontario Educational Association. Proceedings of the forty-second annual Convention. Toronto, 1904.

POWICKE, F. M. Historical study in Oxford, an inaugural lecture. Oxford, 1929.

SHORTT, A. DOUGHTY, A. eds, Canada and Its Provinces. 23 vols (Toronto: Publishers' Association of Canada, 1913): Vol. 1,

SHORTT, Adam. Imperial Preferential Trade From a Canadian Point of View. Morang & Co. Toronto, 1904.

SMITH, A.L. The Teaching of Modern History. In: COOKSON, Christopher, Ed. Essays on Secondary Education. Oxford Clarendon Press. Oxford, 1898. Pg. 178.

STUBBS, W. Inaugural. Pg. 16. Apud. SOFFER, Reba. Nation, Duty, Character and Confidence: History at Oxford, 1850-1914. In: The Historical Journal, Vol. 30, No. 1 (Mar., 1987)

STUBBS, William. Seventeen Lectures on the Study of Mediaeval and Modern History. Oxford Clarendon Press. Oxford, 1900.

SULTE, DAVID, FRYER. History of Québec: Its resources and people. The Canada History Company, Toronto and Montreal, 1908.

The Calendar of University College. Toronto, Henry Roswell, 1869-1886.

The Journal of Education, Vol. 59, No. 7 (1467) (February 18, 1904), p. 106

The Protestant Episcopal Divinity School of Toronto. Calendar, Course of Study, and Rules and Regulations (1881-1882). Hunter, Rose & Co, Toronto, 1880.

The Protestant Episcopal Divinity School of Toronto. Calendar, Course of Study, and Rules and Regulations (1881-1882). Hunter, Rose & Co, Toronto, 1881.

The Round Table. A Quarterly Review of the Politics of the British Empire. Vol. I. November 1910 to August 1911. Arden Press, London, 1911.

The Woman's Canadian Historical Society of Toronto. Constitution. Toronto, 1895.

University of Toronto. Application and Testimonials of George M. Wrong, B.A., for the post of Professor of History in the University of Toronto. Toronto, 1884.

WRONG, G. A Canadian Manor and Its Seigneurs, the story of a hundred years, 1761-1861. The Bryant Press, Toronto, 1908. Pg. VI.

WRONG, G. Canada History. In: Encyclopedia Britannica, 1911. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Canada Acesso em: 20/03/2018

WRONG, G. Introduction. In: The United States and Canada: a political Study. Wesleyan University, Middletown, 1921. Pg. 8.

WRONG, G. LANGTON, H. eds. Review of Historical Publications Relating to Canada. Vol. 3. University of Toronto, Toronto, 1899.

WRONG, G. The Earl of Elgin. George Morang & Co, Toronto, 1906. Pg. 41.

WRONG, G. The United States and Canada: a political Study. Wesleyan University, Middletown, 1921. Pg. 175.

WRONG, G. Toronto. The Crusade of 1383, known as that of the Bishop of Norwich. James, Parker & Co., Oxford, 1892. Pg. V-VI

WRONG, George M. Historical study in the university and the place of medieval history: an inaugural lecture. Toronto; The Bryant Press, 1895.

WRONG, George M. History in Canadian Secondary Schools. In: The Study of History in Schools. American Historical Association, New York, 1898.

WRONG, George M. President's address: The Historian's Problem. Canadian Historical Association. Toronto, 1927. Pg. 3.

WRONG, George M. Suggestions to Teachers. Toronto: Morang & Co., 1905. pg. 5

WRONG, George M. The British Nation: A History. Toronto: Morang & Co., 1905. pg. 2

WRONG, George. The Creation of the Federal System in Canada. In: Federation of Canada (1867-1917). Toronto, Oxford University Press, 1917. Pg. 21.

WRONG, George. The Relations of the Legislature to the Executive Power in Canada. In: The American Political Science Review, Vol. 6, No. 1, Supplement: Proceedings of the American Political Science Association at Its Eighth Annual Meeting (Feb., 1912). Pg. 173.

WRONG, George. Three Great Democracies—After Many Years. In: New York History, Vol. 15, No. 1 (JANUARY 1934). Pg. 29.